



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Bárbara Angélica Gómez Pérez

**ABORTO PROVOCADO:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES**

**Salvador
2006**

Bárbara Angélica Gómez Pérez

**ABORTO PROVOCADO:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre, área de concentração: Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Normélia Maria Freire Diniz

**Salvador
2006**

UFBA – Biblioteca da Escola de Enfermagem

P438

Pérez, Bárbara Angélica Gómez

Aborto provocado: representações sociais de mulheres. Salvador, 2006.
80f. + apêndice + anexos

Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UFBA, 2006.

Orientadora: Profª Drª Normélia Maria Freire Diniz

1. Aborto 2. Aborto provocado 3. Aborto provocado – Assistência
4. Representações sociais I. Título

CDU: 618.39

Bárbara Angélica Gómez Pérez

**ABORTO PROVOCADO:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra, área de concentração: Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher.

Aprovada em 18 de dezembro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Normélia Maria Freire Diniz Normélia Maria Freire Diniz
Doutora em Enfermagem e professora pela Universidade Federal da Bahia

Maria de Fátima de Souza Santos Maria de Fátima de Souza Santos
Doutora em Psicologia e professora pela Universidade Federal de Pernambuco

Mirian Santos Paiva Mirian Santos Paiva
Doutora em Enfermagem e professora pela Universidade Federal da Bahia

Solange Maria dos Anjos Gesteira Solange Maria dos Anjos Gesteira
Doutora em Enfermagem e professora da Universidade Federal da Bahia

DEDICATÓRIA

Ao meu grande amor **Renato**, pelo companheirismo, cumplicidade, apoio, incentivo e compreensão incondicional em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis que foram essenciais nesta caminhada e para que esta vitória fosse possível.

À minha mãe **Francisca**, mulher guerreira, amiga, pela minha existência, pelo amor incondicional, por ter me ensinado o caminho da verdade, honestidade, sinceridade, de nunca desistir dos meus sonhos e o caminho da fé. Que apesar da distância física se fez sempre presente em todos os momentos com palavras de conforto, incentivo e orações constantes, acreditando sempre na minha capacidade de vencer.

Às minhas irmãs **Paola e Elizabeth**, minhas melhores amigas, incentivadoras incansáveis, sempre tão próximas mesmo que distantes fisicamente. Pelo amor, carinho, apoio, companheirismo, entusiasmo e por sempre acreditarem nesta conquista.

Amo vocês, obrigada por acreditarem em mim ...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela presença imutável, pela proteção, força, sabedoria, tranquilidade e coragem durante toda minha vida e em especial nesta trajetória.

Ao meu amor Renato, pelo carinho e preocupação constantes, pelos cuidados tão especiais desde o acordar até o adormecer de forma tão peculiar. Você fez esta vitória possível!

À minha mãe e irmãs, minha família, pela certeza do amor, carinho e incentivo constantes. Vocês são minha fortaleza!

A orientadora Professora Dra. Normélia Maria Freire Diniz, pela orientação, apoio e compreensão na construção deste trabalho. Pelos ensinamentos tanto científicos quanto pessoais e conforto nos momentos difíceis.

À Coordenação da Pós-Graduação e todas as professoras pelo apoio e contribuição para o meu crescimento em todos os sentidos.

Às Dras. Maria de Fátima de Souza Santos, Mirian Santos Paiva e Solange Maria dos Anjos Gesteira pelas contribuições e sugestões feitas para o aprimoramento deste trabalho.

À Dra. Enêde Andrade da Cruz, pelo carinho, apoio, incentivo e fornecimento de materiais e conhecimentos essenciais para a realização deste trabalho.

À Dra. Regina Lúcia Mendonça Lopes pelo aprendizado, apoio e incentivo dispensados nesta trajetória.

À Dra. Greice Maria de Souza Menezes pela disponibilidade e contribuições no fornecimento de materiais e conhecimentos sobre o tema.

Ao Grupo de estudos sobre Saúde da Mulher – GEM pelas possibilidades de discussões e aprendizado na temática Saúde da Mulher.

Às minhas cunhadas Romi e Carol, pelo apoio, incentivo e preocupação, sempre na torcida, acreditando nesta vitória.

À amiga Michelle Araújo Moreira, Mi, pela amizade verdadeira, pelas palavras de apoio, conforto, carinho e pelas contribuições sempre na certeza desta conquista. Pelo acolhimento e compartilhamento em todas as situações vividas durante esta caminhada de forma tão singular.

À amiga Lucideine Santos Silva, Lú, pela amizade, preocupação e companheirismo, por compartilhar de todos os momentos desta trajetória de forma tão especial e carinhosa. Pela disponibilidade e contribuições nesta trajetória.

À amiga Ednir Souza Assis, Ni, pela amizade, companheirismo, por compartilhar das alegrias e tristezas de forma tão especial.

À amiga Raimeyre Marques Torres, pela amizade e contribuições tão valorosas na construção deste trabalho. Por ter compartilhado comigo não somente seu conhecimento e materiais, mas principalmente sua amizade.

À Rosana Souza dos Santos, pela ajuda e companheirismo durante a coleta de dados, sua participação foi muito importante para a concretização desta pesquisa.

À nova amiga Lene, pela disponibilidade, entusiasmo, solidariedade, apoio e contribuições tão importantes na construção deste trabalho.

Às amigas: Lílian Guimarães, Tânia Bispo, Aldacy Gonçalves, Eliana Ferraz, Cristina Camargo, Claudete Varela e Patrícia Marques que me acompanharam desde a minha chegada nesta cidade, partilhando alegrias, tristezas, risos e lágrimas, cada uma contribuindo de forma muito singular e especial, sempre com a certeza da vitória.

À Faculdade Jorge Amado, especialmente a Hildenízia Chagas e Carolina Carvalho Pedroza, pelo apoio e incentivo constantes principalmente no final desta trajetória.

Às alunas Joelma, Fernanda Carvalho, Fernanda Encarnação, Anete, Luzileide e Darlene, dentre outras, que participaram no final desta trajetória, sempre com palavras de incentivo e apoio, muito especiais.

À Maternidade Tsylla Balbino na pessoa da Diretora Maria Jose Silva, pela disponibilidade e liberação para a realização desta pesquisa.

Às entrevistadas deste estudo, pela disponibilidade e confiança que depositaram em mim ao compartilhar suas vivências, dores, anseios, tristezas, lágrimas, suas histórias... de forma tão verdadeira.

Enfim, a todos que participaram e de alguma maneira contribuíram para a execução desse trabalho, seja pela ajuda constante ou por uma palavra de amizade!

Muito Obrigada!

RESUMO

Estudo descritivo e exploratório, com abordagem quali-quantitativa, fundamentado na Teoria das Representações Sociais. A pesquisa teve como objeto de estudo as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado e objetivo de analisar as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado. Os sujeitos foram constituídos por 147 mulheres que provocaram aborto e teve com *locus* uma maternidade pública, Salvador-BA. Utilizou-se multimétodos: entrevista e Teste de Associação Livre de Palavras. Foram considerados os aspectos éticos recomendados pela Resolução 196/96 do CNS. Os dados foram processados através do Excel, do software EVOC 2000 e organizados em tabelas, gráficos e quadros, sendo os dados qualitativos organizados com base na análise temática. Os sujeitos caracterizam-se, predominantemente, por jovens, negras, de baixa escolaridade, dependentes economicamente do marido/companheiro; e que justificam a prática do aborto pela: situação econômica, violência doméstica, idade jovem e pelo fato de atrapalhar planos para o futuro. O estudo mostrou também uma associação entre a vivência de violência doméstica e o aborto provocado, inclusive histórias de violência na gestação atual. O adoecimento físico e psicológico também foi encontrado, mostrando que a experiência do aborto está associada ao estresse pós-traumático. A estrutura das representações acerca do aborto provocado encontra-se sustentada pelos elementos do núcleo central que qualificam o ato do aborto provocado (crime e pecado), motivam a prática do ato (coragem e situação-de-cada-uma) e expressam as consequências da realização do aborto (dor, arrependimento, culpa, morte e tristeza) e pelos elementos do núcleo periférico (remédio, preconceito, maldade, fraca, raiva e difícil). Os temas das entrevistas qualitativas foram os mesmos encontrados na estrutura das representações sociais. Conclui-se que o abortamento é vivido de forma sofrida e solitária, pois é a mulher que decide pelo aborto, administra a medicação... É ela que “coloca o dedo no gatilho”, o que para “a maioria” é uma experiência de profundo sofrimento e tristeza. O estudo aponta também para a necessidade de projetos de intervenções, no sentido de articulação entre a formação acadêmica, os serviços de saúde e as políticas públicas para o atendimento às mulheres em situação de abortamento e violência doméstica, observando as questões de gênero.

Palavras-chave: enfermagem, aborto provocado, violência doméstica, representações sociais, saúde da mulher.

ABSTRACT

Investigative and descriptive work with qualitative and quantitative analysis based on the Social Representation Theory. The research has as objective to study and to analyse the women social representations about induced abortion. The work has as subjects were composed by 147 women that induced abortion and as locus a public maternity of the Salvador - Bahia. It has been applied multimethods such as: interview and Free Association Test of words. It was considered the ethical aspects recommended by the CNS Resolution 196/96. The data were processed through the softwares Excel and EVOC 2000 and, were organized in tables, graphics and frames, however, the qualitative data were organized based on the thematic analysis. The subjects are characterized, mainly, for black youths, low study, economically dependent of the husband/partner; and justified the practice of inducing abortion due to economic situation, domestic violence, low age and to make it difficult plans for future. The study shows also an association between living in domestic violence and induced abortion, and statements of violence in the current pregnancy. The physical and psychological sickness has been encountered also showing that the abortion experience is related with a post-traumatic stress. The representation structure about the induced abortion is sustained by elements of central nucleus that qualify the act of induced abortion (crime and sin), encourage the practice (courage and situation) and express the consequences of the action (pain, regret, guilty, death and sadness) and by elements of peripheral nucleus (remedy, prejudice, badness, weakness, anger, difficult). The themes of the qualitative interviews are the same found out in the social representations. One can conclude that the abortion is lived in a suffered and solitary manner because is the woman who decides to induce abortion, manage the medication ... she is who makes the hard decision, what for the majority of the women is an experience of intensive suffering and sadness. The study also point with the necessity of intervention projects, in the sense of, management between the academic formation, health services and public politics to take care of women in situation of abortion and domestic violence, observing the gender questions.

Keywords: nursery, induced abortion, domestic violence, social representations, woman's health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA	14
3 REFERÊNCIAL TEÓRICO	22
3.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	22
3.2 A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL	24
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	26
4.1 TIPO DE ESTUDO	26
4.2 CENÁRIO DO ESTUDO	27
4.3 SUJEITOS DO ESTUDO	28
4.4 ASPECTOS ÉTICOS	29
4.5 COLETA DE DADOS	29
4.6 TÉCNICA DE ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	31
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	35
5.1 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, DEMOGRÁFICAS, DA SAÚDE REPRODUTIVA E VIOLÊNCIA DOS SUJEITOS	35
5.2 A ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES SOBRE O ABORTO PROVOCADO	40
5.3 CONTEÚDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES SOBRE O ABORTO PROVOCADO	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE A: Questionário do teste de associação livre de palavras	81
APÊNDICE B: Formulário de entrevista estruturada: aspectos sociais, demográficos, da saúde reprodutiva e violência	82
APÊNDICE C: Formulário de entrevista semi-estruturada	85

APÊNDICE D: Termo de consentimento livre e esclarecido	86
APÊNDICE E: Entrevistas	87
ANEXO A: Distribuição das palavras evocadas por frequência e ordem média - Evoc 2000	128
ANEXO B: Distribuição dos termos evocados segundo quadrantes do quadro de quatro casas - Evoc 2000	130
ANEXO C: Dicionário de termos evocados – Evoc 2000	131
ANEXO D: Parecer do comitê de ética em pesquisa	135
ANEXO E: Aprovação do comitê de ética em pesquisa	137

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse por esta temática surgiu a partir da graduação, quando atuei como estagiária na disciplina de obstetrícia. Começaram então a me inquietar as subjetividades implicadas no processo do aborto e a assistência prestada pelos profissionais de saúde. Essa experiência levou-me a querer estudar mais a fundo a temática aborto provocado.

Situações socioeconômicas e culturais, estigmas, preconceitos, sentimentos e valores transmitidos ao longo da vida são fatores que acompanham o aborto. Durante o estágio, foi possível identificar os sentimentos experimentados pelas mulheres em processo de aborto, a saber, sofrimento, medo e culpa. Na visão de Souza et al (2001), a gravidez envolve diferentes sentimentos: felicidade e realização estão entre eles. Geralmente é isso o que acontece. Mas para muitas mulheres, ao contrário, gravidez é desespero e medo, pois quando não é desejada, o aborto muitas vezes se apresenta como única saída.

A partir da minha vivência como enfermeira obstetra na assistência e na docência, em maternidades de São Paulo e Salvador, pude perceber que as mulheres que optam pelo aborto provocado recebem, por parte de alguns profissionais de saúde, um tratamento diferente daquele dado às mulheres em trabalho de parto. Segundo a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos (REDE SAÚDE), as mulheres em situação de aborto provocado se sentem culpadas por terem tirado uma vida; têm medo do julgamento de outrem por terem feito aborto e sofrem as ações discriminatórias de alguns profissionais de saúde (COSTA et al., 1995; REDE SAÚDE, 2005; SOUZA et al., 2001).

Neste sentido, desconsiderando as questões sociais que derivam da problemática da clandestinidade do aborto e os direitos reprodutivos e sexuais das mulheres, os profissionais de saúde se limitam a perceber o aborto como crime (SOARES, 2004).

Em virtude de não ter caráter legal, o aborto é efetivado sob precárias condições de segurança e higiene, o que provoca um aumento nas taxas de morbidade e mortalidade, sobretudo entre as mulheres com baixo poder aquisitivo. Por conseguinte, isso repercute a nível humano, social e econômico, podendo mesmo levar mulheres à morte (FAÚNDES & BARZELATTO, 2004).

Segundo Costa et al (1995), o aborto é apenas uma das conseqüências da gravidez indesejada. Para Gomes (2002), a sociedade atribui à mulher, por sua condição biológica de engravidar, o papel de cuidar dos filhos, do marido e da casa. Araújo (1998) concorda com a autora, e mostra, em seu estudo, que, na concepção de gênero, a responsabilidade da

concepção e da maternidade é atribuída à mulher. Donde se percebe que cabe à mulher a decisão sobre manter a gravidez ou interrompê-la, de modo que, ao decidir pelo aborto, ela é a única responsável por essa atitude (COOK, 1991). Tomada essa decisão, a mulher, solitária, conta apenas com a solidariedade de outras mulheres, vizinhas e amigas, formando uma rede que podemos chamar de rede de solidariedade.

Para melhor compreender a temática, me engajei em um Projeto de Extensão intitulado “A Violência Doméstica e o Aborto Provocado: Vivência de Mulheres”¹, onde foram identificadas mulheres que vivenciaram o aborto provocado e a violência doméstica. Com a finalidade de facilitar a relação e estimular a percepção do grupo de mulheres para o tema, utilizamos o sociodrama moreniano². De acordo com a teoria Moreniana, só é possível compreender o sistema se levarmos em conta o lócus, o status nascendi e sua matriz. Assim sendo, só é possível investigar um grupo, uma organização em funcionamento, em situação, no momento em que o átomo social está em ação, em plena manifestação de sua espontaneidade e criatividade (FONSECA, 1996).

Para isso, foram trabalhados os elementos do teatro espontâneo, a saber, aquecimento, dramatização, compartilhamento e processamento. Estes, por sua vez, permitiram a protagonização dos seguintes temas: gravidez indesejada; estupro e aborto vivenciados no silêncio e na solidão no espaço doméstico e permeados pela violência e condições de pobreza.

Neste sentido, a experiência, além de possibilitar a aproximação com as mulheres que vivenciaram o aborto provocado, foi de fundamental importância, permitindo desvelar a história de violência presente no espaço familiar destas mulheres.

Considerando as repercussões que o aborto provocado têm sobre a saúde sexual, reprodutiva e mental das mulheres, interferindo diretamente em sua vida familiar e social, meu questionamento recai sobre a representação que as mulheres têm acerca do aborto provocado, justificando, assim, meu interesse em indagar das mulheres que provocaram o aborto: quais suas representações sobre o aborto provocado?

Para responder a esta pergunta, defini como objeto de estudo as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado e como objetivo geral analisar as representações

¹ Projeto de Extensão coordenado pela Profª Drª Normélia Maria Freire Diniz, orientadora deste estudo, vinculado ao Grupo de Estudos Sobre a Saúde da Mulher (GEM) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e ao Coletivo de Mulheres do Calafate, instituição não governamental localizada na comunidade do Calafate, bairro de San Martin, na cidade de Salvador, Bahia. Foram realizados 10 (dez) encontros, nas quartas feiras, das 15:00h às 17:00h no período entre os dias 24/08/2005 e 07/12/2005.

² Método utilizado pela Teoria Psicodramática Moreniana, elaborada por Jacob Levy Moreno, psiquiatra que, em 1921, fundou o “Teatro da Espontaneidade”, descobrindo a ação terapêutica da dramatização. Surgem aí as bases do psicodrama. Nasceu em 1889 na cidade de Bucareste e faleceu em 1974 nos Estados Unidos.

sociais de mulheres sobre o aborto provocado, tendo por objetivo específico apreender o conteúdo e a estrutura das representações sociais construídas pelas mulheres sobre o aborto provocado.

2 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA

De acordo com Faundes & Barzelatto (2004), a palavra aborto corresponde ao produto da concepção expulso no abortamento, enquanto abortamento diz respeito ao processo de abortar. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define o abortamento como a finalização da gestação antes da 20ª semana ou expulsão de um produto da concepção com menos de 500g de peso (OMS, 1992). Devido ao uso generalizado da palavra aborto como sinônimo de abortamento, neste estudo utilizaremos a palavra aborto como o processo de interrupção da gravidez, assim como o disseram também Faundes & Barzelatto (2004).

Os abortos podem ser espontâneos ou induzidos. Quando a expulsão do feto é feita pelo próprio organismo, sem interferência externa, estamos lidando com aborto espontâneo: mais da metade destes resulta de anormalidades do embrião ou de problemas com o desenvolvimento da placenta. Contrariamente a estes, os abortos induzidos ocorrem quando há a interferência de agentes externos, mecânicos ou químicos (ZIEGEL, 1985).

O aborto é assim classificado: ameaça de aborto, aborto completo, aborto inevitável e incompleto, aborto retido, aborto infectado, aborto em situação de risco para a gestante – aborto terapêutico, aborto pós-estupro, e interrupção da gravidez em casos de malformação fetal grave ou incompatível com a vida (BRASIL, 2001).

Vários métodos são utilizados para o aborto. A depender da idade gestacional, o útero pode ser esvaziado por extração manual, dilatação e curetagem ou dilatação e esvaziamento, algumas vezes designado como método de sucção, assim como pelo uso de drogas como misoprostol e prostaglandina (BRASIL, 2001; ZIEGEL, 1985).

Quando o aborto induzido é realizado por pessoas sem as habilidades necessárias, quando se dá em ambientes sem os padrões mínimos de higiene e salubridade ou quando ambas as coisas ocorrem, estamos diante do que se denomina aborto inseguro ou de risco (OMS, 1992). Este procedimento é frequentemente utilizado por mulheres que desejam interromper uma gravidez indesejada.

Desde a antiguidade, em todos os lugares do mundo, vários métodos, incluindo procedimentos muito primários e populares, vêm sendo utilizados na prática do aborto. Os índios yanomamis, por exemplo, pulam sobre o abdômen da gestante; na Índia, isso é feito através da inserção de um graveto, raiz ou casca no colo do útero; na Tailândia, Malásia e Filipinas, se utilizam massagens; na Europa, extratos de plantas. A maioria destes métodos

geralmente traz graves conseqüências para a mulher, entre as quais infecção ou mesmo a morte (FAÚNDES & BARZELATTO, 2004; PEDRO, 2003).

De acordo com o Alan Guttmacher Institute (AGI), estima-se que de 100 (cem) mulheres que se submetem ao aborto na América Latina, entre trinta e quarenta são vítimas de complicação, mas apenas entre vinte e trinta procuram atendimento hospitalar (AGI, 1994; REDE SAÚDE, 1998).

A interrupção da gravidez, a depender do método utilizado, se apresenta como uma prática insegura, visto que os abortos são realizados de forma clandestina e em condições precárias. Isso deixa na mulher seqüelas (físicas e psicológicas) e pode mesmo levar à morte.

Em todo o mundo, aproximadamente meio milhão de mulheres grávidas morre a cada ano, sendo que 13% delas, o que corresponde a aproximadamente 67.000 mortes anuais (OMS, 2004), perdem a vida em conseqüência de abortos realizados em condições inseguras.

Nos países em desenvolvimento, entre eles os da América Latina e Caribe, 52% das 18 milhões de gestações anuais ocorridas não foram planejadas e 23% delas terminam em aborto provocado (BRASIL, 2005).

Para Adesse (2005), a interrupção da gravidez representa a quinta maior causa de internações na rede pública de saúde brasileira e é a terceira causa de morte materna. Nas cidades do nordeste do país, o aborto provocado é uma das mais significativas causas de morte materna. Em Salvador, desde o início da década de 90, o aborto vem despontando como a primeira causa de óbito entre mulheres em idade fértil, sendo que a cada mês, morre uma mulher vítima de aborto.

De acordo com Menezes & Aquino (2001), estas mulheres são jovens, solteiras, pardas ou negras, domésticas, de baixa escolaridade, residentes em bairros periféricos e usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo a OMS, mais de 30% das gestações no Brasil terminam em aborto: as mulheres mais atingidas são as de baixa renda, particularmente as negras. Em 2004, cerca de 240 mil internações pelo SUS foram motivadas por curetagens pós-aborto (BRASIL, 2005; OMS, 2004; REDE SAÚDE, 2005).

Em 2000, o número de abortos clandestinos no Brasil variou entre 750 mil e 1,4 milhão. Contudo, este número corresponde apenas às mulheres internadas no SUS, haja vista que, em sendo clandestino, não há como obtermos um dado real (REDE SAÚDE, 1998). A omissão de registros é uma situação preocupante, pois deixa de mencionar os valores reais da incidência do aborto e encobre a magnitude das seqüelas do aborto induzido. Esta situação só poderá ser minorada com a descriminalização do aborto no país.

Em países onde as mulheres têm acesso aos serviços seguros, suas probabilidades de morrer não são maiores do que um para cada 100.000 procedimentos (BRASIL, 2005). Em países em desenvolvimento, o risco de morte por complicações de procedimentos de aborto inseguro é, várias vezes, mais alto do que de um aborto realizado por profissionais e em condições seguras (OMS, 1998).

Em resumo, as mortes e complicações por aborto inseguro podem ser prevenidas, pois os procedimentos e técnicas para aborto induzido no início da gestação são simples e seguros, desde que obedecem às Normas Técnicas do Ministério da Saúde, ou seja, desde que sejam realizados por profissionais de saúde treinados e com equipamento apropriado, técnica correta e padrões sanitários.

O direito da mulher à liberdade, de decidir sobre sua fecundidade e sobre seu corpo faz parte dos direitos humanos, são princípios presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos e em documentos de diversas conferências internacionais promovidas pelas Nações Unidas, porém na prática não estão sendo respeitados (REDE SAÚDE, 2001).

Desta forma, a livre decisão sobre como lidar com as questões da anticoncepção, da interrupção voluntária da gestação, com o exercício da sexualidade e a opção de ter ou não filhos, ainda é uma possibilidade distante para a maioria das mulheres latino-americanas (REDE SAÚDE, 1998).

O direito ao aborto faz parte dos direitos sexuais e reprodutivos, que incluem quatro princípios éticos: o da integridade corporal, que diz respeito ao direito à segurança e ao controle do próprio corpo; o da igualdade, que inclui a igualdade de direitos das mulheres nos campos da sexualidade e da reprodução, assim como a igualdade de direitos entre mulheres e homens em relação a estes dois campos; o da individualidade que inclui o respeito pela autonomia e na tomada de decisões sexuais e reprodutivas; o da diversidade que se refere ao respeito pelas diferenças entre as mulheres, em termos de valores, cultura, orientação sexual, condição familiar e de saúde e quaisquer outras condições (REDE SAÚDE, 2001).

Além dos princípios éticos e do direito individual de escolha pela maternidade, precisamos considerar que a maioria das mulheres toma decisões de acordo com suas realidades de vida: salários muito baixos, ocupações precárias, sustento da família, dificuldade de acesso aos meios contraceptivos e exposição à violência doméstica e sexual. De acordo com as Católicas pelo Direito de Decidir (CDD), tais questões não podem ser desconsideradas na discussão da descriminalização do aborto pois acentuaria ainda mais as desigualdades a que estas mulheres estão submetidas (CDD, 2006).

Os países da América Latina e do Caribe estão entre os que têm as legislações mais

restritivas no que se refere ao aborto (REDE SAÚDE, 1998).

Alguns países apresentam flexibilidades na legislação, permitindo o aborto em situações que ofereçam risco para a vida da mulher, nos casos de estupro, por exemplo, e em algumas anomalias fetais. Em alguns países, como Cuba, Barbados, Porto Rico e, mais recentemente, na Guiana, o aborto pode ser realizado em quaisquer circunstâncias a pedido da mulher, sem que o ato seja considerado crime (REDE SAÚDE, 1998).

No Código Penal Brasileiro de 1940, o aborto está classificado entre os *Crimes contra a Vida*, sendo considerado um crime, portanto passível de penalizações, nas seguintes condições: Art. 124 – aborto provocado pela gestante (auto-aborto) ou com seu consentimento (aborto consentido): Pena - detenção, de 1 (um) a 3 (três) anos; Art. 125 – aborto provocado por terceiros, sem o consentimento da gestante: Pena - reclusão, de 3 (três) a 10 (dez) anos; Art. 126 - aborto provocado com o consentimento da gestante: Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, com agravamento da condenação se a gestante for menor de quatorze anos, ou é alienada ou débil mental, ou se o consentimento é obtido mediante fraude, grave ameaça ou violência; Art. 127 - as penas nos dois artigos anteriores são aumentadas se, em consequência do aborto ou dos meios utilizados para provocá-lo, a gestante sofrer lesão corporal de natureza grave, ou quando, por qualquer dessas causas, acontecer a morte. No entanto, o aborto somente é respaldado legalmente através do Artigo 128, que autoriza o aborto praticado por médico nos casos de gravidez resultante de estupro e devendo ser precedido de consentimento da gestante ou, quando esta for incapaz, de seu representante legal ou caso haja risco de vida para a gestante. Entretanto, somente a partir da década de 80 foram realizados, oficialmente, os primeiros atendimentos no serviço público de saúde brasileiro do aborto previsto em lei (KYRIAKOS & FIORINI, 2002; REZENDE, 1999; SOARES, 2003).

Embora as mulheres tenham direito a recorrer ao aborto nas condições legais citadas acima no Artigo 128 do Código Penal, elas encontram inúmeras dificuldades e obstáculos na garantia deste direito.

Nos casos de anomalias fetais, apesar de ainda não ser respaldado pela lei, o aborto vem sendo realizado nos serviços públicos de saúde há quase uma década por meio de autorização judicial, porém também tem sido processos muito demorados e cheios de sofrimento para as mulheres (REDE SAÚDE, 2005a).

Reis (1999) salienta que, apesar do Código Penal Brasileiro prever o aborto legal por mais de cinquenta anos, observa-se uma desorganização política por parte dos governos e do sistema público de saúde, que atinge os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

Várias ações nesse sentido vêm sendo discutidas a nível internacional, como por

exemplo, a Conferência Mundial de População (1974) e o Plano de Ação de Bucareste e das Recomendações para a progressiva implementação do Plano de Ação Mundial de População na Cidade do México (1984), onde se reconhece o direito dos casais e indivíduos de decidirem, de forma livre e responsável, quanto ao número de filhos, bem como o direito de ter acesso à informação, à educação e aos meios para tal (OMS, 2004).

Na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (ICPD), realizada no Cairo, em 1994, os governos do mundo reconheceram o aborto inseguro como sendo um dos maiores problemas de saúde pública, e se comprometeram a traçar políticas sociais para reduzir a necessidade de aborto, através da expansão e melhoria dos serviços de planejamento familiar. A mesma conferência reza que, nas circunstâncias não contrárias à lei, os abortos devem ser seguros.

Segundo a OMS (2004), em Beijing, na 4ª Conferência Internacional sobre a Mulher (FWCW), ocorrida em 1995, os governos concordaram que:

“os direitos humanos das mulheres incluem seus direitos a ter controle e a decidir livre e responsabilmente sobre questões relacionadas à sua sexualidade, incluindo saúde sexual e reprodutiva, livres de coerção, discriminação e violência. Relacionamentos igualitários entre mulheres e homens quanto às relações sexuais e reprodutivas, incluindo total respeito à integridade das pessoas, requerem respeito mútuo, consentimento e compartilhar responsabilidade quanto ao comportamento sexual e suas conseqüências”.

Sendo que um ano depois se chamava a atenção dos governantes para rever as leis contendo medidas punitivas contra mulheres que praticam aborto ilegal.

A I Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres, com início em 2004, resultou na criação da Comissão Tripartite, composta por membros do Governo Federal, Sociedade Civil e Congresso Nacional, que elaborou um projeto de lei estabelecendo o direito à interrupção voluntária da gravidez no âmbito do SUS e do setor privado (REDE SAÚDE 2005; ROCHA, 2005).

Segundo Xavier (2006), pode-se perceber que, apesar de várias ações nacionais e internacionais, nossa legislação até agora não tem ajudado as mulheres e com isto muitas morreram e continuam morrendo, enquanto outras ficam com seqüelas devido às práticas inseguras. As mulheres devem ter o direito de decidir sobre o próprio corpo e precisam ser acolhidas e atendidas de forma segura, independentemente das suas decisões.

Desta forma, a discriminação e os agravos à saúde impostos às mulheres, por razões culturais, morais, legais e religiosas, vem contribuindo para a precariedade da assistência e o aumento da mortalidade e da morbidade do aborto provocado (BRASIL, 2001).

Nesta perspectiva, o aborto provocado tem sido tratado como um problema de Saúde

Pública, devido aos altos índices de morbimortalidade e às repercussões para a vida das mulheres e de seus familiares, embora haja permanecido por um longo período afastado dos debates dos diversos segmentos da sociedade e, principalmente, das decisões políticas (GUEDES, 2000).

Assim, ancorado nas questões de gênero, o Movimento de Mulheres surgiu com o objetivo de revelar as desigualdades existentes nas condições de vida e nas relações entre homens e mulheres, contribuindo para a introdução, na Agenda Política Nacional, de questões restritivas às relações privadas de gênero, tais como sexualidade e reprodução; anticoncepção; prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e luta pela legalização do aborto. Este último tem o objetivo de enfrentar os preconceitos e tratar o aborto como um direito sexual e reprodutivo.

Os motivos para se decidir pelo aborto incluem pobreza, medo do abandono (pelo companheiro), rejeição familiar e falta de emprego (SOARES, 2004).

A violência doméstica também está diretamente relacionada com o aborto, uma vez que as mulheres abortam, ou em razão do trauma da violência ou decidem pelo aborto provocado. Neste sentido, a violência doméstica se configura como fator de risco para a ocorrência de abortos.

Estudos apontam a gravidez como fator de risco para a violência doméstica, isso porque o processo de violência pode ser desencadeado pela gestação ou a frequência e a gravidade neste período podem ser alteradas (MENEZES et al., 2003). Internacionalmente, a prevalência da violência durante a gravidez varia entre 4 e 25% de acordo com a população estudada, as definições de violência e os métodos utilizados para seus achados (CASTRO & RUIZ, 2004).

Diniz et al (2002), em estudo realizado na Comunidade do Calafate, em Salvador, afirmam que das mulheres que sofreram violência na gestação (20%), 83,3% tiveram ameaça de aborto e 11,1% mencionaram que houve aborto ocasionado pela violência sofrida na gestação.

Para D'Oliveira e Schraiber (2000), a vivência da violência é um fator de grande impacto na qualidade de vida da mulher. De acordo com Diniz et al (2000), a violência conjugal pode ocasionar sérios problemas de saúde, indo desde a maior vulnerabilidade às DSTs e ao HIV até a decisão de abortar.

Estudos indicam que uma em cada cinco mulheres que têm aborto inseguro sofre uma infecção do trato reprodutivo, algumas sérias, que levam à infertilidade (OMS, 1998). Segundo a Norma Técnica de Atenção Humanizada ao Abortamento, ele atinge mulheres

jovens e interfere na sua saúde física, mental e reprodutiva, por causar complicações físicas imediatas como hemorragias, infecções, perfurações de órgãos e infertilidade, tudo isso somado aos aspectos subjetivos de culpabilização e penalização da mulher que provoca o aborto (BRASIL, 2005).

No que diz respeito aos traumas mentais decorrentes, sentimentos como culpa e arrependimento, como também a depressão é comum entre as mulheres que realizaram aborto, não apenas porque muitas vezes elas vão de encontro aos valores morais, religiosos e civis, mas também pelo fato de que realizam um ato ilegal (REDE SAÚDE, 2005).

A questão religiosa também tem interferido nas questões relacionadas ao aborto provocado, pois está ligada às questões culturais de cada indivíduo ou grupo, influenciando a forma de pensar e de atuar, pois a religião faz parte da cultura.

Em todo o mundo o aborto provocado tem sido discutido nas últimas décadas por algumas religiões e principalmente pelas religiões cristãs que na América têm interferido sobremaneira nas legislações e implementação de Políticas Públicas, principalmente no sentido de criminalizar e condenar o aborto (FAÚNDES & BARZELATTO, 2004; NUNES & JURKEWICZ, 2002).

De acordo com Galvez (1999), pouco se conhece sobre o envolvimento das Igrejas Católica e Protestante nas decisões políticas sobre estes temas. Suas participações em foros internacionais e debates nacionais sobre planejamento familiar tem sido permanente, interferindo de forma determinante em políticas que afetam a vida e o bem estar de milhões de pessoas independente de sua crença.

As diversas declarações do Papa e de representantes da igreja católica no que diz respeito ao aborto estão baseadas em ensinamentos de que o aborto é um crime contra a vida.

Segundo Faúndes & Barzelatto (2004), os protestantes também tem objeções no que diz respeito à interrupção da gravidez, consideram a vida fetal sagrada e que merece respeito desde o início.

Para o espiritismo, o aborto provocado é um crime e uma transgressão da lei de Deus. No que diz respeito ao aborto nos casos de risco de vida para a mãe este sim pode ser realizado, pois *“é preferível sacrificar o ser que não existe ao ser que existe”* (KARDEC, 2005).

Desta forma, a religião aparece como um obstáculo para que a mulher tome uma decisão, interferindo no direito de decidir sobre seu próprio corpo e também na atuação dos profissionais de saúde que atendem às mulheres em situação de aborto. Com isso, podemos inferir que a religião tem grande influência na idéia que a mulher tem de pecado, culpa e

medo, mesmo entre aquelas que não provocaram o aborto (SANCHEZ, 2002).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais (TRS) tem sido muito utilizada pelas pesquisas na área de enfermagem, permitindo que se perceba a complexidade dos fenômenos humanos, o que contribui para o esclarecimento da visão de mundo dos sujeitos inseridos num contexto social e de como agem e tomam decisões.

Considerando que a percepção das mulheres sobre o aborto provocado está ancorada no senso comum, escolhemos como eixo teórico deste estudo a TRS, por permitir uma representação da forma como os indivíduos e grupos percebem, o aborto provocado, agem e tomam decisões sobre o assunto.

Desta forma, o estudo das representações passa a constituir um importante instrumento para a compreensão das realidades sociais e de seus elementos, cristalizados ou emergentes (ALMEIDA, 2005).

As representações sociais são modalidades de conhecimento construídas pelo senso comum, com a finalidade de apreensão de uma dada realidade social (ALÉSSIO & SANTOS, 2005).

A TRS surgiu na França em 1961 a partir da obra *La Psychanalyse, son image et son publique*, criada pelo psicólogo Serge Moscovici, pioneiro no estudo das Representações Sociais, que resgata o conceito de representações coletivas, de Émile Durkheim³, na construção de sua teoria, substituindo o termo “coletivas” pelo termo “sociais”.

Segundo Moscovici (1981, p. 181), as Representações Sociais correspondem a “[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais [...]”.

Na concepção de Abric (2000), as Representações Sociais consistem em um conjunto organizado de informações, atitudes, crenças que um indivíduo ou grupo elabora a propósito de um objeto, de uma situação, de um conceito, de outros indivíduos ou grupos, apresentando-se, portanto, como uma visão subjetiva e social da realidade.

Para este autor, a representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, determinando

³ Sociólogo, um dos fundadores das Ciências Sociais na França.

seus comportamentos e práticas, ou seja, é um guia de orientação das ações e relações sociais. Spink (1995), corroborando o que foi dito acima por Abric, considera que as Representações Sociais constituem uma forma de conhecimento prático que contempla o saber do senso comum, sendo uma orientação para a ação. Jodelet (2001) reforça esse ponto de vista ao definir a representação como um meio de produção de conhecimento gerado e compartilhado nas relações sociais para a construção de uma realidade comum.

Para Almeida (2005), a representação social é caracterizada como uma forma de saber, composta por estados e processos contidos em conteúdos representativos, quer se trate de informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais ou ideológicos, baseados em diferentes suportes como linguagem, discurso, documentos, práticas, dispositivos materiais e mesmo em eventos intra-individuais.

De acordo com seu criador (1981), as representações sociais refletem o sistema de crenças e valores da sociedade construídos no senso comum. Neste contexto, tal teoria possibilitará revelar a representação do aborto provocado pelas mulheres, haja vista o fato de não estar respaldado pela legislação brasileira e, portanto, sua prática sendo considerada um crime, o aborto está ancorado em um conjunto de símbolos e significados que envolvem a sua compreensão.

Jodelet (1998, p.26) corrobora isso, ao afirmar que

[...] a abordagem das representações sociais leva a insistir que, numa área como a da saúde, para apreender o processo da assimilação (ou não assimilação) das informações, necessário se faz considerar os sistemas de noções, valores e modelos de pensamento e de conduta que os indivíduos aplicam para se apropriar dos objetos de seu ambiente [...]

Para explicar a utilidade das Representações Sociais, Moscovici, apud Nobrega (2001), descreveu duas funções: a função do saber, que dá aos atores sociais a oportunidade de compreender o objeto dentro de sua capacidade cognitiva e de acordo com os seus valores, facilitando, assim, a comunicação social; e a função de orientação, que guia os comportamentos e as práticas e onde a compreensão do objeto determina a forma como os indivíduos vão agir sobre ele e reagir a ele.

Abric (2000) incluiu mais duas funções: a identitária, que afirma que indivíduos que compartilham a mesma forma de compreensão do objeto são identificados e protegidos entre os membros do grupo; e a justificadora, que permite justificar determinada posição ou comportamento a partir da compreensão do objeto.

No que se refere à elaboração das Representações Sociais, são necessários dois processos: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem é um processo que transforma algo desconhecido e perturbador em algo conhecido. Moscovici (2003) afirma que ancorar consiste em nomear alguma coisa, dando-lhe sentido, de modo que o não-familiar se transforma em familiar.

Para Jodelet (1998), o processo de ancoragem intervém na formação das representações, assegurando sua incorporação no social e enraizando a representação e seu objeto em uma rede de significações, permitindo situá-las face aos valores sociais com vistas a lhes dar coerência.

Quanto à objetivação, Nóbrega (2001) afirma que esse processo diz respeito à corporificação das significações no sentido de dar visibilidade às abstrações e, assim, transformar em objeto o que é representado. Jodelet (1998) acrescenta que a objetivação diz respeito à materialização da palavra. Assim se torna concreto o que é abstrato (SANTOS, 2005).

Segundo Moscovici, apud Santos (2005, p.31),

[...] a objetivação une a idéia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então diante de nossos olhos, física e acessível [...]

Desta forma, tanto a objetivação quanto a ancoragem do aborto provocado têm como base crenças, valores, influências religiosas, jurídicas, sociais, culturais e morais.

3.2 A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL

Para Abric (2003), uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes a respeito de um dado objeto social, constituindo um sistema sócio-cognitivo particular que permite aos indivíduos ou grupos compreender a realidade e dar sentido às suas condutas, bem como ao tipo de relações que o grupo sustenta com esse objeto e os sistemas de valores, normas e contexto ideológico do grupo.

Como forma complementar da Teoria das Representações Sociais, Abric propôs, em 1976, em sua tese de *Doctorat d'État – Jeux, conflits et représentations sociales* –, na Université de Provence, a teoria do Núcleo Central (SÁ, 1996; SANTOS, 2005). Esta deve proporcionar descrições mais detalhadas de certas estruturas hipotéticas, bem como explicações sobre seu funcionamento que se mostrem compatíveis com a teoria geral (SÁ,

1996).

Segundo o autor (1994), a idéia essencial da teoria é a de que toda representação se organiza em torno de um núcleo, composto de um ou mais elementos estruturados hierarquicamente, que permite identificar sua significação e sua organização interna: é o que se denomina núcleo temático. A organização interna de uma representação sempre se constitui em quantidade limitada (ABRIC, 2000).

Assim, “no processo de percepção social aparecem os elementos centrais, aparentemente constitutivos do pensamento social, que lhe permite colocar em ordem e compreender a realidade vivida pelos indivíduos ou grupos” (ABRIC, 1994, p.20).

Para Abrid (2003), o núcleo central assegura três funções essenciais da representação:

- a) função geradora: é o elemento pelo qual se cria ou se transforma a significação dos outros elementos constitutivos da representação. Consiste no significado da representação;
- b) a função organizadora diz respeito à organização interna;
- c) função estabilizadora é aquela que dá estabilidade ao núcleo central.

Está organizado em um sistema central e em sistemas periféricos dispostos em torno deste, constituindo partes essenciais do conteúdo da representação, ou seja, seus componentes mais acessíveis, mais vivos e mais completos. Seu papel é essencial e pode ser resumido em cinco funções: concretização, regulação, prescrição de comportamentos, proteção do núcleo central e personalização. Assim sendo, o núcleo central assegura a significação, consistência e permanência da representação, dando a ele resistência à mudança. Por sua vez, o sistema periférico é mais flexível e protege o núcleo central, permitindo a fusão de diferentes informações e práticas sociais, sendo de fundamental importância para o núcleo central porque permite a ancoragem da realidade (ABRIC, 2003).

Por abrigarem aspectos históricos, culturais e sociais que influenciam diretamente a linguagem, o discurso e a forma de construir a realidade dos indivíduos, variando de acordo com os grupos sociais, as representações sociais possibilitam um diagnóstico das formas como os indivíduos ou grupos percebem a realidade compartilhada.

Desta forma, essa teoria serve perfeitamente para explicar a realidade, o que, para vistas deste estudo, é de extrema importância, pois considera as percepções dos sujeitos acerca do objeto estudado, fornecendo subsídios para a compreensão, organização e atuação dos profissionais de saúde na assistência às mulheres que provocaram aborto.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Este é um estudo do tipo descritivo e exploratório, que usa métodos de abordagem qualitativa e quantitativa, já que para a Teoria das Representações Sociais a associação do método quantitativo com o qualitativo garante uma interpretação mais fidedigna das representações sociais apreendidas e uma complementaridade das descobertas (SÁ, 1996).

A pesquisa teve como objeto de estudo as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado. O objetivo geral do estudo foi analisar as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado e o objetivo específico, apreender o conteúdo e a estrutura das representações sociais construídas pelas mulheres sobre o aborto provocado.

O estudo tem caráter descritivo, pois, como afirma Triviños (1987), o mesmo tem a pretensão de descrever com rigor os fatos e fenômenos de uma determinada realidade. Desta forma, procuramos investigar o aborto provocado por mulheres atendidas numa Maternidade Pública no município de Salvador – BA, através das representações destas sobre este fenômeno.

Classificamos o presente estudo como sendo de natureza exploratória, uma vez que foi desenvolvido com o intuito de proporcionar a visibilidade ampliada de um fato social pouco estudado e explorado na literatura consultada. Segundo Triviños (1987, p. 109), “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar a experiência em torno de determinado problema”.

A pesquisa exploratória é considerada especialmente útil quando se investiga uma nova área ou assunto, procurando conhecer as dimensões de certo fenômeno, as formas de manifestação e os fatores com os quais se relaciona (POLIT & HUNGLER, 1995).

A escolha das Representações Sociais como base teórica está ligada a sua capacidade para desvendar o pensamento da sociedade acerca de um objeto compartilhado na vida cotidiana, que, neste estudo, foi o conhecimento socialmente construído e apropriado acerca do aborto provocado por mulheres.

O Teste de Associação Livre de Palavras - TALP (Apêndice A, pág 81), permitiu identificar os elementos do núcleo central das representações sociais nos discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. As entrevistas com formulário estruturado (Apêndice B, pág

82) e semi-estruturado (Apêndice C, pág 85) possibilitaram a coleta de dados quantitativos e qualitativos.

O processo de construção das representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado apresenta características subjetivas e envolve valores, conhecimento, crenças, habilidades, experiências e formas de ser de um grupo dentro de uma dimensão histórico-social.

Os aspectos quantitativos da pesquisa puderam ser observados no processamento estatístico das informações coletadas por meio do TALP, processado por meio do *software* EVOC 2000. Aí foi possível revelar a frequência média das palavras mais evocadas pelas mulheres em situação de aborto provocado em resposta ao estímulo concedido (Anexo A, pág 128).

Para alcançar os objetivos propostos, escolhemos a abordagem qualitativa, em virtude de esta metodologia desvendar os caminhos percorridos pelas mulheres em situação de aborto provocado, baseado no universo de significações, crenças e atitudes que permeiam a vivência dessas mulheres.

Para Minayo (1995, p. 22), “a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível em equações, médias e estatísticas”. Já o método quantitativo tem elementos fortes de generalização (POLIT & HUNGLER, 1995).

Com vistas a apreender o conteúdo e a estrutura das representações sociais construídas pelas mulheres sobre o aborto provocado, a pesquisa levou em conta a subjetividade das entrevistadas por meio dos relatos de suas experiências. De acordo com a afirmação de Polit & Hungler (1995), os conhecimentos sobre indivíduos somente são possíveis com a descrição da experiência humana da forma pela qual é vivenciada e definida pelos próprios autores. E isso, devido à ênfase nas realidades dos sujeitos, exige o máximo de envolvimento do pesquisador.

4.2 CENÁRIO DO ESTUDO

O estudo foi realizado numa Maternidade Pública de Salvador (BA), unidade da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB), referência para atendimento às mulheres

no período reprodutivo e um espaço para a assistência especializada em planejamento familiar, pré-natal de alto risco, ginecologia, obstetrícia e neonatologia.

A maternidade em questão faz parte do Sistema Único de Saúde e disponibiliza 126 leitos para atendimento, incluindo o berçário. Os atendimentos obstétricos são distribuídos em 4 (quatro) alas (A, B, C, D), compostas por 39 leitos, e destinadas a gestantes com intercorrências clínicas e em situação de aborto. 10 (dez) leitos estão reservados especificamente para o atendimento a mulheres em processo de aborto, e se localizam no 1º andar da maternidade.

Este serviço tem convênio com várias instituições de ensino, entre as quais a Universidade Federal da Bahia (UFBA), que utiliza suas dependências como campo de estágio de discentes de graduação e pós-graduação em enfermagem.

A escolha do cenário da pesquisa foi feita baseada no fato de este hospital possuir uma unidade de atendimento às mulheres em situação de aborto e pelo grande número de atendimentos que proporciona, sendo um dos serviços de referência no Estado da Bahia.

4.3 SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos do estudo⁴ foram constituídos por 147 mulheres hospitalizadas em decorrência de um aborto provocado. Todas as mulheres sujeitos deste estudo participaram do teste de associação livre de palavras e 20 participaram da entrevista aberta.

⁴ Estas mulheres foram selecionadas por meio da pesquisa intitulada Violência doméstica e o aborto provocado, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa para Iniciação Científica (PIBIC), financiada pelo CNPq, que teve como objetivo geral analisar a violência doméstica e sua associação com o aborto provocado por mulheres e como objetivos específicos identificar a violência doméstica enquanto desencadeadora de aborto provocado por mulheres; identificar as repercussões da violência doméstica e do aborto provocado sobre a saúde física e emocional das mulheres. A pesquisa foi realizada entre os meses de janeiro e abril de 2006. Fizeram parte da amostra 147 mulheres que provocaram aborto. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista acompanhada por um formulário semi-estruturado, com perguntas abertas e fechadas. Como variável dependente, elegemos o aborto provocado, e entre as variáveis independentes destacamos a violência doméstica e sexual, as condições sócio-demográficas (idade, estado civil, escolaridade, profissão, trabalho remunerado, número de filhos), variável gineco-obstétrica (número de gestações, partos e abortos) e tipos de abortivos utilizados. Os dados foram organizados e tabulados por meio dos programas WORD e EXCEL e apresentados sob a forma de gráficos, tabelas e percentuais descritivos.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

Foram obedecidos os aspectos éticos, regulamentados pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), de acordo com a Resolução nº 196/96 que norteia a ética na pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1996).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da SESAB (Anexo E, pág 137). Cada sujeito foi informado sobre o tema, o objeto e os objetivos da pesquisa. Assim, informou-se, a todas as mulheres, sobre a importância de sua participação. Também se deixou à sua livre decisão participar ou não da pesquisa, e foram garantidos o sigilo e o anonimato. Aos sujeitos foi solicitada a permissão para a gravação das entrevistas com o auxílio de um gravador portátil, em local onde pudessem falar livremente sobre a sua experiência, de acordo com a disponibilidade das mesmas e mediante a sua prévia autorização, por escrito, por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice D, pág 86).

Após a entrevista, os sujeitos puderam ouvir a fita e retirar ou acrescentar informações. Posteriormente, estas fitas foram transcritas na íntegra, preservando a fala original das mulheres (Apêndice E, pág 87) e os sujeitos identificadas por nomes fictícios de pedras preciosas com vistas a garantir-lhes o anonimato. A escolha justifica-se pela necessidade de reconhecimento dos valores inerente aos aspectos humanos para com estas mulheres.

O material da gravação será por mim arquivado por 5 (cinco) anos e após esse período será destruído. Aos sujeitos foi dado o direito, como dissemos acima, de aceitar ou recusar sua participação, bem como desistir ou anular o consentimento em qualquer fase do estudo, sem qualquer prejuízo para eles.

Os sujeitos foram informados de que os resultados deste estudo serão publicados na dissertação e em artigos científicos e de que não estarei recebendo nenhum tipo de remuneração. Tampouco os sujeitos receberão benefícios materiais ou financeiros.

Diante de qualquer dúvida ou problema ocorrido durante o estudo, os sujeitos puderam entrar em contato com a autora por telefone, cujo número foi cedido pela mesma.

4.5 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi sistematicamente realizada entre os meses de janeiro e abril de

2006, e se deu após o processo de aborto e alta hospitalar. Utilizou-se, como instrumento de coleta de dados, o teste de associação livre de palavras, a entrevista com formulário estruturado e semi-estruturado.

Utilizamos o TALP (Apêndice A, pág 81), com uma questão aberta para a expressão da associação livre de palavras, relacionada com a pergunta: “Que palavras vêm na sua cabeça quando digo a palavra Aborto?”. Nesta pergunta, não utilizamos a expressão “aborto provocado” pois todos os sujeitos tinham declarado ter provocado aborto, um dos requisitos para fazer parte do estudo.

Segundo Sá (1996), o teste de associação livre de palavras é uma técnica para a coleta de elementos que constituem uma representação, em que são usados estímulos indutores, podendo estes ser verbais ou não, com o intuito de evocar respostas implícitas ou latentes sobre o objeto a ser pesquisado.

Desde a década de 80, esta técnica vem sendo aplicada em inúmeros trabalhos de representações sociais, comprovando assim sua validade. Segundo Oliveira et al. (2003), isso possibilita de forma descontraída e espontânea a apreensão das projeções mentais, inclusive os conteúdos que podem ser mascarados nos discursos e a obtenção do conteúdo semântico de forma rápida e objetiva, reduzindo, assim, as dificuldades e limites das expressões discursivas convencionais.

Antes da aplicação do teste, fizemos um treino com os sujeitos do estudo para que a proposta da técnica aplicada fosse compreendida pelos sujeitos do estudo. Desta forma, solicitou-se que falassem rapidamente sobre “o que lhes vinha à mente quando se falava a palavra carnaval?”.

Depois de compreendido o funcionamento do teste, utilizamos a questão padronizada: “Que palavras vêm na sua cabeça quando digo a palavra Aborto?” Foi pedido que cada sujeito falasse cinco palavras e que as respostas seguissem uma hierarquia, de acordo com a ordem de importância. Sendo assim, todos os sujeitos enumeraram as palavras evocadas por ordem de importância e escolheram duas que melhor definissem a palavra aborto, justificando-as. O teste foi aplicado em 147 sujeitos, sendo que não houve dificuldade na sua aplicação. Posteriormente, os testes foram processados pelo *software* EVOC (VERGÈS, 1994).

Foi utilizado um roteiro de entrevista estruturada com dados sócio-demográficos (Apêndice B, pág 82), tais como idade, cor, grau de escolaridade, estado civil, trabalho, com quem mora, condição financeira, história gineco-obstétrica e de violência. Os dados obtidos permitiram levantar o perfil sócio-demográfico dos sujeitos da pesquisa e contribuíram para a

análise e discussão dos dados.

A entrevista semi-estruturada (Apêndice C, 85), foi composta por duas questões abertas sobre o processo de aborto, a saber “Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?” e “Como foi para você ter provocado o aborto?”.

A entrevista foi realizada em local reservado, com o auxílio de um gravador portátil e duração média de 30 minutos.

De acordo com Cruz Neto (2000), a entrevista é uma conversa a dois com propósitos bem definidos, mais usual no trabalho de campo, pois é através dela que o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores sociais.

No que diz respeito à qualidade da entrevista, esta consiste em enumerar, da forma mais abrangente possível, as questões que o pesquisador quer abordar no campo, a partir de suas hipóteses ou pressupostos, advindos da definição do objeto de investigação. O entrevistador se liberta de formulações prefixadas para introduzir perguntas ou fazer intervenções que visam a abrir o campo de explanação do entrevistado ou aprofundar o nível de informações ou opiniões (MINAYO, 2000).

A quantidade de entrevistas qualitativas num total de 20 foi definida ao longo da própria coleta de dados pelos critérios de exaustão, ou seja, quando as falas começaram a se repetir, não trazendo mais nenhuma contribuição para o estudo e as informações foram saturadas, de acordo com critérios orientados por Triviños (1987).

4.6 TÉCNICA DE ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme Minayo (2000), podemos apontar três finalidades da fase de análise ou tratamento dos dados: a primeira é que, ao estabelecer uma compreensão dos dados coletados, se propõe uma atitude de busca do material coletado; a segunda é a administração de provas, podendo se confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas; a terceira é ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte.

O processo de organização e análise implicou basicamente três momentos: o primeiro diz respeito ao estudo quantitativo, quando os dados das variáveis sócio-demográficas, saúde reprodutiva e violência foram organizados e tabulados por meio dos programas WORD e

EXCEL e apresentados sob a forma de gráficos, tabelas e percentuais descritivos, visando a uma melhor compreensão dos sujeitos do estudo; o segundo diz respeito aos dados obtidos através da técnica de associação livre de palavras, processados por meio do *software* EVOC, que organiza as palavras por ordem de frequência e média de evocação (Anexo A, pág 128). A frequência diz respeito ao número de vezes que a palavra foi evocada, ou seja, a média ponderada das palavras evocadas.

Visando a identificar a estrutura e a organização das representações sociais sobre o aborto provocado, as palavras evocadas pelas mulheres foram organizadas por ordem de evocação dos sujeitos e processadas pelo *software* EVOC (Anexo C, pág 131), seguindo a ordem de comando de programas que, no final, permitiu analisar estatisticamente as evocações e organizar os dados. As palavras sinônimas ou similares foram convertidas em uma mesma designação.

Desta forma, isso permitiu a análise estrutural, uma vez que se identificou a estrutura da representação social de mulheres sobre o aborto provocado, apontando elementos do núcleo central e do sistema periférico com base na frequência de ocorrência das palavras evocadas e da média de ocorrência de cada palavra em função da ordem de evocação proposto por Vergés (1994). Os dados serão apresentados em tabelas e quadro de Quatro Casas (Anexo B, pág 130; Quadro 2, pág 42) onde, em seus quadrantes, se acham o núcleo central, os elementos periféricos e intermediários, como mostra o quadro abaixo.

Frequência ≥ 8	Rang <3	Frequência ≥ 8	Rang ≥ 3
NÚCLEO CENTRAL		ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS	
Frequência < 8	Rang < 3	Frequência <8	Rang ≥ 3
ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS		ELEMENTOS PERIFÉRICOS	

No terceiro momento, as entrevistas do estudo qualitativo foram transcritas na íntegra, para posterior desdobramento e codificação e submetidas à técnica de análise de conteúdo que Bardin define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição, o conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1997, p. 42).

A análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real, e deve ser aplicada a tudo o que é dito em entrevistas ou depoimentos ou escrito em jornais, livros, textos ou panfletos, bem como a imagens de filmes, desenhos, pinturas, cartazes, televisão e a toda comunicação não verbal, como gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais (FERREIRA, 2004).

Entre as técnicas da análise de conteúdo, utilizamos a análise temática, procurando atingir os núcleos de significados do material coletado, visando a apreender as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado.

A operacionalização da análise temática foi seguida pelas etapas descritas por Bardin (1997), que consistem em pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados. A pré-análise é a fase de organização, de escolha dos documentos a serem analisados, que permite a aproximação com o objeto de estudo através de exaustiva leitura das entrevistas coletadas e transcrição, tendo em vista o objeto e os objetivos do estudo.

A exploração do material consistiu em operações de codificação dos dados, através da escolha de unidades de registro (recorte); escolha de temas e categorias (classificação e agregação) permitindo atingir uma representação do conteúdo susceptível de esclarecer o pesquisador acerca das características e compreensão do texto (BARDIN, 1997).

Desta forma, organizamos um quadro composto pelos temas e categorias (Quadro 4, pág 49), realizamos o recorte dos textos em unidades de registro e em seguida efetuamos a agregação dos dados em temas e categorias, como mostra o modelo abaixo.

TEMAS	CATEGORIAS

Os dados foram analisados a partir dos relatos das mulheres, de acordo com suas experiências, buscando interpretações e significações a respeito de suas representações sobre o aborto provocado.

A seguir, os dados serão apresentados e analisados seguindo a ordem apresentada anteriormente, ou seja, sócio-demográficos, saúde reprodutiva e violência; dados referentes à estrutura das representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado e por último os

dados qualitativos referentes ao conteúdo das representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, DEMOGRÁFICAS, DA SAÚDE REPRODUTIVA E VIOLÊNCIA DOS SUJEITOS

No que se refere às características dos sujeitos⁵ observamos com relação aos aspectos sociais e demográficos, maior concentração de mulheres na faixa etária entre 19 e 24 anos (45,5%), seguido por mulheres na faixa etária entre os 12 e os 18 anos de idade (22,5%).

Resultados semelhantes foram encontrados por Martins (1991) em seu estudo sobre aborto induzido, que revelou que, entre as mulheres que induziram o aborto, 20% eram adolescentes. Confirmando esse dado, Hardy et al (1993) dizem que, em média, 72% das mulheres que induzem o aborto têm até 24 anos de idade.

Com relação à variável cor, cerca de 90% das entrevistadas eram negras. 54,5% destas declararam ser de cor preta e 36% afirmaram ter a cor parda. No que tange ao grau de escolaridade, a maioria das mulheres entrevistadas declarou possuir o 1º grau completo 38,8% e 33,3%, 2º grau incompleto. Este dado confirma o que diz o estudo de Heringer (2002) sobre desigualdades raciais em uma metrópole brasileira, onde as mulheres da raça negra têm como nível de escolaridade o 1º ou 2º grau incompletos.

No que diz respeito ao estado civil, 54,4% das entrevistadas viviam com um companheiro, sendo que apenas 8,2% destas se declararam casadas. As demais 46,2% viviam em união consensual. As solteiras representaram 42,8% das entrevistadas. Este dado pode ser ratificado por Costa (1995), no estudo intitulado “Decisão de abortar”, que demonstrou ser mais incidente o aborto provocado entre as mulheres casadas (e em regime de união) e as solteiras.

No concernente à variável trabalho, o estudo mostrou que cerca de 44% das entrevistadas ocupavam-se com trabalhos domésticos sem remuneração e 43,6% recebiam remuneração com trabalhos fora de casa. Dantas-Berger & Giffin (2005) acreditam que as mulheres passam a ter uma dupla jornada de trabalho, uma vez que continuam sendo as responsáveis pelas tarefas domésticas. Yannoulas (2002) destaca que grande parte das

⁵ As características dos sujeitos são extraídas da análise de dados quantitativos oriundos do estudo *Violência doméstica e o aborto provocado* (PIBIC/CNPq).

trabalhadoras se concentra em setores que oferecem menores rendimentos e possibilidades de ascensão, como os de serviços domésticos, principalmente as de cor negra.

No que tange ao aspecto financeiro, 80% das mulheres encontravam-se em relação de dependência, sendo 47,9% desse total, parcialmente dependentes e 52,1% totalmente dependentes. Desse percentual, aproximadamente 60% disseram receber ajuda do marido ou companheiro, e 34,7%, dos pais.

Quanto à saúde reprodutiva das mulheres, o que inclui número de gestações, número de partos, número de filhos vivos e número de abortos, a maioria das mulheres (54,4%) apresentou uma ou duas gestações. Também foi significativo o número de mulheres com três ou quatro gestações (34,7%).

O estudo de Hardy et al (1994) sobre aborto provocado, confirma os dados obtidos em nosso trabalho, tendo obtido como resultado também a prevalência de uma ou duas gestações entre as mulheres com aborto provocado.

53,8% das mulheres entrevistadas tiveram entre um e dois partos. O estudo mostrou também que 55% das mulheres têm um ou dois filhos. Hardy et al (1994) encontrou, em seu estudo, em média de 40% das mulheres que tinha um ou dois filhos vivos, confirmando os dados encontrados em nosso estudo.

No que tange ao aborto provocado, a grande maioria das mulheres (64,6%) declarou estar praticando aborto pela primeira vez. Aproximadamente 31% referiram ter realizado de dois a três abortos e 5%, entre quatro e sete. Dados semelhantes são encontrados no estudo de Hardy et al (1993) realizado com mulheres que provocaram o aborto.

No que diz respeito às variáveis relacionadas com a vivência de violência doméstica, o estudo traz à tona a história de violência sofrida pelas mulheres, os motivos que levaram ao aborto, a vivência de violência na gestação atual e a decisão de abortar como consequência da violência doméstica.

Ora, 88% das mulheres declararam haver, em algum momento de suas vidas, sofrido violência doméstica. Este alto índice de violência doméstica se aproxima daqueles encontrados em estudos realizados por Diniz et al (1999, 2000, 2001) com variadas populações (80,25%; 80% e 87,3%, respectivamente).

Quanto aos motivos alegados para o aborto, verificamos que as condições financeiras estão diretamente relacionadas com a questão de decidir provocar o aborto, uma vez que a maioria das mulheres (36,7%) disse ter abortado por falta de condições para criar um filho. Dados semelhantes podem ser encontrados no estudo de Martins et al (1999).

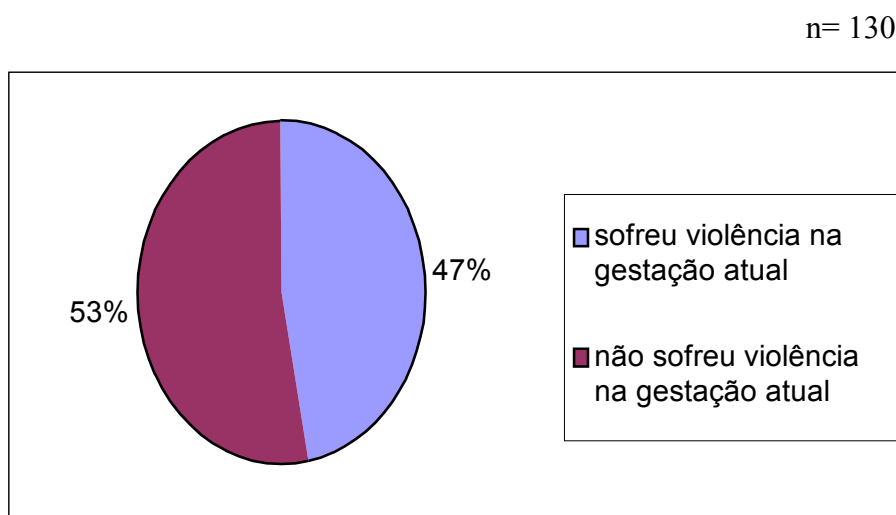
O estudo chama a atenção para o percentual de mulheres que associaram a violência

doméstica à decisão de abortar (27,9%). Os motivos “Idade Jovem” e “Atrapalhar planos para o futuro” (19% e 10%, respectivamente) também foram muito citados.

Observamos que cerca de 47% das mulheres com história de violência disseram ter sofrido algum tipo de violência na gestação atual. Este percentual condiz com o encontrado no estudo de Fernandes (2001), que mostra 50% em média de gestantes com história de violência doméstica.

GRÁFICO 1. Violência doméstica e o aborto provocado. Salvador (BA), 2006.

História de violência doméstica.



De acordo com Castro & Ruiz (2004), na literatura internacional a prevalência de abuso durante a gravidez varia entre 4% e 25%, segundo a população, as definições de violência e os métodos de pesquisas utilizados.

O presente estudo revela ainda que, entre as mulheres que sofreram violência na gestação atual, a violência psicológica foi a mais acentuada, com 96,7%.

Além dos danos físicos, a violência doméstica durante a gestação pode ter consequências psicológicas sérias. A mulher grávida vítima de violência está mais propensa a sofrer de estresse, depressão, consumir mais álcool e drogas. Isso pode incluir a perda do interesse da mulher por sua saúde (MENEZES, 2003).

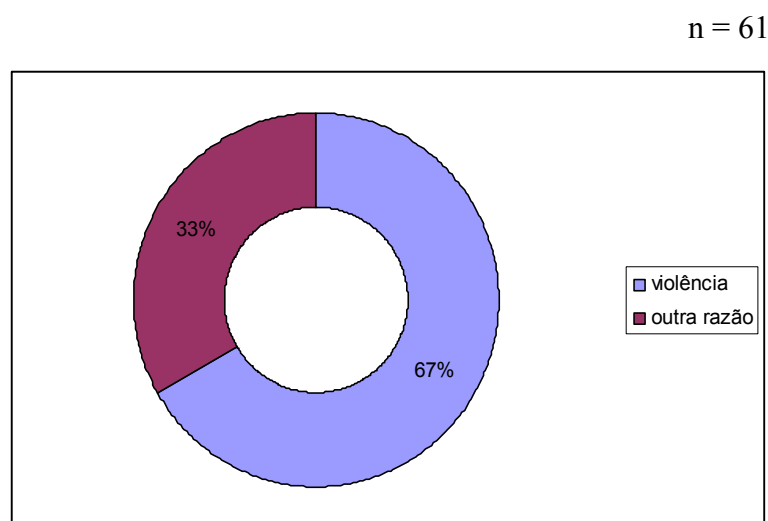
A vivência de violência física esteve presente em 11,5% das entrevistadas. Dados semelhantes são encontrados no estudo de Menezes et al (2003), que mostram uma média de 8% de violência física durante a gestação.

Com relação à violência sexual, 6,5% sofreram esse tipo de violência, sendo que algumas das mulheres que sofreram a violência física ou sexual também sofreram a violência psicológica.

No que diz respeito à violência doméstica na gravidez atual (n=61), o estudo mostra (Gráfico 2) que 67% destas mulheres realizaram o aborto em consequência da violência doméstica. Apenas 33% afirmaram que a decisão de abortar não estava relacionada à violência sofrida na gestação, alegando outros motivos. Neste sentido, podemos inferir que há uma associação significativa entre a vivência de violência doméstica e o aborto provocado por mulheres.

GRÁFICO 2. Violência doméstica e o aborto provocado. Salvador (BA), 2006.

Aborto provocado em decorrência da violência doméstica.



Ao identificar os sujeitos responsáveis pela agressão, o estudo mostra que aproximadamente 70% dos casos são praticados por companheiros ou cônjuges, caracterizando o que chamamos de violência conjugal (maridos/companheiros, namorados ou ex-maridos), enquanto em 26,8% dos casos os pais são os responsáveis.

Este resultado é corroborado por pesquisas de Santana (2005) e Menezes (2003), que revelam ser o marido/companheiro o principal perpetrador da violência contra a mulher. De acordo com estes autores, a violência praticada pelo parceiro íntimo constitui a forma mais endêmica de violência contra a mulher, muitas vezes aceita como fenômeno cultural, inserida

nos costumes e normas da sociedade.

Com relação às consequências do aborto para saúde das mulheres, eis os resultados mais expressivos: curetagem (97,2%); hemorragia (82,9%); secreção vaginal fétida (32,9%); infecção (29,3%) e uso de antibiótico (41,4%).

É necessário ressaltar que no Brasil, devido ao fato de o aborto ser crime, as mulheres que não podem realizá-lo em condições seguras nas clínicas especializadas, fazem-no expondo-se às seqüelas e riscos de vida devido às condições inseguras (REDE SAÚDE, 2005).

As complicações do aborto incompleto representam a quinta causa de internações no SUS, respondendo por 9% dos óbitos maternos. A curetagem pós-aborto representa o segundo procedimento obstétrico mais realizado nos hospitais da rede pública. (SOARES, 2004).

Estudos indicam ainda que uma em cada cinco mulheres que têm aborto inseguro no mínimo sofre uma infecção do trato reprodutivo. Algumas são infecções sérias, que levam à infertilidade (OMS, 1998). Segundo a Norma Técnica de Atenção Humanizada ao Abortamento, isso atinge mulheres jovens e interfere em sua saúde física, mental e reprodutiva, por causar complicações físicas imediatas, tais como hemorragias, infecções, perfurações de órgãos e infertilidade, tudo isso somado aos aspectos subjetivos de culpabilização e punição do aborto (BRASIL, 2005).

Os danos que o aborto provocado podem trazer para as mulheres não se restringem apenas à esfera física: muitas das mulheres que praticam aborto podem desenvolver a síndrome do estresse pós-traumático.

De fato, 83,6% das entrevistadas com histórias de violência na gestação atual têm *flashbacks* que fazem com que elas revivam o trauma e tornem a sentir *culpa*.

Para 59,0% das mulheres que sofreram violência na gestação veio à tona um sentimento de desamparo; esse percentual foi de 30,4% nas que tinham história de violência e 11,7% naquelas que não a tinham.

Chamamos a atenção para o fato de que aproximadamente 50% das mulheres que sofreram violência na gestação disseram apresentar lacunas de memória e se sentir isoladas. Para as que tinham história de violência, este percentual foi de 27,5% para ambos os sintomas e para as que não apresentavam história de violência, os percentuais foram de 11,7% e 17,6%, respectivamente.

O distúrbio do sono também foi bastante citado entre as mulheres que sofreram violência na gestão atual (média de 62,2%).

Quando comparamos as mulheres que abortaram em consequência da violência com as

que abortaram por outra razão, observamos que os sintomas do Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) se manifesta com mais força entre as mulheres que abortaram por conta da violência. Chamamos a atenção para os sintomas de se assustar facilmente e de sentir isolada. A diferença na manifestação desses sintomas foi de quase 20% entre aquelas que abortaram pela violência e as que abortaram por outra razão. Falta de concentração (60,9%) e falta de memória (45%) também foram sintomas representativos e a diferença entre as que abortaram pela violência e por outros fatores (58,5% e 25% entre as que abortaram por outros fatores) foi igualmente digna de atenção.

Born (2005) diz, em seu estudo sobre trauma e ciclo reprodutivo feminino, que as mulheres possuem índices mais altos de comorbidade associadas ao TEPT. Os sintomas mais freqüentes mencionados por aproximadamente 70% dos indivíduos com diagnóstico de TEPT são: ansiedade, insônia, imagens em *flashback*, falta de concentração, comportamento evitativo, sonhos recorrentes e desinteresse.

Podemos observar, que o aborto provocado traz conseqüências traumáticas para as mulheres, independentemente da vivência de violência doméstica. Contudo, nas mulheres com história de violência, e principalmente naquelas que sofreram violência na gestação, esses sintomas do TEPT são bem mais expressivos.

Born (2005) acrescenta que ser mulher, a natureza e a gravidade do trauma são fatores de risco para o TEPT, o que coloca as mulheres que sofreram violência na gestação e principalmente aquelas que abortaram em decorrência da violência em uma iminente situação de risco para o desenvolvimento de problemas físicos e psicológicos.

5.2 A ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES SOBRE O ABORTO PROVOCADO

Na estrutura representacional do aborto provocado obtivemos uma ordem média de evocações em torno de 3,0 e a freqüência média de palavras em torno de 8,0 possibilitando a construção dos quatro quadrantes, com os eixos vertical e horizontal referindo-se, respectivamente, à freqüência média e à ordem média de evocação.

Segundo Tura (1997), a posição dos elementos nos quadrantes é definida pela freqüência de ocorrência.

Das 147 mulheres que responderam o TALP foram obtidas 732 palavras evocadas, das quais apenas 27 palavras diferentes (Quadro 1), o que demonstra a pequena dispersão de sentidos sobre o aborto, o que nos leva a pensar que os dados encontrados são bastante consensuais, ou seja, a representação social sobre o aborto neste grupo tem um pequeno número de elementos fortemente compartilhados pelas mulheres, de modo que o sentido dado ao aborto organiza-se em torno de poucos elementos.

QUADRO 1 - SÍNTESE DO RESULTADO DO TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS - SALVADOR - BA, 2006.

Número de sujeitos	147
Número total de palavras evocadas	732
Número de palavras diferentes evocadas	27
Frequência média de evocações	8,0
Ordem média de evocações	3,0
Número de sujeitos que indicaram a palavra mais importante	147
Número total de evocações analisadas	732

Fonte: Dados processados no EVOC

Os elementos que definem o núcleo central da representação social de mulheres sobre o aborto provocado, encontram-se no quadrante superior esquerdo do diagrama (Quadro 2, pág 42), por apresentarem a maior frequência de ocorrência e pronta evocação. No quadrante inferior direito, estão os de menor frequência e evocação tardia, o que compõe os elementos do sistema periférico da representação.

Os elementos do quadrante superior direito e inferior esquerdo são considerados elementos intermediários, por possibilitarem uma interpretação menos direta, pois se trata de cognições que mantêm uma relação de proximidade com o núcleo central e que, segundo Sá (1996), são elementos analisáveis pela grande teoria das representações sociais e não pela teoria do núcleo central.

Com o objetivo de obter uma análise mais representativa e “limpa” foram desprezadas as palavras com apenas uma evocação (CRUZ, 2003; TORRES, 2005; TURA, 1997).

Após as evocações, 100% das mulheres da pesquisa indicaram a palavra mais importante. A evocação de uma ou mais palavras está associada à presença desta(s) no conteúdo psíquico das mulheres, sejam latentes ou não, e o processo de hierarquização reflete um trabalho cognitivo de análise das informações já evocadas (SOUZA, 2005). Isto permite não só conhecer o conteúdo das representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado, mas também sua organização e estrutura (SÁ, 1998).

Podemos observar, que as palavras que compõe o núcleo central das Representações Sociais de Mulheres sobre o Aborto Provocado foram aquelas que apresentaram maior frequência e foram prioritariamente evocadas, apresentadas no quadrante superior esquerdo (Quadro 2).

QUADRO 2 – ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES SOBRE O ABORTO PROVOCADO – SALVADOR (BA), 2006.

ELEMENTOS CENTRAIS			ELEMENTOS INTERMEDIARIOS		
Frequência ≥ 8	/	Rang < 3	Frequência ≥ 8	/	Rang ≥ 3
Arrependimento	36	2,917	Alívio	12	3,583
Coragem	8	2,875	Angústia	17	3,824
Crime	49	2,000	Desamparo	8	3,875
Culpa	39	2,897	Errado	109	3,578
Dor	75	2,707	Irresponsabilidade	15	3,467
Morte	31	2,452	Medo	24	3,083
Pecado	23	2,652	Risco	93	3,247
Situação de cada uma	45	2,689	Sufrimento	43	3,070
Tristeza	62	2,806			
ELEMENTOS INTERMEDIARIOS			ELEMENTOS PERIFÉRICOS		
Frequência < 8	/	Rang < 3	Frequência < 8	/	Rang ≥ 3
Desamor	5	2,800	Difícil	3	3,333
Frustração	4	2,250	Fraca	3	4,000
Vergonha	5	2,800	Maldade	5	3,200
Vida	4	2,250	Preconceito	5	3,200
			Raiva	3	3,667
			Remédio	6	3,500

Fonte: Dados processados no EVOC

Assim sendo, as palavras que compõe o núcleo central são: dor, tristeza, crime,

situação de cada uma, culpa, arrependimento, morte, pecado e coragem. Esses elementos foram considerados pelas mulheres como os mais importantes na representação do aborto provocado e aqueles que dão significado às representações. Estes elementos são considerados, por este grupo, consensuais, estáveis e coletivamente compartilhados (ABRIC, 1994).

QUADRO 3 - ORDEM MÉDIA DE PALAVRAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES SOBRE O ABORTO PROVOCADO – SALVADOR (BA), 2006.

Aspecto Estrutural	Elementos	Frequência da Ordem de Evocação					Frequência de Evocação
		1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	
NÚCLEO CENTRAL	Arrependimento	9	7	5	8	7	36
	Coragem	2	1	1	4	0	8
	Crime	27	7	7	4	4	49
	Culpa	6	10	9	10	4	39
	Dor	9	27	21	13	5	75
	Morte	15	1	7	2	6	31
	Pecado	7	4	6	2	4	23
	Situação-de-cada-uma	14	10	6	6	9	45
	Tristeza	11	15	18	11	7	62
SISTEMA PERIFÉRICO	Difícil	0	1	1	0	1	3
	Fraca	0	0	1	1	1	3
	Maldade	0	2	0	3	0	5
	Preconceito	0	2	1	1	1	5
	Raiva	0	1	0	1	1	3
	Remédio	1	1	0	2	2	6

Fonte: Dados processados no EVOC

Podemos perceber que o crime e o pecado apareceram como elementos do núcleo central que qualificam o ato do aborto provocado, uma vez que estão ancorados nos valores morais e religiosos da nossa sociedade, tendo em vista que no Brasil o aborto provocado é considerado crime.

O termo crime foi evocado por 49 mulheres (33,3%), sendo que para 27 delas foi considerado o 1º elemento mais importante.

Já o termo pecado foi evocado por 23 mulheres (15,6%), sendo considerado o

elemento mais importante para 07 delas.

O pecado tem forte influência legal e religiosa para as mulheres, pois elas sentem que transgrediram a lei dos homens e a lei de Deus. Assim, ao chegarem nos serviços de saúde, as mulheres omitem a realidade do processo do aborto provocado, relatando apenas as queixas físicas.

Quando uma mulher provoca o aborto, somente procura um serviço de saúde quando tem complicações, pois na grande maioria das vezes é tratada como culpada e criminosa pelos profissionais que as atendem (REDE SAÚDE, 2005).

No que se refere à coragem e situação de cada uma, foram considerados elementos que levaram a mulher a praticar o ato do aborto.

O termo coragem foi evocado por 08 mulheres (5,4%), sendo que para 02 foi considerado o elemento mais importante e para 4 mulheres está no 4º lugar na ordem de evocação. Mesmo sabendo dos riscos e do sofrimento que poderão enfrentar, as mulheres provocam o aborto, imbuídas de coragem para enfrentar toda a problemática que envolve a sua realização.

Quanto ao termo situação de cada uma, foi evocado por 45 mulheres (30,6%) que justificaram por diversos motivos a realização do aborto, sendo que 14 destas consideraram-no como o elemento mais importante.

Entre algumas palavras categorizadas como situação de cada uma, destacam-se: condições financeiras, gravidez indesejada, motivo, necessário, obrigação, preciso, sobrevivência, circunstância, não poder sustentar, induzida a fazer, opção, estupro.

Estudos mostram que as mulheres alegam como motivos para a interrupção da gravidez situação econômica, violência doméstica, idade jovem, não estar preparada, outros planos para o futuro, ausência de parceiro (COSTA et al., 1995; AGI, 1999, PEDROSA & GARCIA 2000; PAUCAR, 2003; MENEZES, 2003).

Nesta perspectiva, deparar-se com uma gravidez indesejada é uma possibilidade para qualquer mulher em idade fértil e com vida sexual ativa, mesmo aquelas que utilizam corretamente contraceptivos, haja vista a inexistência de um método que assegure a total ausência de gravidez.

Ou seja, a despeito dos cuidados, a gravidez indesejada faz parte da vida das mulheres. E eis o dilema: ficar com o filho, fruto de uma gravidez indesejada, ou provocar o aborto? Nenhuma destas opções seria uma saída isenta de sofrimento para as mulheres... Que se vêm sozinhas e tendo que se decidir entre duas soluções, nenhuma das quais satisfatória... E de forma solitária, elas enfim tomam uma decisão.

Ao se decidirem pelo aborto provocado, as mulheres começam a experimentar diversos sentimentos: dor, arrependimento, culpa, morte, tristeza, entre outros.

Estes decorrem de elas terem provocado o aborto. O elemento dor foi evocado por 75 mulheres (51,0%): para 09 delas foi considerado o elemento mais importante, porém, como podemos perceber que para 27 mulheres foi o 2º e para 21 o 3º elemento mais importante no processo do aborto provocado (Quadro 3, pág 43). Ou seja, a dor revelou ser o elemento mais estável da representação do aborto provocado, refletindo a vivência das mulheres no que se refere à dor física e principalmente emocional.

Segundo o Ministério da Saúde -MS (2005), o processo do aborto é, para a maioria das mulheres, doloroso e desconfortável, e fatores emocionais podem influenciar a percepção da dor, sendo necessárias atenção médica e psicológica para o seu controle e alívio. A inadequação no atendimento à mulher, no que diz respeito ao controle da dor, provoca sofrimento desnecessário, podendo aumentar a ansiedade e trazer complicações.

O aborto provocado perpassa pelas atitudes das mulheres, envolvendo as idéias que cada uma tem sobre o tema, sua maneira de ser e suas vivências, influenciando, desse modo, sua prática.

A dor física é um sintoma de que o processo de aborto foi desencadeado, de modo que a mulher já sabe disso quando utiliza o cytotec®. Já o que contribui para a dor emocional é a clandestinidade. Nessa condição, as mulheres guardam seu sofrimento em silêncio ou, no máximo, compartilham-no com pessoas de sua confiança, pois não encontram apoio nos serviços de saúde (BRASIL, 2001). Sendo assim as mulheres vivem a dor da perda, da culpa e do arrependimento.

O termo arrependimento decorre de terem provocado o aborto, sendo evocado por 36 mulheres (24,4%), sendo para 09 delas considerado o elemento mais importante, o que mostra estabilidade na frequência da ordem de evocação.

Como podemos perceber, o sentimento de culpa está grandemente inserido no contexto do aborto provocado e foi evocado por 39 mulheres (26,5%). 06 delas consideraram-na o elemento mais importante, 10 o 2º, 9 o 3º, e 10 consideraram-na o 4º elemento mais importante (Quadro 3, pág 43).

Isto é, dos pontos de vista legal e religioso, a culpa está inserida no contexto da criminalidade.

Muitas mulheres se sentem culpadas mesmo antes de realizar o aborto, o que é potencializado por valores sociais, culturais e religiosos. O processo do aborto está imbuído

de muito sofrimento, por causa dos sentimentos negativos que as mulheres experimentam e que são potencializados quando elas se deparam com o preconceito.

Conforme Leitão (1999), sentimentos como culpa, remorso e vergonha são manifestações resultantes de padrões sociais. A vergonha de falar sobre o aborto nada mais é do que o medo de se expor e ser humilhada.

Para a psicanálise Freudiana, o sentimento de culpa corresponde a um conflito interno que resulta na autopunição, do remorso que resulta da percepção do indivíduo ao violar regras morais, para com o bem-estar de outros (LEITÃO,1999).

O medo de morrer e o sentimento iminente de morte estão presentes para a maioria das mulheres, de modo que o termo morte foi evocado por 31 delas (21,0%), sendo que para 15 foi considerado o elemento mais importante (Quadro 3, pág 43).

As mulheres já sabem que o aborto pode levar à morte, conhecimento veiculado por mulheres que contam histórias de outras que morreram, pela mídia e pelos profissionais de saúde.

O MS reconhece na Norma Técnica de Atenção Humanizada ao Abortamento que o aborto realizado em condições inseguras é importante causa de morte materna, sendo que a atenção tardia ao aborto inseguro e às suas complicações pode ameaçar a vida, a saúde física e mental das mulheres (BRASIL, 2005).

Contudo, esta norma não vem garantindo mudanças no atendimento, já que podemos perceber que as mulheres continuam morrendo em consequência do aborto inseguro e o preconceito por parte dos profissionais de saúde continua a existir.

O termo tristeza foi evocado por 62 mulheres (42,1%), sendo que para 11 delas foi considerado o elemento mais importante, 15 consideraram o 2º mais importante e 18, o 3º elemento mais importante (Quadro 3, pág 43). Para muitas mulheres, esta tristeza se deve ao sentimento de perda, pois mesmo tendo se decidido pelo aborto elas vivenciam a perda de um filho.

O núcleo central da representação de mulheres sobre o aborto provocado está ancorado na sua vivência e nos valores e conceitos construídos a respeito do mesmo. E isso lhes influencia o comportamento.

Para Abric (2000), o núcleo central é determinado pela natureza do objeto representado, pelo tipo de relação que o grupo mantém com este objeto e pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo.

Estes elementos asseguram a continuidade da representação social em qualquer que seja o contexto, visto que o núcleo central é mais resistente a mudanças.

Segundo Abric (2000), os elementos periféricos se organizam em torno do núcleo central e retratam a situação concreta na qual a representação é elaborada ou colocada em funcionamento.

As palavras que representam o sistema periférico se acham no quadrante inferior direito (Quadro 2, pág 42): apresentaram frequência menor que 8, sendo apontadas de maneira secundária no processo de hierarquização ($Rang \geq 3$). Estes elementos estão mais distantes do significado, porém mais ligados às práticas cotidianas.

As palavras que compõe o sistema periférico são remédio, preconceito, maldade, fraca, raiva e difícil.

Podemos observar que o remédio funciona como uma saída para o sucesso da prática do aborto provocado e estabelece uma interface com os elementos do núcleo central dor e morte, pois ao utilizar o remédio (cytotec®) a mulher já sabe que irá sentir dor. Também conhece o risco de morte inerente à prática insegura do aborto provocado. Sendo assim, o uso da medicação cytotec® (Misoprostol) é um conhecimento apreendido pelas mulheres e uma prática utilizada por estas para provocar o aborto, sendo também uma das técnicas de escolha para o aborto eletivo previsto em lei recomendadas pelo MS (BRASIL, 2005; GESTEIRA, 2005). Já as palavras preconceito e maldade estabelecem uma interface com os elementos crime, culpa e pecado representados no núcleo central, pois as questões moral, legal e religiosa estão imbricadas na representação do aborto provocado, reforçando estes sentimentos.

As palavras difícil e fraca, do sistema periférico, estão associadas à dor e à coragem da mulher, pois é ela que experimenta, sozinha, o sofrimento de se decidir pelo aborto ou não e de ministrar a si mesma a medicação.

A palavra raiva, do sistema periférico, está associada com o termo situação de cada uma do núcleo central, haja vista que muitas relacionam a raiva com situações de violência doméstica. Nesse contexto, elas se sentem induzidas a provocar o aborto, e tal sentimento, aqui, pode ser considerado também como uma forma de aliviar a própria culpa pelo aborto, funcionando, nestes casos, como um mecanismo de defesa.

Podemos perceber, assim, que o sistema periférico confere uma interface com o núcleo central, resultando na construção da representação do aborto provocado, visto que ambos expressam elementos objetivos e subjetivos. Isto condiz com a afirmação de Vala

(2000), que afirma que a representação social se alimenta tanto das teorias científicas quanto da cultura, das ideologias e das experiências.

Assim, os elementos periféricos – remédio, preconceito, maldade, raiva, difícil e fraca, por serem mais flexíveis e, portanto, apresentarem menor resistência a mudanças, possibilitam modulações individuais que permitem flexibilidade e elasticidade na elaboração de representações sociais.

O sistema periférico, quanto à sua funcionalidade, representa a tomada de posição ou conduta, referentes ao objeto de estudo. Os elementos do núcleo central – dor, tristeza, crime, situação de cada uma, culpa, arrependimento, morte, pecado e coragem – são normativos e concretizados pelos elementos do sistema periférico.

Os elementos do quadrante superior direito (Quadro 2, pág 42) – alívio, angústia, desamparo, errado, irresponsabilidade, medo, risco e sofrimento – são considerados elementos intermediários, e, segundo Sá (1996), podem evoluir para o núcleo central.

Nesse sentido, podemos perceber sentimentos contraditórios, onde as mulheres dizem sentir alívio na solução do aborto e ao mesmo tempo vergonha, desamparo e angústia, revelando assim um grande sofrimento ao ter que transgredir os valores morais e religiosos.

Já os elementos do quadrante inferior esquerdo (Quadro 2, pág 42) – desamor, frustração, vergonha e vida –, embora sendo também elementos intermediários, por se encontrarem entre o núcleo central e o sistema periférico da representação de mulheres sobre o aborto provocado, deverão ser analisadas pela grande teoria das representações sociais, e não pela teoria do núcleo central.

No sentido de aprofundar as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado, segue a análise qualitativa dos dados referentes às entrevistas realizadas com 20 mulheres. Os resultados das entrevistas foram organizados por temas e categorias.

5.3 CONTEÚDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES SOBRE O ABORTO PROVOCADO

As entrevistas realizadas com as mulheres permitiram identificar temas e categorias (Quadro 4, pág 49), através da análise de Bardin (1997).

Os temas foram organizados e destes surgiram categorias que são apresentados a seguir.

QUADRO 4 – ORGANIZAÇÃO DOS TEMAS E CATEGORIAS DE DISCURSOS DE MULHERES SOBRE O ABORTO PROVOCADO – SALVADOR (BA), 2006.

TEMAS	CATEGORIAS
CRIME	Crime diante de a Lei Crime diante de Deus
MOTIVOS	Condição financeira Ser jovem Atrapalhar planos para o futuro Violência
DOR	Física Emocional
SENTIMENTOS	Coragem Tristeza Culpa Arrependimento Morte Sufrimento Alívio Solidão

TEMA – CRIME

Este tema dispõe acerca do crime, elemento situado no núcleo central das representações de mulheres sobre aborto provocado na terceira posição. As seguintes categorias se inserem dentro desse tema: crime diante de a lei e crime diante de Deus.

Crime diante de a Lei

As entrevistas qualitativas permitiram o aprofundamento desta categoria, uma vez que

as mulheres associam o aborto à criminalidade, como pode ser observado a partir dos seguintes relatos:

...é um crime, eu matei uma criança pequena... aí eu fico assim, abismada, muito sentida, triste... (Ametista).

...Foi um assassinato, eu interrompi um ciclo da vida [...]. Eu ainda me sinto assassina, é horrível, é pior do que chegar em uma pessoa que me fez algum mal, ir lá e matar, porque pelo menos ela me fez alguma coisa, agora a criança não me fez nada, e ela é meu filho, é meu sangue... (Topázio).

Meu namorado ficou me acusando: “você matou meu filho, colocou uma arma na cabeça dele” [chora] (Diamante).

...Eu me senti um pouco assassina, sei lá, não é isso que eu quero pra mim, não esquece mesmo.. eu tinha medo de ir presa...(Ônix)

Estas falas nos permitem pensar que as representações das mulheres estão ancoradas nos princípios legais, o que as leva a se sentirem culpadas e, portanto, passíveis de punição, visto que, no Brasil, o aborto provocado é considerado crime, sendo permitido apenas nos casos previstos em Lei, ou seja, quando se trata de risco de vida para a mulher e de gravidez resultante de estupro.

Do fato de a assistência ser norteada pela concepção de que o aborto é um crime, sem menção aos direitos reprodutivos ou às questões sociais, é que deriva a problemática da clandestinidade (SOARES, 2004). Nesta perspectiva, a ilegalidade leva à realização do aborto na clandestinidade. Assim, as mulheres, ao optarem pelo aborto clandestino, aparecem como criminosas que, isoladamente, decidiram cometer um delito (COSTA, 1995). Com isso, torna-se difícil para as mulheres partilharem suas experiências e sentimentos, o que é causa, para elas, de intenso sofrimento psíquico, repercutindo negativamente em sua saúde física e mental, tendo por origem a culpa e o medo de serem presas, de onde o isolamento e o silêncio.

Some-se a isso o fato de a sociedade compartilhar, com a cultura, a culpabilização da mulher, constituindo um elemento que interfere na construção da representação acerca do aborto provocado.

Desta forma, *“a proibição e a omissão do Estado são fatores que agredem os direitos*

reprodutivos e agravam as condições de pobreza, condenando milhões de brasileiros a conviver com o preconceito e a fatalidade” (ALVES, 2006, p. 1).

A religião coaduna com o preconceito que permeia o aborto, de modo a intensificar o sofrimento das mulheres, uma vez que estas associam a prática do aborto à idéia de crime diante de Deus, de pecado.

Crime diante de Deus

Esta categoria reflete a concepção que as mulheres têm acerca do aborto provocado, a idéia de pecado, que favorece o sentimento de culpa. Isso pode ser observado nos seguintes discursos:

...é um crime, porque é errado, errado porque era uma vida, porque quem tem direito de tirar uma vida de uma pessoa é Deus, ele vai e tira! Isso vai ficar registrado lá em cima, no céu! Quando eu morrer, eu vou ser julgada de alguma maneira... (Safira).

...É um crime, foi porque eu tirei uma vida [...]. Eu não tenho religião, só acredito em Deus, eu acho que vou pagar lá em cima como qualquer outra que mata uma pessoa, ou talvez eu pague aqui na terra primeiro, ou talvez eu já esteja pagando e talvez não esteja nem sabendo... (Rubi).

... pedi perdão pra Deus, acho que pode acontecer coisas ruins, eu mereço, porque eu fiz isso, o aborto, eu tenho que pagar, tem que sofrer e vai ser ruim, sei lá (Sodalita).

Os depoimentos deixam claro a idéia que as mulheres têm sobre um Deus superior que castiga, que pune. Contudo, a concepção que as mulheres têm acerca do aborto é a de que têm que ser castigadas. Mesmo Deus perdoadando, a mulher não se sente merecedora deste perdão, conforme demonstra a fala a seguir:

... me sinto triste, criminosa, não tem perdão pra mim mesma. Eu não tenho religião não, acho que Deus perdoa, mas eu não me perdôo, pela coisa que eu fiz, acho que não justifica [silêncio] (Opala).

As influências religiosas estão sempre presentes nas discussões sobre aborto no Brasil, apesar de o país ser considerado um Estado Laico. Ele aparece como sendo um pecado contra a vida, um assassinato, algo repudiável, passando a idéia de que os preceitos religiosos são inquestionáveis.

No cristianismo, a questão do aborto é vista como um pecado abominável entre os religiosos, sendo considerado um crime grave contra a vida, e abjurável, uma vez que, ao praticar o aborto, a mulher deverá renunciar à religião (PAUCAR, 2003).

As relações de poder vivenciadas pelas mulheres seguem o modelo patriarcal, onde é dever da mulher, durante o casamento, manter o contato sexual, mesmo contra a sua vontade. Outro aspecto é a influência religiosa, por meio da proibição do uso de métodos contraceptivos, estando a mulher sujeita a uma gravidez indesejada, havendo, por esse motivo, a necessidade de se admitir a interrupção (DIAS, 2006).

Segundo Nunes (2006), a igreja católica nunca tratou o aborto como uma doutrina e, portanto, como algo que não pudesse ser negado, de modo que nem todos dentro da Igreja concordam com o argumento de que o aborto é crime. A autora faz referência a teólogos católicos que defendem a despenalização civil e religiosa do aborto, considerando injusto e imoral o fato de o aborto ser considerado crime e as mulheres, criminosas.

TEMA – MOTIVOS

O tema Motivos, tem relação com as justificativas dadas pelas mulheres para a realização do aborto provocado e suas categorias: situação econômica, violência, idade jovem e atrapalhar planos para o futuro. Estas, por sua vez, estão de acordo com as categorias referentes aos motivos apresentados para o aborto proporcionadas no capítulo Características Relacionadas com os Aspectos Sócio-Demográficos, a Saúde Reprodutiva e a Violência (pág 35): condições financeiras (36,7%); violência doméstica (27,9%); idade jovem (19,1%) e atrapalhar planos futuros (10,2%).

Condição financeira

Várias são as situações que levam a mulher a se decidir pelo aborto. Costa et al (1995)

sustentam, em sua pesquisa sobre a decisão de abortar, que a falta de condição financeira foi uma das razões mais citadas pelas mulheres. No nosso estudo, a situação econômica representou o motivo mais citado entre as 147 mulheres entrevistadas, alcançando um percentual equivalente a 36,7%. 80% das mulheres do nosso estudo se encontravam em situação de dependência econômica, entre as quais 52,1% de dependência total e 47,9% de dependência parcial, na maior parte do marido ou companheiro.

Vale dizer que as Condições Financeiras também foram evocadas no elemento situação de cada uma (Quadro 2, pág 42), presente no núcleo central.

Seguem algumas falas:

... é porque meu companheiro não trabalhava... ficava difícil, eu só tinha o dinheiro da bolsa escola, eu também não estava trabalhando (Alexandrita).

... eu teria que cortar alguma coisa pra minha filha... não quero deixar faltar pra ela... voltei da licença maternidade há pouco tempo e eles (patrões) não gostam e por causa da gravidez recente eles mandar embora (Âmbar).

Nas falas das mulheres o que se percebe é o agravamento da situação financeira para algumas delas decorrentes de uma gravidez, o que as leva a optar pela única saída possível, a saber, o aborto provocado.

Mas para as mulheres que não dispõem de meios para realizar o aborto em condições seguras, ao contrário daquelas com maior poder aquisitivo, a solução é se submeter ao aborto inseguro. Alves (2006) concorda com esse ponto de vista e afirma que estas mulheres são as que mais sofrem seqüelas neste processo, por causa da dificuldade econômica, do difícil acesso à educação de qualidade e a métodos para o controle da fecundidade.

Acrescenta-se ainda a falta de apoio por parte dos familiares. Vejamos, por exemplo, as seguintes falas:

... meu namorado já tem 3 filhos... eu já tenho uma filha de 2 anos... eu não queria fazer, mas por causa dele e de minha mãe eu me senti na parede, porque eles me sustentam e aí tive que dizer sim (Ágata).

A oposição dos meus pais, eles falaram que eu não ia mais ficar lá, que iam me botar pra fora, eles não aceitaram a gravidez. [...] eu não tinha onde morar, pra onde ir (Opala).

Percebe-se, por estas falas, que as mulheres sofrem porque a sua gravidez não é aceita nem pelo companheiro e nem pela família. Ou seja, entre levar a gravidez adiante ou interrompê-la a mulher, mais uma vez, se vê sozinha.

A família se coloca contra a gravidez, fazendo as mulheres enfrentarem, além da gravidez indesejada, o desprezo da família (PAUCAR, 2003).

Pedrosa e Garcia (2000) declaram que, em uma situação de gravidez indesejada, o parceiro se omite da responsabilidade ou pressiona a mulher, de forma implícita ou explícita, oferecendo ou sugerindo os meios para o aborto.

Quer dizer, a decisão de interromper uma gravidez é sempre marcada por vários aspectos importantes, entre os quais as condições econômicas, que determinam ou não levar uma gravidez adiante. Neste sentido, a decisão pelo aborto se baseia na situação de cada mulher.

Ser jovem

Também a juventude das entrevistadas foi alegada como motivo para a interrupção da gravidez para 19,1% delas. Entre as 147 mulheres entrevistadas, 68% são jovens, sendo que 22,5% na faixa etária de 12 a 18 anos (adolescentes), e 45,5% na faixa etária de 19 a 24 anos, (idade jovem).

Isto foi aprofundado nas entrevistas qualitativas, conforme depoimentos a seguir:

... porque eu sou muito jovem... não me acho capacitada ainda de ter uma criança... de criar... (Safira).

... tô nova pra ter filho pequeno, não tenho condições nenhuma... é por que não quero e não gosto do pai do meu filho... é ruim ter um filho com alguém que a gente não gosta (Turquesa).

Os discursos das mulheres mostram que elas não se sentem maduras para criar um filho: esta categoria revela, pois, que a representação das mulheres é de que ser jovem não é compatível com o papel da maternidade. Isso está de acordo com o que pensam Souza et al., (2001) quando afirmam que embora para muitas jovens a gravidez signifique realização para a maioria significa um momento de desespero, porque ser mãe não está em seus planos. Costa

et al (1995) também confirmam esses dados, mostrando em seu estudo com mulheres que realizaram aborto que o fato de elas não estarem preparadas para criar e educar uma criança foi o motivo mais citado para justificar a decisão de abortar.

Também há uma associação entre a gravidez indesejada e a natureza frágil nas relações com seus parceiros. Pedrosa e Garcia (2000), em seu estudo, também salientam a fragilidade dos relacionamentos afetivos e sexuais das mulheres jovens e seus companheiros. As autoras ainda sustentam que as mulheres justificaram que uma gravidez dificultaria ainda mais a condição econômica existente, de modo a anular ou alterar-lhes os planos futuros.

Atrapalhar planos para o futuro

O aborto como solução para não atrapalhar os planos para o futuro foi o motivo alegado por 10,2% das mulheres. Tal fato pode estar relacionado com o baixo grau de escolaridade destas mulheres (de fato, 80,3% das mulheres ainda não haviam concluído o segundo grau).

Os depoimentos a seguir nos dão uma melhor compreensão acerca de como a gravidez interfere na realização dos planos para o futuro.

Porque ia atrapalhar a minha vida!... gosto de dançar e curtir... tenho muitos objetivos na vida, completar os estudos, fazer curso de dança... (Jaspe).

... eu não tinha apoio de ninguém e eu desejo fazer uma faculdade e iria atrapalhar um futuro que pudesse vir a ter (Topázio).

... meu namorado não queria... e eu ia ter que voltar pro interior (Sodalita).

Como podemos perceber por estas falas, os jovens percebem a educação como um meio de garantia da cidadania, ancorando-se em planos para o futuro que lhes favoreçam escolhas nos mais diversos campos: emprego, moradia, lazer, educação, etc.

Belo (2004) afirma que a gravidez precoce faz com que as mulheres tenham que adiar ou anular planos futuros, o que limitará a sua entrada no mercado de trabalho, além de outras oportunidades.

Violência

O estudo quantitativo revelou que a violência foi o segundo motivo mais alegado pelas mulheres (27,9%).

Vejamos os seguintes depoimentos:

... o namorado, que me humilhou... na hora que precisei dele ele me virou as costas, disse que o filho não era dele, que eu tava com outro homem... ele me deu um murro na boca... me xingava toda...(Olho de Gato).

... eu já tenho filhos e foi do meu ex-marido... ele disse que não ia assumir... que eu ia ter que lutar pra fazer um DNA e ainda assim ia botar advogado... ele começou a sacanear, me humilhou muito e aí no momento de raiva eu fiz o aborto... (Topázio).

... já tenho um filho... Eu não trabalho, meu marido tem uma outra família também, eu vivo pela misericórdia de Deus, porque num momento ele tá bem comigo, noutro momento ele me bate, me xinga, me bota pra fora, me humilha, vários tipos de coisa, chega até dói quando eu falo... eu dependo dele. Tudo isso me fez tirar (Jaspe).

A gravidez, como vimos, representa um fator de risco para a violência doméstica. Ou seja, a gravidez indesejada está presente nas relações violentas, de modo que o aborto se apresenta como a única solução, seja ou não permitido por lei e quer realizado com ou sem segurança (AGI, 1994).

As falas acima mostram a violência física e psicológica infligida nas mulheres pelos companheiros, pelas quais se acham culpadas, o que interfere em sua auto-estima. Sendo assim, as marcas físicas podem passar, mas os traumas psicológicos podem durar por toda a vida, levando-as a um profundo sofrimento (SILVA, 2005).

Diniz et al (2001) concordam quando afirmam que a violência contra a mulher atinge a saúde física e mental, afeta o bem-estar, a segurança, a auto-estima, causa depressão, gravidez indesejada, sendo reconhecida, portanto, como uma importante questão social, devido ao impacto para a qualidade de vida destas mulheres. Em resumo, a vivência da violência constitui um fenômeno que interfere na decisão da mulher em praticar o aborto,

levando a mulher ao sofrimento e adoecimento pela humilhação sofrida. Esta é definida por Taille (2002) como a sua inferiorização por uma pessoa ou grupo.

Sabe-se que muitas mulheres que sofrem violência costumam calar o fato, não denunciando o seu agressor. Este silêncio é atribuído à vergonha, pois não há dúvidas de que a violência seja um ato de humilhação que inferioriza a mulher, tornada objeto. Dificilmente a vítima não se sentirá humilhada, e essa é uma das razões para a mulher não confessar a violência e, como consequência, o aborto provocado. Portanto, a vergonha e o medo de falar nada mais são que o medo que têm de serem humilhadas também pelos profissionais que as atendem.

TEMA – DOR

O tema Dor surge a partir da representação que as mulheres têm do aborto provocado e compõe-se das categorias física e emocional. Este tema foi considerado o elemento mais importante que compõe o núcleo central da representação do aborto provocado.

Dor física

A Dor Física faz parte do quadro clínico do aborto, seja ele provocado ou espontâneo. Esta categoria pôde ser aprofundada nas entrevistas qualitativas. Vejamos alguns exemplos:

... entrei em desespero...a dor era tão forte, tão intensa... uma dor muito horrível que eu pensei que ia morrer... (Topázio).

... eu comecei a sentir dor e sangrar muito, uma dor insuportável e eu senti que eu tava perdendo o meu filho... (Ágata).

Percebe-se que as mulheres já têm dentro de si a consciência de que o aborto provocado é motivo de dor, o que se configura como um sinal de que o processo teve início.

Neste sentido, a expectativa da dor para as mulheres já é o suficiente para gerar a

ansiedade ou aumentá-la e, conseqüentemente, agravar a dor sentida.

Segundo o MS, a intensidade da dor sofre influências do medo com relação aos procedimentos que serão utilizados, além da idade da mulher, idade gestacional e dilatação cervical (BRASIL, 2005).

Em pesquisa realizada por Costa et al (1995), mostrou-se que quase metade das mulheres que abortaram disseram ter se sentido mal física e/ou emocionalmente (48,8%). Com relação a isso, Dantas e Tobler (2003) declaram que o sofrimento não está associado apenas às reações somáticas, mas também a uma perda, que se reflete na dor moral ou psíquica.

Dor emocional

Esta categoria diz respeito à representação da dor psíquica, aquela que se ancora em um imenso sofrimento, mas cuja objetivação é difícil. Traz em si os sentimentos de ambigüidade e luto. As mulheres mostraram isso nos seguintes discursos:

... foi muito ruim... é sofrimento, é dor, humilhação... é perda de uma coisa que tá saindo de dentro de você... tá perdendo uma coisa que é da gente... é difícil, não sei explicar... (Jaspe).

... fiquei na cama chorando, a cabeça fica sem nada pra pensar, tudo vazio, ficou um vazio (Sodalita).

Os depoimentos acima trazem à tona o vazio e o luto pela perda, termos que foram objetivados na representação da dor emocional pela realização do aborto. Assim, para estas mulheres, o luto pela perda é um trauma, trazido geralmente pela sensação de vazio e acompanhado por sentimentos dolorosos.

O sofrimento prevê o vazio e este representa a perda do significado da existência, minimizando a importância da vida, aquilo que dá sentido a que continuemos vivendo (DANTAS e TOBLER, 2003).

A dor da perda, segundo Ballone (2005a), *“é uma dor psíquica, naturalmente movida por sentimentos de tristeza, de finitude, de medo, de abandono, de fragilidade e*

insegurança”, sendo que a duração desses sentimentos dependerá da intensidade da relação com o “objeto” perdido.

No aborto provocado, há uma maior dificuldade para o luto ser elaborado, pois se enquadra entre as perdas socialmente negadas. Representa um luto especial, porque é uma perda carregada de autocensura, principalmente nos países em que o aborto é crime, como é o caso do Brasil (ESCUDEIRO, 2006).

Nas falas das mulheres acima, pudemos perceber que mesmo na ausência de uma lesão ou disfunção orgânica, a dor emocional subsiste, não menos importante ou intensa que a dor física, e que também precisa ser aliviada (GUSMAN et al, 2005).

Com relação a isso, Oliveira et al (2005) consideram que a dor psíquica envolve aspectos emocionais, sociais, culturais, ambientais, cognitivos e religiosos que variam de pessoa para pessoa, de acordo com a situação atual, as experiências anteriores, a compreensão de suas causas e conseqüências.

Nesta perspectiva, a influência religiosa faz com que as mulheres considerem o aborto um crime contra a vida, o que intensifica seu sofrimento. Podemos ver isto na seguinte fala:

... dói a alma... eu sou evangélica, acho que isso influencia muito... você se sente fora da vontade de Deus... esses dias eu não fui pra igreja... porque eu acho que não sou digna de tá ali... (Diamante).

A dor provoca uma sensação desagradável, de caráter individual: somente quem está sentindo dor, sabe como é. Entre os fatores que podem interferir aí estão a religião, a cultura, questões morais, crenças, entre outros (GUSMAN et al, 2005).

Para Nunes e Jurkewicz (2002), as intervenções da igreja católica caminham no sentido de criminalizar o aborto, mesmo nas condições já previstas em lei. E por ser proibido o aborto leva a pressões psicológicas e sociais muito grandes, sendo carregado de insegurança, julgamento, sofrimento, medo, culpa, vergonha, humilhação e morte (SOUZA et al, 2001; OLIVEIRA et al, 2005).

TEMA – SENTIMENTOS

São vários os sentimentos que permeiam a decisão pelo aborto provocado. Assim, a

decisão de continuar a gravidez ou interrompê-la está ancorado em sentimentos tais como coragem, tristeza, culpa, arrependimento, medo, sofrimento, alívio e solidão. Estes sentimentos também se mostraram como elementos presentes em alguns dos quatro quadrantes que compõem a estrutura das Representações Sociais de mulheres sobre o aborto provocado (Quadro 2, pág 42).

A ambivalência afetiva se caracteriza pela existência simultânea de juízos contraditórios sobre o mesmo objeto. São sentimentos diante de acontecimentos que se teme e se deseja simultaneamente, e surge em todas as situações de conflito, como no caso do aborto provocado, por exemplo (BALLONE, 2005).

Vários são os sentimentos presentes no processo do aborto provocado. Contudo, estes não podem ser padronizados, haja vista que cada mulher que provoca o aborto apresenta aspectos emocionais singulares, que variam de acordo com o contexto em que se inserem, ao longo da vida. Entretanto, os sentimentos representados na vivência do aborto devem ser transformados, a fim de evitar um conflito por toda a vida, de modo a evitar depressão, perda da auto-estima ou rejeição do corpo feminino (SILVA, 1997).

Coragem

A categoria Coragem também constitui elemento do núcleo central, ocupando a 9ª posição. De acordo com as falas das mulheres, percebemos que a coragem é condição que sustenta a realização do ato do aborto. Vejamos algumas delas:

... no começo eu tava em dúvida ainda, mas depois eu tomei a decisão que teria mesmo que fazer, que não teria outro jeito... Foi um pouco difícil...

fiquei na dúvida, fiquei triste, chorei... (Âmbar).

... acordei pela manhã e vê o remédio... a dúvida... desespero... tomar ou não tomar... foi difícil nessa hora.... eu pensava em muita coisa... fiquei um bom tempo com o remédio na mão já aberto, sem tomar, com um copo de água próximo a mim...tomei coragem, preparei, amassei os comprimido... já com um pouco de pomada vaginal, coloquei no aplicador... fiquei ainda

pensando um bom tempo... tomei dois, aí deitei de perna pra cima e introduzi... (Topázio).

Ao se decidir pelo aborto, a mulher procura um método que esteja de acordo com o que ela conhece e com suas condições econômicas. Da espera pelos primeiros sintomas do trabalho de aborto, tais como a dor e a perda de sangue até a expulsão do feto e o delivramento dos anexos podem decorrer horas e/ou dias, tempo que pode se transformar em eternidade, por causa do intenso sofrimento físico e psíquico a que as mulheres se referiram e que são vivenciados de forma silenciosa e solitária, ou contando apenas com a ajuda de outras mulheres que passaram pelo mesmo processo, numa rede de solidariedade.

Assim, de acordo com os depoimentos, pode-se observar que, antes de fazer uso da medicação, a mulher passa por um momento de hesitação: usar ou não os comprimidos? Este processo pode durar horas, com muito sofrimento: olhar para o comprimido, pensar na criança, pegar no comprimido, tritirá-lo, pensar na morte da criança, sentir-se como criminosa, colocar o comprimido no aplicador, pensar na dor, colocá-lo na boca, aplicar a medicação, arrependimento, medo de morrer... Voltar atrás?

Enquanto as mulheres aguardam o efeito do método abortivo, experimentam uma série de sensações, imaginando as conseqüências do ato, passando por momentos de desespero, medo e ansiedade (PEDROSA & GARCIA, 2000).

Mesmo aquelas que chegam aos serviços de saúde no início deste processo o vivenciam ainda de forma solitária nas enfermarias das maternidades, pois se encontram isoladas, devido ao silêncio que permeia o aborto provocado por parte dos profissionais que as atendem. Na maioria das vezes, quando esse silêncio é quebrado, ele se dá em forma de um pré-julgamento.

Neste sentido, a dor emocional está intimamente relacionada com o aborto provocado, pois é a mulher que decide por isso, administra a medicação... É ela que “coloca o dedo no gatilho”, o que, para a maioria, é uma experiência de profundo sofrimento e tristeza.

Tristeza

Esta categoria foi o segundo elemento mais evocado pelas mulheres no núcleo central,

sua compreensão sendo ampliada a partir das entrevistas qualitativas. Vejamos as falas abaixo:

... fico triste quando vejo o bebê dos outros, uma vontade de ter, principalmente sabendo que eu poderia ter... (Rubi).

... Triste porque eu quero ter um filho e por não estar mais realizando esse sonho... (Esmeralda).

Foi muito triste ter provocado o aborto, não gosto muito de ficar lembrando... eu não queria fazer isso... é triste, aqui quando todo mundo vai dormir, eu fico aqui pensando e chorando... (Diamante).

A tristeza, para muitas, se deve ao fato de esta ser uma gravidez indesejada, que traz preocupações e problemas para a sua vida. Desta forma, os primeiros momentos após a confirmação da gravidez indesejada são de muita tristeza, preocupação, indecisão e desespero (PAUCAR, 2003).

Podemos observar, então, que as mulheres, ao vivenciarem o processo do aborto provocado, experimentam uma grande tristeza, juntamente com a ambigüidade de querer e não querer provocar o aborto e, ao mesmo tempo, encontram como única saída a prática solitária do aborto provocado. Segundo Gebara (1993), “*é uma opção traumática para as mulheres, jamais um caminho de alegria...*” Esta ambigüidade, por sua vez, traduz um outro sentimento: a culpa.

Culpa

A Culpa foi o quarto elemento mais evocado no núcleo central. Alguns depoimentos permitiram aprofundar esta categoria:

... me senti um pouco culpada pela morte da criança, mas não pensei só nisso, eu pensei mais em mim, então foi melhor (Turmalina).

... minha consciência tava muito pesada...eu tava matando um filho meu... que não podia se defender de mim [...] Eu tenho esse peso na consciência,

acho que nada melhora, nem eu engravidando de novo... eu não me perdôo... sem o meu perdão... minha vida é vazia.... (Topázio).

... me sinto culpada, eu sou evangélica, acho que isso influencia muito, por que você se sente fora da vontade de Deus... (Diamante).

A culpa está diretamente relacionada com o maior envolvimento emocional das mulheres no cuidado da família. A decisão pelo aborto está ancorada na ruptura com regras religiosas e legais, resultando em um processo de autoculpa.

Leitão (1999) mostra que as mulheres apresentam maiores índices de culpa interpessoal do que os homens, de modo que as meninas são socializadas para serem mais responsáveis pelas necessidades e sentimentos dos outros. Por conta disso, Costa et al (1995) declaram que, mesmo não realizando o aborto, as mulheres sentem culpa e se mostram arrependidas.

Para muitas, isso é potencializado pela religião, e, segundo Gebara (2000), “*é uma espécie de castigo antecipado...*”, fazendo com que as mulheres sofram duplamente, pois, além da culpa pelo aborto, elas sentem que fizeram algo errado, que não agiram bem, se sentem como pecadoras.

Desde a antiguidade, a realização do aborto está diretamente ligada ao significado de ser mulher construído pela nossa sociedade e, portanto, está associada a sentimentos negativos, como o sentimento de culpa e o arrependimento (PEDROSA & GARCIA, 2000).

Arrependimento

Esta categoria foi o sexto elemento presente no núcleo central da representação de mulheres sobre aborto provocado. As entrevistas qualitativas permitiram um aprofundamento sobre esta categoria.

As falas a seguir dizem respeito ao arrependimento:

Me arrependi assim, ele demorou muito pra morrer, ficou naquele negócio penando dentro da minha barriga ... (Alexandrita).

Eu vi, foi uma sensação horrível, um arrependimento na hora, eu tive

remorso, porque ver uma criança morta assim, que era minha, a gente se sente (Olho de Tigre).

Outras mulheres trouxeram à tona o arrependimento pela vivência do aborto. Como uma experiência avassaladora, elas prometem a si mesmas nunca mais realizá-lo.

... foi horrível ver, eu chorei muito, fiquei nervosa, arrependida, falei várias vezes durante ele descendo que eu tava muito arrependida de ter feito... toda hora vem a lembrança na cabeça, o arrependimento, penso que não devo fazer mais, vou tomar mais cuidado, porque tudo isso é muito ruim... (Âmbar).

... eu me senti culpada e arrependida...É horrível, chorei, não pretendo fazer isso nunca mais na minha vida, você se lembra e chora, fiquei arrependida, só a gente que faz essas besteiras que sabe o que sente... (Pérola).

Contudo, em outros depoimentos, embora passem por um período de arrependimento, apontam o aborto como a única saída para a solução da gravidez indesejada. Vejamos as seguintes falas, por exemplo:

... me arrependo pelo ato, mas não me arrependo assim de ah eu deveria ter ficado com a criança! (Turmalina).

... eu tava muito arrependida, que se voltasse o tempo eu não teria feito, mas agora assim com a cabeça fria, devido a tudo que aconteceu eu vi que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido, com certeza. (Topázio).

Como podemos perceber, as mulheres associam o arrependimento a uma diversidade de sensações e vivências dolorosas, mas para algumas delas aquilo era necessário naquele momento.

Pedrosa e Garcia (2000) afirmam que algumas mulheres desenvolvem, após o aborto, reações emocionais provenientes da culpa, como o remorso, o arrependimento e a sensação de perda, sentimentos desconfortáveis para elas.

Desse ponto de vista, fica claro que a decisão pelo aborto deixa marcas difíceis de serem apagadas, pois as mulheres estão feridas psicologicamente, o que mostra o quanto esta

vivência as abala, causando-lhes intenso sofrimento físico e emocional (OSIS, 1996).

Segundo Ballone (2002), a sensação de reviver o trauma gera angústia e um grande sofrimento psicológico; traz como consequências o isolamento social, a improdutividade profissional e a deterioração da qualidade de vida, de modo a desenvolver o transtorno por estresse pós-traumático, comum em situações de aborto provocado.

Morte

Esta categoria, que compôs o núcleo central das representações de mulheres sobre o aborto provocado, reúne dois elementos distintos: Medo de Morrer e Morte como Saída.

O elemento medo de morrer mostra que as mulheres ancoram o aborto na iminência de morte, o que pode ser observado nas seguintes falas:

... eu pensei em morrer, que eu ia morrer, pensei em deixar meus filhos, eu realmente acreditava que eu ia morrer, mas também pelo outro lado eu acreditava que eu tinha que fazer isso... fiquei o tempo todo com medo de morrer... (Topázio).

... medo de morrer, eu penso na minha filha, no caso tem meu esposo e minha mãe pra olhar, mas no caso ela ia sentir minha falta, porque ela só tem 9 meses.... eu nunca tinha feito coleta, eu achava que eu não ia agüentar, de perder mais sangue, de ter alguma hemorragia e até morrer... (Esmeralda).

Estas falas nos mostram que a iminência da morte é tão real para estas mulheres que elas chegam a apontar terceiros para a continuidade do cuidado com os filhos.

Nesse sentido, percebemos que a morte, para as mulheres, é real, vivenciada de forma muito sofrível, trazida pelo medo, e, segundo Ballone (2005), ela é a expressão de uma angústia mais profunda, a angústia vital.

A Morte como saída diz respeito às mulheres que provocaram o aborto contra a vontade, haja vista elas preferirem morrer a ter que enfrentar o aborto, o que mostra o drama destas mulheres:

No início, eu pedia pra morrer junto com a criança, porque eu não queria fazer, não queria tomar remédio, eu achava que era melhor morrer... (Sodalita).

Essas mulheres, que desejavam antes morrer a ter que fazer o aborto, ancoram as suas representações acerca do aborto nas idéias de crime e pecado.

Sofrimento

Embora o Sofrimento não seja elemento constituinte do núcleo central ou do sistema periférico, ele aparece como elemento intermediário e nas entrevistas qualitativas, que ampliam sua compreensão. Vejamos alguns depoimentos:

... 15 dias esse menino sofrendo dentro de mim, eu sofria de um lado, ele sofria do outro... (Alexandrita).

O aborto foi muito ruim, porque assim é sofrimento, é dor, humilhação... (Jaspe).

...eu tava sofrendo... eu procurei esse sofrimento... (Jade).

Nestas falas, podemos perceber que as mulheres trazem o sofrimento ancorado na culpa, de modo que se colocam como merecedoras deste sofrimento, embora na maioria dos discursos elas tragam o aborto como única saída.

Em nossa cultura, o sofrimento e o sacrifício são vistos como condições necessárias à maternidade. Desta forma, a boa mãe seria a que sofre bastante na gravidez e mais ainda no parto, que sacrifica sua vida profissional e sexual pelo amor e doação aos filhos e que aceita passiva e alegremente cada um destes limites e dores como conseqüências naturais da maternidade (DINIZ, 2000).

Para estas mulheres, o sofrimento vem da culpa, da perda, da ansiedade. Elas passam a viver um conflito interno, decidindo-se pelo aborto na falta de outra opção. Segundo Villela

(2000), este sofrimento é proveniente de “*pressões que a cultura de gêneros exerce sobre as mulheres*”.

Para Ballone (2002), a ansiedade se desenvolve através de conflitos, interpessoais ou intrapsíquicos, das tensões entre fazer e não fazer, querer e não poder, dever e não querer, poder e não dever...

Alívio

A categoria Alívio, assim como o sofrimento, constituiu elemento intermediário da representação de mulheres sobre o aborto provocado, sendo aprofundada a partir das falas oriundas no estudo qualitativo. Contudo, percebemos, nas falas, aspectos diferentes da mesma categoria: alívio da dor física, alívio pelo sucesso do processo de aborto e alívio da culpa.

*... depois da curetagem senti alívio por não tá mais sentindo nada...
(Ámbar).*

*... tô aliviada por ter perdido... agora eu vou procurar um trabalho e viver
minha vida, tô tranqüila (Pérola).*

*... fiquei um pouco aliviada... eu tava fazendo aquilo que eu não queria...
não tinha o que fazer... não tinha outra opção (Ágata).*

Estudo de Costa et al (1995) também mostra o alívio como um sentimento bom, uma atitude positiva diante do aborto.

Contudo, as mulheres guardam para elas esta experiência. Com dificuldade para compartilhar este sentimento, restam-lhes apenas isolamento e silêncio. Desta forma, mesmo quando o aborto se apresenta como solução de um problema, as mulheres se sentem obrigadas a se referir a ele como alguma coisa trágica e lamentável (REDE SAÚDE, 2005).

E pelo medo de não serem compreendidas, as mulheres omitem seus sentimentos. Entretanto, precisam de um instante para compartilhar não apenas o aborto, mas também os elementos subjetivos, ou seja, seus temores, suas dores, suas perdas (MIRANDA, 1999).

Solidão

A categoria Solidão foi a única que não esteve presente em qualquer dos quatro quadrantes da estrutura das representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado, surgindo apenas nas entrevistas qualitativas.

Para melhor compreender tal categoria, vejamos os depoimentos a seguir:

... eu estava sozinha, não tinha ninguém comigo e ninguém sabe que eu fiz o aborto, só eu mesmo! É ruim, sem apoio... Uma pessoa do meu lado para dar apoio porque aí eu não ia me sentir tão sozinha... Porque eu tenho medo, sofro muito por me sentir sozinha. Às vezes eu me sinto abandonada! [silêncio] (Safira).

Me senti sozinha porque meu namorado disse que o filho não era dele... Me senti sozinha no momento que precisei de alguém pra me ancorar no momento que eu tava perdendo o menino (Olho de Gato).

Me senti sozinha, me senti desamparada, embora eu já tivesse filho, você se sente abandonada, você quer apoio e não acha, e eu não tinha apoio, pelo contrário, eu só tinha pessoas que dizia que eu tinha sido descarada, minha família me virou as costas... minha família me deu apoio pra ter a criança e deixar no hospital, só que eu não ia fazer isso... (Topázio).

Os discursos mostram que as mulheres vivem o aborto provocado de forma solitária, pois no momento em que necessitam de apoio do companheiro e dos familiares para tomar uma decisão, elas encontram a solidão e o abandono à própria sorte, o que está de acordo com o estudo realizado por Pedrosa e Garcia (2000). Entretanto, embora a sociedade atribua à mulher a responsabilidade pela gravidez e educação dos filhos, Gebara (1993) defende que a omissão da responsabilidade, o desaparecimento e a rejeição por parte dos companheiros refletem a idéia de que eles parecem abortar os filhos mais precocemente do que as mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres que realizaram o aborto provocado caracterizam-se, predominantemente, por serem jovens, negras e de baixa escolaridade; vivem maritalmente, são trabalhadoras domésticas sem remuneração, dependem economicamente do marido/companheiro; têm 1 ou 2 gestações, partos e/ou filhos, tendo realizado o aborto pela primeira vez; a situação econômica, a violência doméstica, a idade (a maioria é jovem) e o fato de atrapalhar planos para o futuro são os motivos mais alegados para a prática do aborto.

Considera-se, portanto, a associação entre a vivência de violência doméstica e o aborto provocado por mulheres, inclusive histórias de violência na gestação atual.

O adoecimento físico e psicológico também se fez presente, mostrando que a experiência do aborto traz conseqüências traumáticas, com o desenvolvimento da síndrome do estresse pós-traumático, que pode acarretar sérios problemas para as mulheres quando não é diagnosticada e tratada. Necessita-se, portanto, de um olhar por parte dos profissionais de saúde de modo a dar a devida valorização a esta síndrome.

No sentido de compreender as representações das mulheres acerca do aborto provocado, o estudo mostrou que sua estrutura está sustentada pelos elementos do núcleo central que qualificam o ato do aborto provocado (crime e pecado), motivam a prática do ato (coragem e situação de cada uma) e expressam as conseqüências da realização do aborto (dor, arrependimento, culpa, morte e tristeza) e pelos elementos do núcleo periférico (remédio, preconceito, maldade, fraca, raiva e difícil), que se organizam em torno do núcleo central.

Assim sendo, para se modificar a estrutura destas representações se faz necessário transformar os elementos que constituem o núcleo periférico, que se encontram mais fragilmente ancorados em normas, valores e crenças deste grupo de mulheres, uma vez que o núcleo central é mais resistente a mudanças.

Estas representações foram aprofundadas através das entrevistas qualitativas, onde os temas foram os mesmos encontrados na estrutura das representações sociais de mulheres acerca do aborto provocado, o que permitiu compreender melhor a construção destas representações e, conseqüentemente, pensar em intervenções de atendimento a este grupo de mulheres.

Concluindo, o aborto é vivido de forma sofrida e solitária, pois é a mulher que decide pelo aborto, administra a medicação... É ela que “coloca o dedo no gatilho”, o que, para a maioria, é uma experiência rica em sofrimento e tristeza.

Também é verdade que se faz necessário um espaço para que a mulher possa falar da sua vivência e de seus sentimentos, sem estar exposta ao preconceito e aos maus tratos por parte dos profissionais de saúde, para que ela não se sinta, mais uma vez, violentada. Neste processo, o acolhimento representa elemento fundamental para possibilitar às mulheres a manifestação de seus sentimentos ambivalentes, como culpa e alívio, por exemplo.

É a partir da compreensão humana que aprendemos a reconhecer o outro enquanto sujeito e, assim, valorizar os aspectos relacionados com a intersubjetividade do aborto provocado, sendo imprescindível a integração de profissionais de vários campos de estudo que se permitam uma compreensão permeada pela abertura, generosidade e solidariedade. Nesta perspectiva, os estudiosos deste tema e/ou os profissionais que assistem mulheres em situação de aborto provocado, se pensarem no aborto como um problema de saúde pública, não deverão se restringir aos aspectos técnicos do atendimento às mulheres, e sim criar condições para combater a desumanização, a fim de que as mulheres sejam respeitadas enquanto cidadãs.

Face ao que foi exposto, acreditamos que este estudo poderá contribuir para uma nova abordagem no que diz respeito à saúde sexual, reprodutiva e mental das mulheres que provocaram aborto, buscando reflexões e estratégias para um atendimento humanizado, de qualidade e respeitoso por parte dos profissionais e para a necessidade de projetos de intervenções no sentido de articulação entre a formação acadêmica, os serviços de saúde e as políticas públicas para o atendimento às mulheres em situação de aborto provocado.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J.C. Lês représentations sociales: aspects théoriques. In: _____. (org.). **Pratiques sociales et representation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.); OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos Interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000, p. 27-38.

_____. A abordagem Estrutural das Representações Sociais: desenvolvimentos recentes. In CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. da S. (org). **Representações Sociais e Práticas Educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

ADESSE, L. **Editorial**. Saúde sexual e reprodutiva. Cidade, n.17, 2005. Disponível em: <<http://www.ipas.org.br/revista/maio05.html>>. Acesso em: 17 mai. 2005.

ALAN GUTTMATCHER INSTITUTE (AGI). **Aborto clandestino**: uma realidade Latino-Americana. (New York Washington: The Alan Guttmacher Institute). 1994, 32p.

_____. **Sharing responsibility**: women, society and abortion worldwide. New York: AGI, 1999.

ALÉSSIO, R. L. S.; SANTOS, M. F.S.S. Desenvolvimento Humano e Violência na Zona Rural. In: SANTOS, M. F. S., ALMEIDA, L. M. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Alagoas : Ed. Universitária da UFPE, 2005, 200p.

ALMEIDA, G. J. As Representações Sociais, O Imaginário e a Construção Social da Realidade. In: SANTOS, M. F. S., ALMEIDA, L. M. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Alagoas : Ed. Universitária da UFPE, 2005, 200p.

ALVES, J. E. D. Ausência de direitos reprodutivos agrava a pobreza. **Artigos e Papers**. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=4>>. Acesso em: 12 nov. 2006.

ARAÚJO, M. J. Implantação dos serviços legais na perspectivas dos direitos reprodutivos. In: Batista C, Laranjeira M, organizadores. **Aborto**: desafios da legalidade. Recife: SOS CORPO; 1998.

BALLONE, G. J. Transtornos Fóbico-Ansiosos. **PsiqWeb**. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/ansitext2.html>> . Acesso em: 21 jun. 2005a.

_____. Medos, Fobias & Outros Bichos. **PsiqWeb**. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/ansitext2.html>> . Acesso em: 21 jun. 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1997, 221p.

BELO, M. A. V.; SILVA, J. L. P. S. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. **Revista de Saúde Pública**., São Paulo, v. 38, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000400001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 mai. 2005.

BORN, L.; PHILLIPS, S. D.; STEINER, M. *et al*. Trauma & the reproductive lifecycle in women. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 27, n.2, out. 2005, p.65-72.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196**. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Revista Bioética. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Medicina, v.4, 1996, p. 15-25.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Parto, Aborto e Puerpério: Assistência Humanizada à Mulher**. Brasília, 2001, 202p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Atenção Humanizada ao Abortamento**: norma técnica. Brasília: Ministério da Saúde, cad. 4, 2005. 36 p.

CASTRO, R.; RUÍZ, A. Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas. México. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.com.br>>. Acesso em: 17 mai. 2005.

CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR (CDD). **Editorial**. Aborto: debate aberto x articulações conservadoras, 2006, Disponível em: <http://www.catolicasonline.org.br/conteudo/conteudo.asp?QS_intTpCont=1&QS_intConteudo=2110>. Acesso em: 20 jul. 2006.

COOK, R. J. **Leis e políticas sobre o aborto**: desafios e oportunidades. São Paulo: IWHC, 1991.

COSTA, R. G.; HARDY, E.; OSIS, M. J. D. *et al.* A decisão de abortar: processo e sentimentos envolvidos. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 11, n. 1, jan/mar, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.com.br>>. Acesso em: 25 nov. 2004.

CRUZ, E. A. da. **Práticas profissionais dos trabalhadores em centro de material esterilizado: representações sociais da equipe de enfermagem**. 2003. 176 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. et al. **Pesquisa Social: teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

DANTAS-BERGER, S. M; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, mar./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.com.br>>. Acesso em: 21 out. 2005.

DANTAS, M. A.; TOBLER, V. L. O sofrimento psicológico é a pedra angular sobre a qual repousa a cultura de consumo. **Psicologia.com.pt**. 2003. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0175>. **Acesso em: 16 out. 2006.**

DIAS, M. B. Direito fundamental ao aborto. **Artigos e Papers**. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=4>>. Acesso em: 12 nov. 2006.

DINIZ, N. M. F. ; ALMEIDA, M. S. ; LOPES, R. L. M. ; GESTEIRA, S. M. A. ; OLIVEIRA, J. F. Mulher, saúde e violência. **O Mundo Saúde**, São Paulo, v. 23, n. 2, mar/abr. 1999, p. 106-112.

DINIZ, N. M. F. et al. Saúde da Mulher: violência intrafamiliar e suas repercussões no autocuidado. **Texto e contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v.8, p. 436-443, mai/ago. 1999.

DINIZ, N. M. F. ; LOPES, R. L. M.; GESTEIRA, S. M. D. A.; ALVES, S. L. B.; GOMES, N. P. **A mulher sob o signo da violência doméstica e institucional nos serviços de saúde**. Salvador, FORD: EEUFBA/GEM/Maternidade Tsyla Balbino, 2000. 44p. Relatório da pesquisa integrada.

DINIZ, S. G. Maternidade Voluntária, Prazerosa e Socialmente Amparada Breve história de uma luta. In: **Saúde das Mulheres Experiência e prática do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde**. São Paulo, 2000, p. 36-44.

DINIZ, N. M. F. et al. Mulheres com lesões corporais por violência doméstica. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM**, 53, 2001, Curitiba-PR. Anais eletrônico. Curitiba: ICD.2001.

DINIZ, N. M. F. *et al.* Violência Doméstica: assistência à mulher com lesões corporais. **Revista Bahiana de Enfermagem**, Salvador, v. 15, n. 1/2, jan/ago. 2002, p. 55-62.

D'OLIVEIRA, A. F.; SCHRAIBER, L. B. Violência doméstica como problema para a saúde pública: Capacitação dos profissionais e estabelecimento de redes intersetoriais de reconhecimento, acolhimento e resposta ao problema. In: **VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva**, Anais, CD-ROM, Salvador: ABRASCO, 2000.

FAÚNDES, A.; BARZELATTO, J. **O drama do aborto: em busca de um consenso**. Campinas: Editora Komedi, 2004, 304 p.

FERNANDES, S. L. S. A. **Violência doméstica na gestação e baixo peso ao nascer**. 2001, 88 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FERREIRA, B. W. **Análise de Conteúdo**. Curso de Psicologia ULBRA. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm>> Acesso em: 04 dez . 2004.

FONSECA, J. Ainda sobre a Matriz da Identidade. **Revista Brasileira de Psicodrama**. Federação Brasileira de Psicodrama. São Paulo, v.1, n.2, set.1996, p. 21-34.

GALVEZ, M. C. R. **Os Impasses do Corpo**: Ausências e Preeminências de Homens e Mulheres no Caso do Aborto Voluntário. 1999, 157 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) –Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

GEBARA, I. Aborto não é pecado. **VEJA**, São Paulo, v. 26, n. 40, p. 7-12, out. 1993. Entrevista concedida a Kaike Nanne e Mônica Bergamo.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 261p.

GOMES, N. P. **Violência conjugal**: análise a partir da construção da identidade masculina. 2002, p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GUEDES, A. C. **Abortion in Brazil:** legislation, reality and options. *Reprod Health Matters*, 2000, v. 8, p. 66-76.

GUSMAN, A. C.; COSTA, G. D.; BASTOS, J. C.; MAGALHÃES, K. S.; MAIA, L. R.; PENA, M. G. M. A dor e o controle do sofrimento (I) **Revista de Psicofisiologia**. 2005. Disponível em: <www.icb.ufmg.br/lpf/revista/index_revista.htm>. Acesso em 01 nov. 2006.

HARDDY, E.; REBELLO, I.; FAUNDES, A. Aborto entre alunas e funcionárias de uma universidade brasileira. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.27, n.2, abr. 1993, p.113-116. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101993000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2005.

HARDDY, E.; COSTA, R. G.; RODRIGUES, T.; Moraes, T. M. Características associadas à história do aborto provocado. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.28, n.1, fev. 1994, p. 82-85. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101994000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2005.

HENRINGER, R. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 2002, p.57-65.

JODELET, D. Representações do contágio e a AIDS. In: JODELET, D.; MADEIRA, M. (orgs). **Aids e representações sociais:** à busca de sentidos. Natal: EDUFERN, 1998, p. 17-45.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420 p.

KARDEC, A. O Livro dos Espíritos. São Paulo: IDE, 2005. 432 p.

KYRIAKOS, N.; FIORINI, E. A dimensão legal do aborto no Brasil Livro. In: PEREIRA, G. I. et al. **Aborto legal:** implicações éticas e religiosas. 2002, p.131-145.

LEITÃO, H. A. L. Diferenças sexuais no desenvolvimento da preocupação moral por outras pessoas: um estudo empírico da expressão de emoções morais em crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2006.

MARTINS, I. R. et al., Aborto induzido em mulheres de baixa renda: dimensão de um problema. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, abr./jun. 1991, p.251-266. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1991000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 fev 2006.

MENEZES, T. C., AMORIM, M. M. R. D., SANTOS, L. C. et al. Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. v.25, n.5, 2003, p.309-316.

MENEZES, G.M.S.; AQUINO, E.M L. **Mortalidade Materna na Bahia, 1998**: Relatório de Pesquisa. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva, Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. O desafio do conhecimento: **pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000, 269 p.

MOSCOVICI, S. On Social Representation. In: FORGAS, J. P. **Social Cognition**: perspectives on everyday understanding. Londres, Academic Press, 1981.

_____. **Representações Sociais**. Investigações em psicologia social. (Pedrinho Guareschi, trad.). Petrópolis: Vozes, 2003.

MIRANDA, C. F. ; MIRANDA M.L. Sintonizando: abrindo as portas da percepção. In: Miranda CF, Miranda ML. **Construindo a relação de ajuda**. 11. ed. Belo Horizonte: Crescer; 1999.

NOBREGA, S. M. da. Sobre a Teoria das representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P. (org). **Representações Sociais**: Teoria e Prática. João Pessoa: Editora Universitária / Autor associado, 2001.

NUNES, M. J. R. ; JURKEWICZ, R. S. Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica O surgimento de “Católicas pelo Direito de Decidir”. In: PEREIRA, G. I. et al. **Aborto legal**: implicações éticas e religiosas. 2002, p.17-70.

NUNES, M. J. R. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14(1), jan./abr. 2006, p. 294-304.

OLIVEIRA, D. C. et al. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das Representações Sociais. In: PAREDES, A. S. **Metodologia de estudo das Representações Sociais**. Editora UFPB/Portugal, João Pessoa e Lisboa, 2003 (no prelo).

OLIVEIRA, C. C. et al. A dor e o controle do sofrimento (II). **Revista de Psicofisiologia**. 2005. Disponível em: <www.icb.ufmg.br/lpf/revista/index_revista.htm>. Acesso em 01 nov. 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **The prevention and management of unsafe abortion**. Report of a Technical Working Group. Geneva, Organização Mundial da Saúde, 1992.

_____. **Unsafe abortion**: global and regional estimated of incidence of mortality due to unsafe abortion with a listening of available country data. Geneva, Organização Mundial da Saúde, 1998.

_____. **Abortamento Seguro**: orientação técnica e política para os sistemas da saúde/ Organização Mundial de Saúde. International Women's Health Coalition – Campinas, SP: Cemicamp, 2004, 112p.

OSIS, M. J. D. et al. Dificuldades para obter informações da população de mulheres sobre aborto ilegal. **Revista de Saúde Pública**., São Paulo, v. 30, n. 5, 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101996000500007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: ago. 2006.

PAUCAR, L. M.O. **Representação da gravidez e aborto na adolescência**: estudo de casos em São Luís do Maranhão. 2003, 183 p. Dissertação (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo.

PEDRO, J. M. Aborto e infanticídio: práticas muito antigas. In: PEDRO, J. M. (org.). **Práticas proibidas**: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

PEDROSA, I. L. ; GARCIA, T. R. Não vou esquecer nunca!: a experiência feminina com o abortamento induzido. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**., Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692000000600008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: mar. 2005.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem**. Trad. de Regina Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS. (REDE SAÚDE) **Dossiê: Aborto Inseguro**. São Paulo, 1998.

REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS. (REDE SAÚDE) **Folheto Direito ao Aborto** Uma Questão De Direitos Humanos 28 de Setembro de 2001. Dia pela descriminalização do aborto na América Latina e Caribe Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos.

REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS. (REDE SAÚDE) **Dossiê: Mortes Preveníveis e Evitáveis**. Belo Horizonte, 2005. 48p.

REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS. (REDE SAÚDE) **Folheto Aborto não deve ser crime** – Nenhuma mulher deve ser presa, ficar doente ou morrer por abortar. Disponível em: <<http://www.convencion.org.uy/menu8-090.htm>> Acesso em: 15 dez. 2005a.

REIS, V. **A Prática do feminismo no debate sobre o aborto legal**. Salvador: Júnior, 1999.

REZENDE, J.; MONTENEGRO, C. A. B. **Obstetrícia Fundamental**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

ROCHA, M. I. B. **Anteprojeto de peso sobre o aborto chega ao Congresso** por Luiz Sugimoto, Jornal Unicamp, Edição 305 - 10 a 17 de outubro de 2005. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2005/ju305pag04.html>. Acesso em 21 set. 2005.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996, 189p.

_____. **A construção do objeto de pesquisa em representação social**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SANCHEZ, W. L. Um mapa dos plenários. Questões e colocações. In: PEREIRA, G. I. et al. **Aborto legal: implicações éticas e religiosas**. 2002, p.159 - 164.

SANTANA, S. B.F. **Representações de casais sobre a violência doméstica na gravidez**. 2005. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Alagoas: Ed. Universitária da UFPE, 2005, 200p.

SILVA, S. V. Maus tratos na mulher. **Psicologia.com.pt**. 2005. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0037&area=d11>. Acesso em: 21 out. 2006.

SILVA, M. C. P. Aspectos Psicológicos do Aborto em Adolescentes. **BOLETIM GTPOS**. Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual. Ministério da Saúde, n. 10, mai/jul 1997. Disponível em: <<http://www.gtpos.org.br/Images/boletim/10.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2006.

SOARES, G. S. Profissionais de saúde frente ao aborto legal no Brasil: desafios, conflitos e significados. **Caderno de Saúde Pública**, vol.19 n.2, 2003.

_____. Toques de Saúde Aborto. **Cunha Coletivo Feminista**. João Pessoa, n. 4, out. 2004.

SOUZA, V. L. C. **A violência conjugal e sua influência na decisão da mulher pelo aborto**. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

SOUZA, V. L. C. ; CORRÊA, M. S. M. ; SOUZA, S. L.; BESERRA, M. A. O aborto entre adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. v.9(2), mar. 2001, p. 42-47.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCUI, P.; JOVCHELOVITCH, S, organizadoras. **Textos em representações sociais**. 2^a ed. Petrópolis (RJ); Vozes; 1995. p. 117-45.

TAILLE, Y. L. **Vergonha a Ferida Moral**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, 287 p.

TORRES, R. M. **Adesão ao Tratamento**: Representações Sociais de Portadores de Diabetes Mellitus. 2005, 208 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TURA, L. F. R. **Os jovens e a prevenção da AIDS no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987,107p.

VALA, J. Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (coords.). **Psicologia Social**. 4. ed. Lisboa: Serviço de Educação Fundação Calouste Gulbenkian. 2000. p. 353-384. Capítulo XIII.

VERGÈS, P. Approche du noyau central: propriétés quantitatives et structurales. In: GUIMELI, C. **Structures et transformations des représentations sociales**. Lausanne, Delachaux et Niestlé, 1994.

VILLELA, W. Saúde Integral, Reprodutiva e Sexual da Mulher. Redefinindo o objeto de trabalho a partir do conceito de gênero e da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento. In: **Saúde das Mulheres Experiência e prática do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde**. São Paulo, 2000, p. 07-11.

XAVIER, D.V. **Aborto: além do contra e a favor**. 2006. Disponível em: <http://www.catolicasonline.org.br/conteudo/conteudo.asp?QS_intTpCont=9&QS_intConteudo=1883>. Acessado em: 07 out. 2006.

YANNOULAS, S. C. **Dossiê: Políticas Públicas e relações de gênero no mercado de trabalho**. Brasília: CFEMEA; FIG/CIDA, 2002, p.21.

ZIEGEL, E. E. ; CRANLEY, M. S. **Enfermagem Obstétrica**. 8. ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 1985.

APÊNDICE A - Questionário do teste de associação livre de
palavras



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

1. ESTÍMULO INDUTOR

Que palavras vêm na sua cabeça quando digo a palavra Aborto?

Diga-me 5 palavras (colocar na ordem que ela disser)

- 1^a _____
2^a _____
3^a _____
4^a _____
5^a _____

Dessas palavras que você me disse, coloque na ordem da mais importante para a menos importante para você (escrever na ordem que ela disser)

- 1^a _____
2^a _____
3^a _____
4^a _____
5^a _____

Escolha 2 palavras que melhor definem Aborto para você?

- 1^a _____
2^a _____

Agora me diga por que você escolheu essas 2 palavras? Justificativa

Data: ____/____/2006

APÊNDICE B - Formulário de entrevista estruturada: aspectos sociais, demográficos, da saúde reprodutiva e violência



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

1. IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Cor ou raça: () negra () branca () amarela () parda () indígena

Grau de escolaridade:

- () Nunca estudou
() Alfabetizada
() Antigo primário
() Fundamental ou 1º grau incompleto () Fundamental ou 1º grau completo
() Ensino médio ou 2º grau incompleto () Ensino médio ou 2º grau completo
() Superior incompleto () Superior completo

Estado Civil: () casada () solteira () união consensual
() viúva () divorciada () desquitada ou separada judicialmente

Com quem mora? () Marido/companheiro () Filhos () outros _____

Trabalho

Trabalho fora de casa? () Sim () Não

O que faz? _____

Onde? _____

Trabalha em casa com remuneração? () Sim () Não

O que faz? _____

Condição financeira

Vive às próprias custas, sem depender de ninguém? () Sim () Não

Se não: () parcialmente dependente () totalmente dependente

Quem ajuda você financeiramente? () seu marido / companheiro () seu Pai / Mãe

() parentes () amigos () outros _____

Os Dados que se seguem são relativos à violência doméstica

Violência doméstica é aquela cometida por familiares ou pessoas que vivem na mesma casa e que leve o indivíduo à morte, dano e/ou sofrimento físico, sexual e/ou psicológico.

Agora eu vou fazer algumas perguntas sobre a expressão da violência doméstica:

Alguém já humilhou publicamente? () Sim () Não Quem? _____

Alguém já xingou você ou sua família? () Sim () Não Quem? _____

Alguém já lhe impediu de trabalhar ou ter amizades? () Sim () Não Quem? _____

Alguém já lhe acusou de ter amantes? () Sim () Não Quem? _____

Alguém já deixou você sem assistência quando doente ou grávida? ()Sim ()Não
 Alguém já lhe trancou dentro de casa/impediu de sair? ()Sim ()Não
 Outros: _____

Violência Física:

Alguém já esbofeteou, chutou, mordeu, ou empurrou você? ()Sim ()Não Quem? _____
 Alguém já lhe feriu com algum objeto (faca, revolver, pedra, pau ou outros instrumentos)?
 ()Sim ()Não Quem? _____ Qual objeto? _____
 Outros: _____

Violência Sexual:

Você já foi forçada a ter relações sexuais sem sua vontade? ()Sim ()Não Quem? _____
 Você já sofreu atentado violento ao pudor? ()Sim ()Não Quem? _____
 Você já sofreu estupro? ()Sim ()Não Quem? _____
 Caso estupro: Você ficou grávida? ()Sim ()Não
 Outros: _____

História gineco-obstétrica:

Nº de gestações: _____ Nº de Partos: _____ Nº de filhos vivos: _____
 Nº de Abortos: _____ Provocado: _____ Espontâneo: _____
 O que utilizou para abortar? _____
 Fez curetagem? ()Sim ()Não
 Teve hemorragia? ()Sim ()Não Teve infecção (febre)? ()Sim ()Não
 Teve secreção ou sangue com cheiro (fétido)? ()Sim ()Não
 Fez uso de antibiótico? ()Sim ()Não
 Outros: _____

Violência na Gestação Atual

Nesta gravidez você sofreu violência doméstica? ()Sim ()Não
 Você sofreu algum xingamento? ()Sim ()Não Quem? _____
 Você foi humilhada? ()Sim ()Não Quem? _____
 Você foi posta pra fora de casa? ()Sim ()Não Quem? _____
 O pai da criança disse que o filho não era dele? ()Sim ()Não
 O pai não quis assumir? ()Sim ()Não
 Você sofreu ameaça dos familiares de não ajudá-la? ()Sim ()Não Quem? _____
 Outros: _____
 Você foi esbofeteada, chutada, mordida, empurrada? ()Sim ()Não Quem? _____
 Você foi agredida com algum objeto como: faca, revolver, pedra, pau, ou outro instrumento?
 ()Sim ()Não Qual objeto? _____ Quem? _____
 Outros: _____
 Você foi forçada a ter relações sexuais sem sua vontade? ()Sim ()Não Quem? _____
 Você sofreu atentado violento ao pudor? ()Sim ()Não Quem? _____
 Você já sofreu estupro? ()Sim ()Não Quem? _____
 Outros: _____
 A violência que você sofreu influenciou na decisão de abortar? ()Sim ()Não
 Por que? _____

Após tudo o que foi dito gostaria de saber se você apresenta algum dos sintomas que eu vou perguntar? (Identificação dos Sintomas do Estresse Pós-Traumático)

Sentimentos de desamparo e/ou impotência?..... Sim() Não()
 Falta de concentração? Sim () Não()
 Lacunas de memória, sobretudo no que diz respeito
 ao evento traumático?..... Sim() Não()
 Sonhos que se repetem, especialmente aqueles relacionados a
 eventos traumáticos?Sim() Não()
 Retrospectivas súbitas (flashbacks) que fazem com que você sinta
 que está revivendo o incidente?..... Sim () Não()
 Apresenta padrões de distúrbios do sono: Insônia, dorme muito?. Sim() Não()
 Assusta-se facilmente? Sim() Não()
 Dificuldades de orientação espacial? Sim() Não()
 Auto-julgamento/culpar-se? Sim() Não()
 Sente-se isolada? Sim() Não()
 Diminuição do interesse pela vida?..... Sim() Não()
 Sente-se como não merecedora ou indigna/ não se dá valor?..... Sim () Não()

APÊNDICE C - Formulário de entrevista semi-estruturada

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**
ESCOLA DE ENFERMAGEM

1. Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?
2. Como foi para você ter provocado o aborto?

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM****Título Do Projeto:** Representações Sociais de Mulheres Sobre o Aborto Provocado

A Sr^a. está sendo convidada a participar de um estudo com objetivo de analisar as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado. Trata-se de um projeto de pesquisa desenvolvido por mim, BÁRBARA ANGÉLICA GÓMEZ PÉREZ, como atividade do Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem, da Universidade Federal da Bahia.

Conforme a Resolução nº. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que trata dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos o trabalho requer a participação voluntária, garantindo o sigilo e o anonimato.

Serão entrevistadas mulheres que provocaram aborto. As entrevistas serão gravadas com o auxílio de um gravador portátil em um local onde a Sr^a. poderá falar livremente sobre a sua experiência.

A coleta dos dados será realizada na Maternidade durante o período de internamento, de acordo com a sua disponibilidade e mediante a sua prévia autorização por escrito.

Concordando em participar da entrevista, a Sr^a. poderá ouvir a fita e retirar ou acrescentar quaisquer informações. O material da gravação será por mim arquivado por 5 (cinco) anos e após esse período será destruído (queimado).

Este estudo embora não lhe ofereça danos físicos, lhe será preservado o direito de aceitar ou recusar participar, assim como desistir ou anular este consentimento em qualquer fase da mesma, sem qualquer prejuízo.

Os resultados deste estudo serão publicados na dissertação e artigos científicos. Não estarei recebendo qualquer tipo de remuneração, assim como a Sr^a. não receberá benefícios materiais.

Qualquer dúvida ou problema que venha a ocorrer durante este estudo, a Sr^a. poderá entrar em contato com a autora através do telefone 3452.5192.

Agradeço pela sua atenção.

BÁRBARA ANGÉLICA GÓMEZ PÉREZ
COREn-BA 58307

Confirmo ter compreendido todas as informações acima descritas.

Assinatura da entrevistada

APÊNDICE E – Entrevistas

Entrevista 01 – ÁGUA MARINHA**Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?**

A minha situação por que eu moro com minha tia e eu tenho um terreno por parte do meu pai, e um dia eu quero morar lá com meus filhos e se eu tiver este filho agora eu vou ter que construir lá pra morar e eu não quero e o pai do meu filho também não é muito assim, ele não queria, mas ele disse que criava, mas um monte de gente disse um bocado de coisa que não era pra eu ter e ai acabou não tendo, falavam que não era pra eu ter mesmo, por que eu não tinha onde morar, por que ele tem casa, mas não ia dar certo por que ele mora com a filha de 15 anos e a filha dele quer ser filha única, ainda tem mais essa, tudo isso misturou, ela chorou se desesperou por que ela é filha única, e ela não gostou. A minha situação é por que eu não trabalho também, e se eu tivesse esse filho eu não ia ter como, eu não trabalho em lugar nenhum. E eu não ia conseguir trabalhar também, por que minha gravidez é assim, eu dormia muito e eu não ia conseguir trabalhar grávida. Eu vivo uma vida muito sofrida, minha mãe não é muito assim comigo, mas eu tenho muita gente que é assim comigo sabe, que me trata muito melhor que minha mãe, e tem gente que quer me ajudar e vai me mandar pra São Paulo é uma família que eu conheço há muito tempo, e eu prefiro por que minha mãe mesmo fala muito de mim pras pessoas e coisas que não tem nada a ver e minha tia também não apóia essas coisas da minha mãe e é por isso que eu estou com minha tia entendeu! Ela me entende mais que a família da minha mãe. Eu quero mais é vencer, trabalhar, procurar um trabalho, eu esquecer que existe minha mãe, por que ela não liga pra mim, por que tem um ano e pouco que eu moro com minha tia e minha mãe nunca telefonou, nunca.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Eu não queria mas fui obrigada a fazer mesmo, tive que fazer. Eu pensava né como é que eu vou trabalhar e as pessoas também ficavam falando pra eu fazer. Foi péssimo né, por que eu não queria fazer também, eu pensava assim em não fazer, não queria fazer, mas também depois como eu fiz, eu fiz por causa disso, um bocado de gente na minha cabeça. Mas não foi também tanto por eu querer fazer. Na verdade eu não queria fazer entendeu, mas depois eu pensei também comigo, por que eu sou sozinha, minha mãe não liga muito pra mim, eu tenho minhas irmãs, mas minhas irmãs são casadas entendeu, não vai ficar também se preocupando comigo, elas se preocupam né, ligam pra saber se eu tô grávida o que eu vou

fazer, mas eu pensei também na proposta de ir pra São Paulo, trabalhar lá entendeu, ganhar a vida aí depois juntar dinheiro e construir uma casa pra mim, uma vida melhor entendeu. Acho que eu me arrependi muito em ter feito isso, eu não queria fazer, mas muita gente ficava assim na minha cabeça. É o pior pecado do mundo, por que se a gente é mãe daquela criança que a gente carrega, eu não queria fazer isso, eu não sei se ele (Deus) vai me perdoar por eu ter feito isso, só Deus sabe a minha situação.

Entrevista 02 - ALEXANDRITA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

O motivo é por que eu morei com uma pessoa 1 ano, esse companheiro não trabalhava, ele tinha a casa dele mas ele não trabalhava e aí ficava aquele negócio difícil eu só tinha o dinheiro da bolsa escola, eu também não estava trabalhando, aí ele também não queria filho, como até hoje não quer, disse na minha cara que não queria, me pediu pelo amor de Deus pra tirar, eu também não queria, por que já tenho esses três e já tá tudo grande. Aí eu fui e tirei! Foi por isso ele não queria, nenhum dos dois tinha amor pela criança então eu fui e tirei. Ele não queria por que não sei porque! Agora eu não queria por que já tenho esses 3 e não quero mais nenhum mesmo, de ninguém, não queria dele, não quero de ninguém mais.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Horrível! Por que assim, às vezes a pessoa diz que não quer mas muitas vezes se arrepende do que faz, como eu mesma, eu não queria o menino, mas me arrependi muito depois que fiz. Me arrependi assim, ele demorou muito pra morrer, ficou naquele negócio penando, assim eu botei essa sonda 15 dias atrás, aí desses 15 dias fiquei até domingo agora esse menino penando dentro da minha barriga, só o coração batendo aí eu que me senti culpada e com pena mesmo de ter feito isso com ele, mas não tem nem explicativa, na mesma hora que a pessoa quer fazer uma coisa depois que faz se arrepende aí fica naquele negócio. Eu não queria, mas depois que eu fiz eu me arrependi muito, de ter feito, depois que eu fiz, eu me arrependi tanto que o médico disse que não tinha mais como ele ficar, aí eu fiquei rezando que ele ficasse, mas não tinha mais, por que não tinha líquido nenhum mais pra segurar ele, aí eu fiquei rezando que ele ficasse, tanto que eu cheguei em casa e todo mundo mandou eu tomar mais medicação, cytotec®, tanto é que eu não tomei mais nada. Depois eu mudei de idéia, por que ele ficou sofrendo tanto, eu pensei que ia ser rápido, por que muita gente faz e é rápido, como minha colega que trabalha comigo, ela fez, botou num dia de noite (a sonda), no

outro dia ela tirou, no mesmo dia ela perdeu, veio fez a curetagem e no outro dia ela foi embora, e eu fiquei 15 dias e aí ficou aquilo na cabeça, eu fiquei com pena. Eu sentindo dores de cabeça, febre, dor na barriga e o médico dizia que não tava mexendo, às vezes eu queria que mexesse, às vezes eu queria que morresse logo, aí ficava aquele negócio na mente que não sei nem distinguir direito o que era que eu queria. Eu já tinha feito mesmo, eu digo pelo menos já que eu fiz que saia logo, eu achava assim né que eu ia fazer que ia sair logo, pelo menos que eu ia ficar só uns 3 dias ou 4, assim pra resolver, aí no que ficou 15 dias, pronto eu fiquei com aquela pena, rezei tanto, pedi tanto a Deus pra resolver logo minha vida, pra ver o que é que ele fazia por mim, se morria logo ou se ficava logo de uma vez, por que não tinha definição, aí ficou assim rezando pedindo a Deus pra ver o que é que fazia por mim. Chorei muito, pedi muito a Deus pra me perdoar, pedi a minha filha mesmo pra me perdoar. Por que ela ainda tava viva, eu ficava passando a mão na barriga, pedindo a ela pra me perdoar, mas que já tinha feito, que tava arrependida tudo, mas que já tinha feito mesmo, ia fazer o quê? Me perdoar por eu ter feito o aborto, por eu ter usado coisa pra tirar. A Deus, por que Deus dá a vida à gente né, Deus me deu e eu fui e tirei! Ele me deu o bebê e eu fui e tirei, aí eu pedi a ele pra me perdoar, por que isso é um pecado, acho que é o pecado pior que tem na vida da gente é fazer um aborto, eu sei que é errado, fiz errado mas eu tenho consciência que o pecado pior que tem é esse, Deus dá a vida à gente e a gente tirar, mas eu já tinha feito mesmo. Não tinha como voltar atrás. Agora eu tô me sentindo mais leve, por que resolveu né, saiu. Estou me sentindo mais leve, mas não leve assim na consciência, por que eu fiquei muito culpada, me sinto muito culpada ainda, na consciência não tenho assim essa leveza, tô aliviada assim por que já passou as dores, já tô tomando minha medicação e tudo, não tô com febre, mas a mente ainda tá muito culpada, eu tenho fé em Deus que eu não vou fazer isso mais nunca na minha vida, mais nunca e nem parir também. Eu não quero mesmo nem parir nem abortar mais nunca na minha vida. O pior que o rapaz que eu moro não tem filho nenhum e já tem 32 anos, é louco pra ter um filho, aí eu digo: vá faça na rua e traga que eu crio, mas ele fala não, eu só quero com você, aí eu digo: depois desse, que eu sofri isso tudo, eu vou abrir as minhas pernas para parir mais, não, nem no sonho eu não quero mais, mas ele fica conversando comigo, falando que gravidez não é a mesma coisa que aborto, mas eu digo que ele não sabe nada por que quem tá sentindo dor é a gente, sente dor do mesmo jeito.

Eu não quero filho nenhum mais, mas quem sabe né!? Quem sabe de tudo é Deus, e se eu engravidar de novo eu não vou tirar, se eu chegar a engravidar de novo, Deus é mais em abortar! Eu não tiro mesmo! Foi muito traumatizante abortar, pra mim foi, foi horrível, do outro não foi nem tanto, por que acho que da primeira vez a pessoa não sente muito, mas

desse foi horrível e do outro também foi mais rápido, dentro de 5 dias eu já tava em casa, e desse não, esse me martirizou muito, 15 dias esse menino sofrendo dentro de mim, eu sofria de um lado, ele sofria do outro, aí eu não penso nunca mais em fazer um aborto, nunca mais mesmo.

Entrevista 03 - SAFIRA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Por que ia atrapalhar a minha vida! Por que eu não me acho capacitada ainda de ter uma criança, capacitada de criar, por que eu sou muito jovem, por que gosto de dançar e curtir! E a gravidez e o filho ia atrapalhar minha vida, por que tenho muitos objetivos na vida, completar os estudos, fazer curso de dança, quero ser professora de dança mesmo! É muito, tudo por causa da minha idade para ser mãe.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Não foi muito bom! Por que eu estava sozinha, não tinha ninguém comigo e ninguém sabe que eu fiz o aborto, só eu mesmo! É ruim, sem apoio, nenhuma pessoa para orientar, para dizer que eu não fizesse, que não ia ser bom pra mim, por que aí eu ia pensar 2 vezes. Uma pessoa do meu lado para dar apoio por que aí eu não ia me sentir tão sozinha. Por que eu tenho medo, sofro muito por me sentir sozinha. Às vezes eu me sinto abandonada! (silêncio). Por que eu penso que não tenho pai, nem mãe, nem irmãs, que eu não tenho nada. E eu tenho! Por que eu acho que eles não iam deixar eu fazer isso! Tirar! O aborto! Não iam deixar, e nem sair de casa. É por que eu moro com companheiro, tem 1 mês que saí de casa, eu sinto falta às vezes da família. É por que engravidei e aí fui morar com o namorado, e aí a gente veio pra cá, pra Salvador, por que meus pais moram no interior. Eu vim pra cá por que eu quis, por que queria ir pro curso de dança e por que meu companheiro veio trabalhar aqui. Eu fiquei três meses pensando se ia fazer ou não o aborto, eu decidi por uma proposta que recebi de ir p/ a França dançar, morar três meses lá. O professor de dança fez essa proposta e eu me decidi pelo aborto. Meu companheiro sabia que eu tava grávida e não queria que eu fizesse, por que ele queria o filho. Há uma semana eu disse que ia tirar e ele disse que se eu tirasse, eu ia ter que voltar para São Francisco para a casa dos meus pais, que ia me devolver pra eles! E eu fiquei pensando! Eu pensei que ia tirar mesmo! E eu disse que ia fazer! Tomei e coloquei o remédio. Disse que ia viajar, por que todo final de semana e feriado eu vou pra casa do meu pai e aí ele não percebeu. Eu fui pra casa de uma colega, eu tenho uma colega e pedi pra

dormir lá e pra ela me trazer no hospital. Eu disse pra ela que eu não estava me sentindo bem, eu tava com dor e ela me trouxe. Acho que ela sabia mas não perguntou nada, eu pedi pra minha colega esperar minha ligação. Eu fiquei esperando o médico chegar, 1 hora depois ele veio, aí eu fiz o exame e fui pro banheiro me sentindo mal, com muita dor forte, e aí no banheiro saiu a criança e a placenta e eu não me senti muito bem, chorei muito. Eu não queria nem ver, saí logo do banheiro, por que eu não ia me sentir bem vendo, por que eu ia me sentir culpada. Aí eu saí do banheiro e senti que não tinha que ter feito. Eu já vi minhas irmãs fazendo isso o aborto, mas eu fiquei paralisada no banheiro e pensando que realmente eu queria ter, que era pra deixar nascer. Eu queria tirar, mas também quando vi, senti que queria ter. Fiquei triste, senti aliviada também, o momento que tem alívio eu comecei a sorrir e depois veio a tristeza, eu fiquei quieta, não falei com ninguém, eu não queria falar com ninguém. por que só de pensar que eu fiz, eu fico triste, me sinto vazia, parece que uma parte de mim foi embora, foi jogada fora, eu joguei fora! (silêncio). Me senti culpada. Eu não queria nem ver, como eu já falei, por que eu ia me sentir culpada, e mesmo não vendo me sinto culpada, mas não quero ver de novo. A culpa por que não era pra ter feito, é um crime, por que é errado, errado por que era uma vida, por que quem tem direito de tirar uma vida de uma pessoa é Deus, ele vai e tira! Isso vai ficar registrado lá (aponta para cima) Lá em cima, no céu! Quando eu morrer, eu vou ser julgada de alguma maneira. Eu tenho medo disso. eu não sei! se eu não for aceita lá em cima, eu não sei pra onde eu vou, é isso que penso. Mas vou fazer o que? mesmo assim eu fiz e acho que agora minha vida vai melhorar. Também eu fiquei e fico sem saber o que vai acontecer comigo, fico parada esperando, por que o médico só falou que ia ficar internada, e eu não sabia o que ia acontecer comigo. Como falei, não sei o que vai acontecer comigo, ninguém fala comigo, fico parada esperando. Agora já fiz a curetagem e tô agoniada aqui, realmente eu não queria ficar aqui esperando, eu queria ir embora.! Vou pra casa. Meu companheiro vai ter que decidir se vai fazer mesmo o que ele falou, de me mandar de volta pra casa do meu pai. Por que eu vou pra França mesmo. Ele não me obriga a fazer nada, eu vou no mês de junho. Vai ser bom pra esquecer tudo o que aconteceu comigo, o aborto. Ele fica com medo de eu arranjar alguém lá e falou pra avisar ele e eu também falei pra ele se ele arranjar outra pra me falar, mas ele aceita que eu vá pra França, ele me apóia, são só três meses. Foi bom falar, agora eu tô mais aliviada e quero ir embora. Vou tentar ocupar o vazio que sinto com alguma coisa, com os meus sonhos e aí vai melhorar a sensação de vazio, minha vida vai melhorar. E eu também não vou esquecer nunca!

Entrevista 04 - RUBI

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Necessidade agora e por que eu quis também. Agora eu tava construindo a casa, eu tenho uma filha, minha filha na escola, eu tava dentro de casa desempregada, só o meu marido trabalhando e isso ia atrapalhar, as condições financeiras. Por que eu quis, foi uma decisão só minha, ele sabe agora depois que eu internei. Meu marido sabia que eu tava grávida, e eu sempre disse que queria abortar, mas ele dizia que onde comia um, comia dois, que a gente podia criar outro filho, mas eu não queria. Ele não condenou a minha decisão, não falou mais nada. E agora ele já sabe.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Eu fui e comprei um chá para abortar, do moço que vende na rua, as folhas é R\$4,00 e dá pra dois copos só, e eu fazia em casa, é um chá preparado com várias folhas (não sabe informar quais ervas). Foi fácil comprar o moço já está acostumada, ele vende vários chás, ele já sabe, e vende na rua. Eu tomei várias vezes, eu fiquei 1 mês tomando chá todo os dias, mas pra mim eu não ia conseguir mais, eu já tinha deixado, eu achava que não ia dar mais, por que eu não tava sentindo nada. Eu ia aceitar, não ia ser ruim, acho que depois de tudo não ia atrapalhar, ia ser difícil financeiramente, mas não ia atrapalhar. Depois que deixei de tomar, demorou uns 15 dias e foi quando eu comecei a sentir dores e sangrar. Aí eu contei pra minha mãe, ela mandou me trazer pro hospital. Eu contei e ela falou que não era pra eu ter feito isso, que eu poderia estragar minha vida, que se eu tivesse contado antes ela poderia ter me ajudado em alguma coisa, foi mais uma conversa mesmo. Eu me senti culpada, mas de qualquer forma também, eu não sei como ela iria agir depois assim, depois que eu tivesse a criança, por que quem cria minha filha sou eu e meu marido, eu não sei se ela ia me dar ajuda mesmo depois. Culpa por que eu tirei uma vida, por que sei que vou pagar, e também caso não conseguir engravidar mais depois quando quiser. Eu sei que, (silêncio) quando eu conseguir ter outro aí eu vou esquecer desse, vai demorar um pouquinho, principalmente quando eu vejo as outras mulheres com bebê aqui. Eu queria ter essa criança, fico triste quando vejo o bebê dos outros, uma vontade de ter, principalmente sabendo que eu poderia ter. Me sinto arrependida, principalmente quando vejo o bebê das outras. Até agora tá dando pra superar, não sei depois. Agora eu olho e sei que foi uma decisão minha só, por que eu quis. Foi o primeiro que eu tirei, agora eu tenho certeza que o segundo eu vou ter. Eu fui bem atendida, fiz a curetagem, eu pedi pra não ver. Eu pedi pra não ver, mas eu vi de longe. Eu não gostei não, não me senti

bem, na hora senti nervoso, um pouco triste, culpada, um pecado. É um pecado, um crime, foi por que eu tirei uma vida, não sei que conseqüências pode ter pra mim, caso não conseguir engravidar mais depois quando quiser. Eu não tenho religião, só acredito em Deus, eu acho que vou pagar lá em cima como qualquer outra que mata uma pessoa, ou talvez eu pague aqui na terra primeiro, ou talvez eu já esteja pagando e talvez não esteja nem sabendo. a imagem ficou na cabeça, mas agora não sinto mais nada, acho que vou superar. Como eu te falei se eu tentei, tentei se não conseguisse eu ia ter mesmo. Agora não sinto mais nada, vou superar, minha vida vai ser igual à antes. Mas vou pagar pelo que fiz, com certeza vou ter uma punição, por que tirei uma vida, só tenho medo caso não conseguir engravidar mais depois quando quiser. Eu vou ter que passar por isso pra pagar o que fiz, acho que não vai ser fácil, por que é uma criança inocente, eu pedi um bocado de perdão todo o tempo, por que a culpa é minha. Eu pedi perdão o todo tempo, como já te falei, por que a culpa é minha, eu pedi perdão pra Deus, o tempo todo, olha aqui a Bíblia, eu já li tanto, o tempo todo, alivia bastante, com certeza. Agora eu não quero nem pensar, nem falar. Acho que só vou superar quando tiver outro. Minha vida vai continuar normal. Acho que meu companheiro não aprovou, já pensei que tudo isto não sei se pode afetar meu relacionamento, já pensei muito nisso, mas eu quis e fiz. Acho que minha mãe vai entender mais fácil, por que ela é mulher e já tem vários filhos. Acho que muito mais que meu marido. Por que ele não entende. Por que pra ele seria mais fácil eu ter. Por que não é ele que engravida, que sente dor, ele não ia deixar de trabalhar. Ele ia continuar a vida dele normal, só que a gente ia alimentar mais uma boca. Mas pra mim não ia ser assim tão fácil, ia ser mais uma criança, mais uma dificuldade dentro de casa, mais uma pra colocar na escola. Mais dificuldade financeira, é isso.

Entrevista 05 – OLHO DE GATO

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Raiva, por causa do namorado, que me humilhou, eu tenho mágoa dele por que na hora que precisei dele ele me virou as costas, ele disse que o filho não era dele, que eu tava com outro homem, dói quando falo essas coisas assim, por eu sou uma pessoa honesta, por que se eu fosse vagabunda talvez eu não sentia tanto. Ele vai muito pela cabeça dos outros, as pessoa fica enchendo a cabeça dele contra mim. Mágoa pelo descaso, humilhação, xingamento, falta de apoio. E pelo jeito que meu namorado tava, não era aquela pessoa, ele nunca teve um ponto de chegar e me dar um murro pra quebrar a minha boca, ele me deu um murro na boca e aí eu cuspi, e quando eu cuspi, ele me dava os nomes errados, me xingava

toda e quando eu xingava, ele dizia que tava com Deus e desse dia pra cá ele só me xingava toda, dava aqueles nomes. Ainda pensei de não querer mais nada com ele, daí eu tomei cytotec® por que pensei que perder seria melhor pra mim, por que ele me magoou, disse que o filho não era dele, mas agora me arrependi, por que vi meu filho sofrendo, a raiva que eu passei, passou pra ele e ele não suportou e morreu, dói demais, por que ninguém quer perder seu filho.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Me senti sozinha por que meu namorado disse que o filho não era dele, que eu tava com outro homem, me senti muito mal, senti um nervoso, eu queria sumir, fiquei triste, chorei, comecei a sentir depressão, dor de cabeça, quando ficava olhando pro berço que ele ganhou. Aí pedi pra minha colega comprar o cytotec® e tomei, mas não aconteceu nada e depois de três meses passei mal, aí vim pro hospital sentindo dor de cabeça, febre e frio. A minha cunhada me trouxe. Uma pressão assim no peito. Daí o médico disse que o menino tava morto. Me senti sozinha no momento que precisei de alguém pra me ancorar no momento que eu tava perdendo o menino. Arrependimento de tudo, por que eu não queria isso que passou na minha vida, eu queria ter uma gravidez com carinho, com apoio da família e dele. Eu tenho muita mágoa, uma coisa assim que não dá nem pra explicar, tristeza (silêncio), eu chorei, fiquei pensando que ele não tava morto, que ele tava dormindo com os olhos fechados, mas não é nada disso né! desde o começo quando ele tava na minha barriga e o médico disse que ele tava morto doeu muito, fiquei muito triste, não tem palavra pra explicar, dói demais. Agora é pedir a Deus que me dê forças e tocar no coração do pai dele pra poder conversar e me desabafar com ele, pra ver se ele sente algo, pra ele me dar mais atenção, mais carinho, mais amor, o que eu não tenho da minha família, eu queria ter dele. Eu tô pedindo a Deus que toque no coração do meu namorado pra que ele venha até mim, que eu não precise ir atrás dele, que dê aquele empurrãozinho no coração dele e que ele venha a mim, e quando ele venha a mim eu não vou tratar com ignorância, eu vou até pedir perdão, por que eu também provoquei, eu xinguei a mãe dele, a mãe dele é morta, ele gostava muito dela, não era pra xingar a mãe dele, aí eu vou pedir desculpa por que eu não tava legal, não tava sobre mim! Aí pra ver o que é que a gente vai fazer, se ele vai querer continuar comigo ou não. Eu vou pedir pra ele ficar comigo, eu não quero ficar pegando um e outro homem, e se ele não quiser, eu não sei. Eu também tenho medo se ele vier com ignorância, aí eu vou pedir desculpas, eu quero tentar ficar junto com ele, eu to pedindo a Deus que toque no coração dele, por que ele é humano, e que através do menino, ele venha a mim perguntar do filho, e

que através dessa conversa a gente resolva, que não fique nessa, eu quero tentar ficar com ele. Tentar ver se Deus vai me iluminar. 1º lugar Deus, eu acho que se eu não chamasse tanto por Deus eu não tava nem aqui agora nessa hora. Eu sou adventista, eu me sinto mais forte com Deus, na hora que eu tava perdendo o nenê eu só chamava por Deus e parece uma benção, por que eu tava sentindo dor e não tava agüentando mais e só me dava sono pra dormir né, aí a médica me botou no soro mas eu só ia no banheiro, mas não saía nada, ele tava morto e não tinha como sair, aí não saía, aí a moça enfermeira Dra. me disse assim: olhe gente confie em Deus, saiu de dentro dela assim: confie em Deus, você se pegue com Deus, aí foi Deus que a médica me deu a anestesia, o remédio, quando ela me deu o remédio, acho que Deus me aliviou a dor, aí pegou e me deitei assim na cama, quando eu me deitei foi na hora do menino saindo já, aí foi uma benção, na hora dele nascer não senti nada, senti depois aquele abalo todo, aí eu digo, por que eu tô assim orando a Deus. Pedindo a Deus que faça a obra por mim, que toque no coração do meu namorado, que tire essas coisa dele de mim, de falar de mim, de ouvir os outros falando de mim, quando ele vir que venha dado por Deus, que não venha transformado que nem ele tava no sábado, foi uma coisa horrorosa, uma coisa estranha, do coisa ruim mesmo, do outro lado de Deus. Eu disse a ele: venha cá você não tá normal não, você tá com alguém aí, tá tomado, aí ele disse: venha cá, você é da macumba é? Aí eu digo: não eu não sou da macumba, mas eu to vendo, aí quando ele ia encostando em mim eu comecei a passar mal, comecei a me sentir mal, um sono, um som parecia que tava todo no ouvido, aí ele começou a me xingar toda, falou: eu quero que você se “foda”, me deixa eu quero irme embora, a cena que eu vi com ele, eu não quero repetir essa cena. por isso peço a Deus que faça a obra por mim, quero que ele venha manso. A minha filha disse que quando ele soube que eu perdi, ele ficou todo triste, então eu quero que Deus faça a obra na vida da gente, eu não quero ficar com um homem hoje e outro amanhã, eu não quero dar esse exemplo pra minha vida. Eu não quero mais isso, e penso muito nela também, por que ela gosta muito dele, se apegou muito com ele. E pelo jeito que ele tava, não era aquela pessoa, ele nunca teve um ponto de chegar e me dar um murro pra quebrar a minha boca, aí eu cuspi, e quando eu cuspi ele me dava os nomes errados, me xingava toda e quando eu xingava ele dizia que tava com Deus e desse dia pra cá ele só me xingava toda, dava aqueles nomes. Ainda pensei de não querer mais nada com ele, mas eu gosto dele e quero conversar pra ver o que vai dar. O pai que tá lá em cima ele vê meu sofrimento, minha batalha e ele vai me dar essa luz, que eu tanto peço todo dia, eu não mereço, eu acho tudo isso, eu quero essa luz e acho que vou superar.

Entrevista 06 – OLHO DE TIGRE

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

O motivo do pai não prestar , ele não presta, assim o fato dele usar droga, me bate, não trabalha, não dá nada, eu já tinha dois filhos e precisava disso, de tirar, fazer aborto. Por que cria filho sem pai é duro, às vezes a gente diz que não precisa de pai, mas às vezes precisa, quando ele tiver maior aí vem as reclamações de escola, às vezes não faz, às vezes o filho não obedece à mãe só. Por que minha mãe criou quatro só e eu sei como é criar filho, ainda mais mãe só, é difícil, a minha mãe ia trabalhar e eu olhava meus irmãos, a gente ia pra escola junto, vinha só, ela deixava a chave de casa na minha mão, eu cozinhava, lavava e é por isso que eu não quero mais ter filho, três filhos e eu com 22 ano, que futuro eles ia ter amanhã e depois. Deus é quem sabe né!, mas a gente tem que se prevenir antes, como eu me prevenia, usava remédio e falhou, quando eu descobri eu já tava com três meses, mas só que eu queria memo era tirar, é desse fato deu não ter mais condições de criar filho mais. É horrível viver assim, é muito difícil, ele não dizia que usava as droga e quando eu descobri eu disse que ia embora ele não queria que eu fosse embora, ele chorava, ele chegou a me agredir pra eu não ir embora, só que eu fui. Ele meteu o pau em mim, me enforcou, mas também eu descontei, eu meti a mão nele, agredi ele também, mas a mulher nunca é tão forte pro homem, e depois que o efeito da droga passou ele se acalmou e ficou me pedindo desculpa. Eu não queria viver com o pai dos meus filhos, meu ex, pra meus filho não ver aquilo do pai, e eu ia viver aquilo com outra pessoa que nem pai dos meus filho é! E meus filho vendo aquilo! Eu não! Aí eu fugi! Depois que ele descobriu que eu tava grávida, disse que ia mudar, que não ia mais usa droga, mesmo assim ele continuava usando droga escondido, por que esses home assim que usa droga é difícil de parar. Eu não acreditava, eu só pensava em meus filhos, só queria o bom e o melhor pros meus filhos, eu já tinha saído disso há dois anos me livrado e ia pra outro? eu não! Eu não queria isso. Minha mãe vivia muito espancada muito pelo meu pai e eu via, eu não queria isso. E minha mãe me recebeu de braços abertos. Ela dizia: eu criei 4 filhos sem pai e você vai ficar assim, nessa? Depois eu parei e pensei, e disse oxe meu Deus pai e mãe é a mesma coisa, eu trabalho e crio meus dois filhos e não vão ver ninguém me agredindo.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Quando eu descobri que eu tava grávida eu não contei a ninguém , contei só a minha mãe e disse a ela que ia tirar e ela disse que não. Ela disse: rapaz não faça isso, você tem que ver primeiro como é que tá, não faça. Daí ela ia trabalhar e eu ia também e aí eu peguei meu

dinheiro, minha patroa também não sabia, eu pegava dinheiro adiantado pra comprar e pronto. Eu paguei R\$15,00 cada comprimido. A menina, minha vizinha que comprava pra mim, eu contei que ia tirar e pedi pra ela comprar, por que ela conhecia, eu nem ia na mão da pessoa pra comprar, por que eu não conheço, aí ela pegou e comprou e eu mesmo botei. Eu comprei 9 no total, coloquei dois cytotec® e tomei um e no outro dia eu coloquei mais três, por que eu tinha comprado seis, aí fiquei sem dinheiro, eu botava e tomava conforme o tempo que eu pegasse dinheiro, aí depois de quase 2 semanas eu botei mais 3, aí depois de 2 dias começou a sangrar, senti dor, fiquei com febre, dor de cabeça, me sentindo mal, aí fui pra Cajazeiras, chegou lá tava com infecçãozinha na pracentá e baixa, aí fiquei tomando medicamento pra segurar, fiz ultrassom, o menino tava bem, eu já tava bem, não tava sentindo mais nada e fui pra casa, aí na 3ª feira comecei a sentir dor aí pouco a bolsa, eu não sabia que era a bolsa e fiquei calada, aí fiquei sentindo dor e aí pronto eu já não ia tentar mais, se ele já tava vivo, aí eu disse aí meu Deus seja o que Deus quiser, eu não ia tentar mais por que vi que já não tinha mais jeito, ele tava vivo, vi que ele queria viver e não queria sair, aí então eu ia deixar. Eu fiquei pensando: eu crio 2 posso, eu criar mais um, eu dou um jeitinho, tudo na vida eu dou um jeito. Quando foi na 5ª feira, que eu fui no banheiro, sentindo aquela dor, ia tomar um banho pra ir no médico pra ver o que era, aí ele saiu. Eu vi, foi uma sensação horrível, um arrependimento na hora, eu tive remorso, por que vê uma criança morta assim, que era minha, a gente se sente. Eu não queria ver mais, eu só vi na hora que saiu no absorvente, e não quis pegar mais, ele ficou no banheiro no chão, aí eu liguei pra minha mãe e ela mandou enterrar e ir pro hospital pra retirar a pracentá, aí meu irmão enterrou. Eu fiquei triste, meu irmão não queria pegar não, mas ele teve que pegar e enterrar. Eu vim 10h da manhã e fui fazer a coleta 10h da noite, fiquei com infecção, fiquei na espera, eles falaram que acabou a anestesia. Ninguém falava nada, aí eu tava com 40 de febre e dor de cabeça, aí eu falei com a enfermeira aí ela botou o termômetro e viu que realmente eu tava com febre, aí pegou me deu remédio pra febre ir embora e nisso eu fiquei com infecção que até agora eu tô. Depois da coleta eu me senti aliviada de eu não ter mais um filho que poderia nascer doente que eu já tinha feito bestera, e não ter mais trabalho em ter outro filho pra cuidar para crescer, pra criar sem pai. A bestera é o aborto, que eu poderia ter deixado e ao mesmo tempo não pelo fato de eu não ter condições, aí depois que eu tinha tomado remédio, que eu ia deixar! Então ia nascer doente, ia ter mais trabalho ainda, por que a menina minha vizinha tomou cytotec® e o menino nasceu cego, surdo, mudo e deficiente físico, ela tomou até 7 meses e não perdeu, ele nasceu doente e morreu depois de um ano, ela sofreu com ele, pelo fato de ter um filho doente e não poder ajudar. Eu fiquei arrependida pelo fato de ter tirado uma criança, que é um

anjo que não tem culpa de nada mas a necessidade chama, o fato do pai se drogar, ele dizia que queria, mas depois eu não sei não amanhã ou depois, um fato de eu ter condições de construir pra mim, e se ele nascesse doente eu ia ter mais coisas pra comprar. Eu pedi perdão pra Deus, ele sabe o que faz né?, só ele que vai julgar nós, ninguém pode julgar ninguém. Amanhã ou depois que eu vou ver, a situação pode melhorar ou pode dificultar só Deus quem sabe, por que as pessoa pensa que morrendo é que vai pagar, mas não é, é vivo, por que se você vê um mendigo na rua, mas você não sabe o que ele fez no passado dele. Eu não tenho medo da resposta de Deus que ele vai me dar, por que eu penso assim que ele sabe por que eu fiz, ele vai me dar um julgamento penal, umas coisa, mas ele sabe por que eu fiz, antes de eu fazer eu pedi perdão, eu pedi a ajuda dele, só chamava por ele e tem gente que nem chama né! Mesmo nas horas difícil eu só chamava por ele, e senti alívio. Agora o único projeto que eu tenho agora é fazer uma casa pra mim e só. Minha patroa falou também pra eu voltar a estudar, por que dá pra mim estudar por que eu saio 5h do trabalho e vou tomar também curso de computador, eu vou aprender por que na recepção agora vão botar curso de computador, graças a Deus eu tenho uma boa patroa. Eu trabalhava primeiro vendendo acarajé, e aí uma colega me ajudou a conseguir esse emprego. A minha patroa e a outra recepcionista mandaram cartinha aqui pra mim, pra mim foi tão bom, só em saber que meu emprego ta garantido e as pessoas gostar de mim, me senti aliviada e mais ainda amparada, ainda mais por eu fazer uma coisa dessas e a patroa me dar atenção, ela falou que jamais ia me botar pra fora, disse que tava sentindo minha falta. Agora tô mais aliviada, só quero ir pra casa, tô com a consciência aliviada, não to mais com a consciência pesada de eu ter uma criança doente em casa, de ter 2 filhos bons e um ruim, poderia ter outro bom e saber que eu provoquei aquilo, sabendo que meu filho poderia nascer doente por causa de mim, preferia que ele saísse morto do que vivo e doente. Agora eu pretendo tomar remédio, eu quero que minha patroa me leve pra estrangular, que ela estrangula, ela faz parto em Camaçari, ela trabalha lá, aí quando eu completar a idade ela me levar pra estrangular, enquanto isso ela me dá a injeção, me cuidar, como eu me cuidei há 3 anos. Eu sou uma pessoa decidida.

Entrevista 07 - JADE

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Tudo! Eu não convivo, não moro com meus pais, mas eles me dão todo o apoio, eu engravidei, esse menino que eu namoro não mora aqui, ele mora na cidade dos meus pais, eu não tenho emprego, eu não tenho nada fixo, eu não trabalho aqui, meus pais pagam minha

faculdade, me dão todo o sustento, todo o apoio aqui, eu to no 4º semestre da faculdade, eu não podia também largar a faculdade, eu só tenho minhas tias aqui, se eu tenho essa criancinha, aí eu tenho que largar os estudos, voltar pra minha cidade. Já atrapalhar a minha vida. Também pelos meus pais, eles estão passando motivos de doença, não podia dar essa notícia pra eles, ia afetar bastante.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Foi muito difícil, por que quando eu fiz a ultra eu tava no início de quatro semanas, eu já ter a criança, minhas amigas tavam me dando todo o apoio aqui, então eu tava tentando assim, preparar o caminho, falei pra minhas tias que moro aqui, elas me apoiaram, só foi quando eu falei com minha irmã e não teve aquele apoio, foi uma reação totalmente adversa, por que ela começou a falar que eu não tinha necessidade pra isso, que eu devia ter pensado mais, que se eu tava sofrendo agora era por que eu procurei esse sofrimento, foi aí onde desmotivou, que eu levei a fazer isso. Quando eu falei que ia tirar, ela se revoltou mais ainda, então eu menti e disse que não tinha certeza se tava grávida, e nisso eu já tava com quase dois meses e depois eu menti pra ela e disse que tinha dado negativo o exame, aí ela não me disse mais nada. Minhas tias me apoiaram, me disseram pra enfrentar juntas, só que eu queria sabe, eu ia enfrentar, mas aí eu pensei bem, e se eu tirava elas disseram que me apoiavam também, assim pelo fato da minha família, não que elas achassem isso certo, elas falaram que não era certo pelo fato do que poderia acontecer comigo, ainda mais por que eu tenho sopro. Eu me decidi sozinha, meu namorado não sabe que eu tirei, ele pensa que eu perdi, foi muito difícil, olha eu acho que no momento a gente não pensa em nada, a gente só pensa em se ver livre, é como se fosse uma carreira pesada em cima da gente, um problema muito grande, eu não tive muita escolha. Eu perguntei pra minha amiga se ela sabia onde comprava o cytotec®, e ela disse que tinha uma pessoa que sabia e foi o namorado dela que comprou e levou pra mim, foi R\$25,00 cada comprimido. Eu coloquei 2 comprimidos na vagina na 5ª feira 9h da noite, meia noite eu comecei a sangrar, às 3h eu já tava sentindo muita dor, mas 6h eu já não tava sentindo dor nenhuma, aí tirei outra ultra e já tava sem nenhum batimento, já tava morto, no momento foi muito difícil, eu chorei muito, eu não falei nada, a médica também não me perguntou nada, minha tia trabalha lá e deve ter passado pra ela. Eu chorei muito de emoção, de saber que tem um ser dentro da gente que não tem mais vida nenhuma, eu senti muito arrependimento, desde quando eu sabia que ia fazer, depois de fazer não, por que a gente sabe o que vai fazer, já sabe do que vai acontecer, então a gente já começa a se arrepender desde o momento que tá grávida e sabe que não vai poder ter a criança. Depois senti alívio de saber

que tava morto e não tava mais sofrendo, que não sofreu muito, por que o cytotec® aleja, vai desmanchando aos poucos. E o alívio de não estar mais grávida. Eu fui pro hospital Espanhol, chegou lá meu plano tava na carência e não podia atender, aí o médico disse que tinha que fazer pelo SUS, aí fui pro Roberto Santos e não tinha vaga e aí encaminharam pra aqui, foi uma situação muito difícil, muito humilhante, pelo fato do que eu fiz e eles sabiam, quando a pessoa chega nessa situação eles não fazem esforço nenhum mesmo sem saber o que aconteceu, se foi provocado se não foi, eles não se preocupam, simplesmente a médica viu o relatório que eu trouxe do hospital espanhol, que dizia que tava sem batimentos e que o útero estava fechado aí simplesmente ela me disse assim que não tinha vaga pra esse tipo de curetagem que eu ia fazer e que eu fosse pra casa e descansasse, caso eu sentisse dor que eu voltasse, aí então tinha vaga, se eu ia voltar. Me mandaram embora, mas o rapaz que estava comigo, amigo de minha tia, ele bateu firme, foi em vários lugares, foi na diretoria, passou o problema, foi o maior processo, até que eles me encaminharam pra aqui no Tsylla e aqui fui internada, a médica não me perguntou nada e leu o relatório que eu trouxe e mandou me internar. Eu tava apavorada correndo risco de uma infecção, tudo por que o feto tá morto dentro da barriga. Fiquei com medo de morrer no início quando tava sangrando muito, agora não. Eu pedi muito a força de Deus, eu sei que ele pode não ajudar uma coisa dessas, mas eu acho que ele tá me dando bastante força, que eu já tô bastante conformada. Eu já pedi muito a Deus que me perdoasse no que acontecesse, por que só ele sabia o que eu tava passando, e isso me conforta bastante. E agora e seguir em frente, vou seguir minha rotina denovo. Só minhas tias sabem de tudo, elas tão me apoiando. Falar é bom por que eu desabafo, não tenho vergonha, por que foi uma escolha que eu fiz e eu mesma tenho que assumir, ninguém tem que criticar ou não, por que mesmo assim se isso acontecer, é um problema meu, é uma coisa que eu vou carregar, não é ninguém que vai criticar que vai me deixar pra baixo não, se eu fiz, eu assumo tranquilamente, não tenho problema com isso não. Eu pretendo me prevenir mais, eu usei camisinha, não sei se estorou, eu tava tranquila, eu não esperava, inclusive eu tava tomando remédio forte que o cardiologista passou, minha menstruação não veio e eu imaginei que era por causa da medicação, eu tenho sopro e no eco deu aneurisma e ainda vou levar o resultado pro médico.

Entrevista 08 - PÉROLA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

O motivo foi por que minha mãe nunca ia aceitar, também eu tenho outro filho, também eu não tenho condições, não trabalho, não tenho no momento estudo direito, então não me acho preparada pra ter outro filho no mundo não, antes eu tomar esse remédio pra perder de que eu deixar pra sofrer, do que pegar e dar, por que eu acho que uma pessoa que pariu pra dar um filho não é mãe, então preferi perder minha filha. Minha mãe não ia aceitar por que ela já cria essa filha que eu tive, então eu vou e boto outro filho, tudo bem que eu acho que ela ia conseguir aceitar mas ela ia passar muita humilhação sei lá, muita necessidade, por que na minha casa mora 22 pessoas, ia ser mais uma dificuldade, fora as crianças que já tem né. Tem 22 adultos e 5 crianças e minha irmã pariu agora. Eu lavo roupa de vez em quando, eu não trabalho, a gente bate na porta pedindo trabalho eles pede estudo, por que por causa de um todos pagam, por que já aconteceu muito aí nego roubando, maltratando filho dos outros, então por causa de um todos pagam. Eu não queria botar filho no mundo pra sofrer, por falta de alimento também, por que criança é um trabalhão, a gente bota a criança no mundo, precisa de um remédio, de um alimento bom, a gente não tem pra dar e leva a gente a fazer besteira, leva a gente a pegar home pra usar a gente pra dar um dinheiro, por que a gente vai ficar com cabeça quente aí a gente não gosta dele mas fica com ele por que ele dá as coisa, tenho que ficar mesmo pra sustentar os filho, então eu não me acho, se eu não gostar eu não ia me submeter não, eu não quero isso comigo não.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Eu tomei minha decisão de eu perder mesmo, tomei minha decisão só e comprei meu remédio, meu companheiro não queria que eu tirasse, ele falou que não queria que eu tirasse por que era o primeiro filho dele, ele não aceitou, ele disse onde como um come dois, mas depois ele se conformou, ele viu que eu não queria mesmo. E eu disse que não por que ele não trabalha e ele disse faça como você achar melhor, agora o que acontecer com você não me culpe por que eu não queria que você fizesse isso. Eu contei pra mainha, mas ela também não gosta, mas ela disse se é assim que eu quero, ela disse que é uma coisa perigosa e com meu problema de saúde, por que eu tenho pressão alta, ela começou a falar coisa de mãe mesmo, ma eu sou muito decidida, se eu quero fazer eu faço mesmo e acabou. Eu comprei o remédio na mão de uma colega, eu falei pra ela que queria comprar e ela conhece os pessoal que vende na farmácia e comprou, eu comprei quatro comprimidos de cytotec®, cada um foi R\$25,00. Aí eu falei pro meu companheiro e ele me deu o dinheiro, e aí eu coloquei 2 na vagina e tomei 2, eu coloquei 5ª feira de madrugada e 5ª feira 10h eu perdi, saiu tudo e casa, eu vi, era uma menina, eu me senti culpada e arrependida, sei lá é um negócio que dá na hora aqui (aponta

para o peito). É horrível, chorei, não pretendo fazer isso nunca mais na minha vida, você se lembra e chora, fiquei arrependida, só a gente que faz essas besteira que sabe o que sente, eu não aconselho ninguém fazer, eu fiquei triste, porém por ser uma menina também né, menina é mais amorosa assim, não sei, é uma coisa assim de mãe. Eu vi e depois eu vim pra aqui e não sei mais o que fizeram, se jogaram fora, se jogaram no lixo, se fizeram alguma coisa, se enterraram, meu marido viu também e ficou triste, como até agora ele tá triste comigo, ele falou que não queria que fizesse isso, você se assuma! pra mim foi normal ele falar isso, eu já sou de maior mesmo! ele só fez me dizer se acontecer alguma coisa comigo a culpa era minha, ele ainda me ajudou muito, ainda me deu dinheiro, se não desse dinheiro eu ia fazer com? como é que ia perder essa criança? Acho que agora se eu não tivesse perdido eu taria com a cabeça quente, taria pior. Eu vim pro hospital sangrando e me internaram e fiz a coleta, fiquei com medo de morrer por causa da minha pressão, na minha filha eu tive eclampsia e foi cesariana, mas o médico aqui disse que eu tava nas mãos deles, que era pra ficar despreocupada, agora tô aqui com infecção, tô aqui tomando antibiótico, to sendo curada, ta sendo ótimo, tô aliviada por ter perdido, ter tirado essa criança, e outra por que agora eu vou procurar e arranjar um trabalho pra mim e viver minha vida, to tranqüila. To me sentindo bem, o arrependimento só foi na hora que vi a criança, agora não, agora só tranqüilidade, não vou mentir, vou tomar injeção, agora só quero ir embora pra casa.

Entrevista 09 - OPALA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

A oposição dos meus pais, eles falaram que eu não ia mais ficar lá, que iam me botar pra fora, eles não aceitaram a gravidez. Aí eu pensei em tirar, eu não tinha onde morar, pra onde ir.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Eu me decidi sozinha, já tinha terminado com o namorado antes de descobrir que tava grávida, foi difícil, por que eu não queria tirar, por que eu não concordo, eu não tinha outra escolha. Eu fui na casa de folhas e comprei o chá de ervas paguei R\$10,00 e dá pra três copos, eu ficava um dia em jejum e tomava os três copos, tomei uma vez só, e no outro dia fez efeito, estourou a bolsa aí saiu um pedaço mas não saiu tudo não, sangrou, saiu aos pedaços. Eu me sinto triste, por que eu não queria tirar. Minha mãe me trouxe, eu pedi pra ela me trazer pra fazer a curetagem mas não disse nada, aí eu vim e fiquei internada. Eu não queria tirar por que

eu não concordo, é um assassinato por que é uma vida que a gente tira, a vida de um bebê, por que é um ser vivo que a gente sabe que tá dentro da gente, a gente já gosta, já começa a amar, se apegar, e eu já tava com 3 meses, já dava pra sentir alguma coisa, me sinto triste, criminosa, não tem perdão pra mim mesma. Eu não tenho religião não, acho que Deus perdoa, mas eu não me perdôo, pela coisa que eu fiz, acho que não justifica (silêncio). Me senti culpada, a consciência fica pesada, por que fico pensando direto se não tivesse feito, que não deveria ter feito, também se meus pais me apoiasse, por que tirei uma vida, me sinto sozinha. Depois que fiz a curetagem senti um vazio, não sei o que fazer pra aliviar o vazio, não sei como vai ser minha vida agora, quando voltar pra casa, talvez meus pais falem que eu só faço as coisa errado, que eu procurei, não sei como vai ser, eu não vou falar nada. Vou me ocupar mais, ocupar minha mente, cuidar de minha filha. Acho que se meus pais me apoiassem seria mais fácil, foi muito triste, chorei bastante, você ser forçada a fazer uma coisa que você não quer. **(Chora muito)** tô triste. Eu usava injeção mas atrasou e aí aconteceu. Foi bom falar, é ruim não conversar com ninguém, ficar sozinha.

Entrevista 10 – SODALITA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Por que meu namorado não queria e eu não ia ter condições de criar sozinha, eu não moro aqui e aí eu ia ter que voltar pra onde eu moro, no interior, e lá eu já tenho uma filha que mora com minha mãe, ela me ajuda a sobreviver e meu namorado também me ajuda.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Eu me senti mal sem saber o que fazer, daí não tinha jeito, não tinha onde eu ficar aqui grávida sem trabalhar. Tristeza, muito triste, não dava nem pra pensar nada, tomar o remédio e pronto, deixar que Deus decidisse o resto. Meu namorado falou: você quem sabe! mas agora não tem condições da gente ter filho, aí eu falei: é não tem jeito. Ele comprou os comprimidos, eu não sei como foi, ele pagou R\$60,00 quatro comprimidos de cytotec®, ele me deu. Eu já tinha ouvido minhas colegas falar como tomar e daí eu tomei 2 comprimidos e coloquei 2 na vagina. Depois que eu coloquei passou um tempo e eu só fui perder á noite, eu coloquei umas 11h e fui perder umas 8h da noite, eu vi o bebê, foi horrível ver, foi muito triste, chorei, tinha minhas colegas comigo, eu nem sangrei, a bolsa estourou e aí saiu tudo de vez, eu fui no banheiro daí saiu tudo e pronto, eu me senti mal. Fiquei triste, sem saber o que fazer, eu já tinha perdido, arrependida! Eu pensei que eu não deveria ter tomado o remédio,

foi muito ruim, triste. Depois fiquei na cama chorando, a cabeça fica sem nada pra pensar, tudo vazio, ficou um vazio. As colega ajuda muito, minha sobrinha me ajudou, ela falou que ia dar tudo certo, que eu ia ficar bem. Depois eu fiquei bem, só saiu um pouquinho de sangue e aí depois de três dias fiquei sentindo dor no pé da barriga e daí eu vim pro hospital e falei que tinha perdido o bebê, daí eles falaram que era pra fazer ultrassom e depois a coleta, e no dia seguinte fiz o ultrassom e depois a coleta, ninguém falava nada. Fazer a coleta é muito ruim, sei lá, eu tava agoniada com a anestesia, fiquei mal, zozza e dormi. Depois que acordei pensei que foi um pesadelo, foi ruim, muito ruim, por tudo isso, não sei falar. Angústia por não estar com ele aqui dentro, por que sozinha eu não ia poder criar. Depois da coleta eu me senti aliviada por tudo passar. Só o tempo, acho que não vou esquecer. Meu namorado liga toda hora pra minhas colegas, acho que ele sabe que eu tô internada, sei lá acho que vai mudar eu e ele, não sei o que vai acontecer, diminuiu o amor por que eu queria o filho e ele não queria, eu fiquei magoada, é triste, tô ressentida. Tô triste por que tirou a vida de um ser que tá vivo dentro da gente. Eu acho que pra ele também é ruim, por que acho que ele gosta de mim, acho que ele também tá sofrendo. Pra mim é pior do que pra ele, por que eu que tô passando por tudo, tanto sofrimento, tanta coisa. Agora quero estudar, trabalhar, vou ver se dá, acho que vou ter pelo menos com que ocupe a cabeça, e melhora. Meu namorado falou que tava arrependido de ter mandado eu tomar remédio, aí eu falei que era tarde já, que não tinha mais jeito. Agora só Deus, ele me ajuda, eu pedi pra ele pra dar tudo certo, pela minha filha, por que pra ela ficar sem mãe novinha ia ser muito ruim. No início eu pedia pra morrer junto com a criança, por que eu não queria fazer, não queria tomar remédio, eu achava que era melhor morrer, eu nem pensava mais na minha filha. Depois eu pensei nela e ela tá muito pequenininha pra ficar sem mãe, aí eu pedi pra Deus me ajudar, não me sinto culpada. Eu pedi perdão pra Deus, acho que pode acontecer coisas ruins, eu mereço, por que eu fiz isso, o aborto, eu tenho que pagar, tem que sofrer e vai ser ruim, sei lá. (não quis falar mais)

Entrevista 11 - TURMALINA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Por que eu não me sinto pra ter filhos ainda, nem psicologicamente nem financeiramente, e eu não sou casada com o pai, ter um filho nessas condições eu ia fazer só com que a criança sofresse e eu também iria sofrer no caso, pelas condições que eu não tenho, eu me acho ainda muito infantil pra ter um filho apesar de ter 23 anos, não tô preparada. O pai também em hora nenhuma quis ter, por que ele tem um filho novo de três meses então pra

ele também sem condições nenhuma, ele falou que não tinha condições de ter filho agora , por que ele tem esse filho e tá passando por problemas, não tá com a mãe dessa criança. Moro com minha mãe também e sem condições, por que ganho pouco e preciso da ajuda da minha mãe.

Como foi para você ter provocado o aborto?

A decisão foi antes de saber se tava grávida eu e ele decidimos juntos, se tivesse, ia fazer o aborto. Eu não contei pra minha mãe por que ela ia ficar desesperada, não ia aceitar de jeito nenhum, claro que ela não ia me forçar a fazer nada, ela iria aceitar mas iria brigar, ficar naquele conflito comigo, que eu acho que é normal de mãe, eu não sou casada e ter um filho agora. Eu não pretendo contar pra ela, minha irmã mais velha sabe, ela me apoiou. A decisão não foi difícil, por que a gente já tava decidido, já sabia o que fazer. Eu me senti um pouco culpada pela morte da criança, mas não pensei só nisso, eu pensei mais em mim, então foi melhor. O meu namorado que comprou , eu pedi pra ele comprar, mas não sei quanto ele pagou. Aí eu tomei de tarde e pra de noitinha já tava sangrando, mas não tive hemorragia, não tive nenhuma complicação, aí eu vim pro hospital no dia seguinte. Não senti nada, senti aliviada, minha irmã me trouxe, e me fizeram exame de toque, fizeram uma ultrasonografia e viram que só tinham restos e me internaram, Eu não vi nada, só sangramento, quando tava em casa, quando fui no banheiro senti descendo alguma coisa, mas não vi o que era, por que desceu no vaso e aí não deu pra saber. Eu senti um pouco de medo de fazer a curetagem por que é uma pequena cirurgia e toda cirurgia a gente corre riscos e fiquei assim com medo das complicações, da reação do meu organismo, mas ai dormi com a anestesia e quando acordei eu vi que tava tudo bem e dei graças a Deus, fiquei feliz, aliviada, mas sabendo que saindo daqui eu não volto mais pra fazer isso, pra abortar de novo. É uma coisa assim, eu não digo que me arrependo pelo que eu fiz, não de ter tirado a criança, me arrependo pelo ato, mas não me arrependo assim de ah eu deveria ter ficado com a criança! Não penso nisso , mas voltar aqui pra fazer outra vez não. Minha vida agora vou levar tranquilo, vai ser normal, graças a Deus eu não tô culpada nem me sentindo mal. Eu pretendo continuar usando camisinha, mas pretendo colocar DIU, tô fazendo um plano de saúde e aí pretendo colocar DIU. Foi bom falar, eu gostei, foi tipo assim um desabafo.

Entrevista 12 - TOPÁZIO

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Foi por que eu já tenho filhos e foi do meu ex marido, eu sou separada e acabou eu cedendo nesse meio tempo que a gente tava separado e ele virou as costas pra mim quando eu precisei, eu não tinha apoio de ninguém e eu desejo fazer uma faculdade e ia atrapalhar e muito, e o outro filho de uma certa forma já me impede, por que eu tenho que cuidar, tenho que pagar uma pessoa pra cuidar, e iria atrapalhar um futuro que pudesse vir a ter. Que meu sonho é fazer uma faculdade, e eu ia ficar presa à criança, meu ex-marido me virou as costas no momento que eu mais precisava, ele disse que não ia assumir de forma alguma, que eu ia ter que lutar pra fazer um DNA e ainda assim ia botar advogado e prorrogar já que ele vivia com aquela amante e ela não podia saber que ele tinha se envolvido comigo de novo já que eu tinha sido a esposa dele, e virou as costas, e começou a sacanear, me humilhou muito e aí no momento de raiva e eu fiz, fiquei com a consciência pesada, mas eu digo a você hoje se eu tivesse ficado com a criança eu teria arrependida, no início eu me arrependi, mas agora vendo a minha situação eu vi que o melhor que eu fiz foi ter tirado, eu não me arrependo, era isso que eu queria, foi descuido meu, mas eu não pensei que em uma única vez que eu cedi pra ele assim. Eu fiquei com raiva por que meu ex-marido falou que eu engravidei pra prender ele, a gente sempre ficou nesse jogo de volta e briga, nesse meio tempo entrou varias mulheres na vida dele e nisso eu fiquei só com um filho, inclusive um filho ficou com a minha mãe, mora com ela. Meu ex-marido disse que eu engravidei pra prender ele, disse que tava com ódio de mim, me ameaçou de me matar, até por que recentemente ele também me ameaçou, depois do aborto, por que eu não contei a ele que eu tinha perdido, eu deixei ele acreditar que eu ainda tava grávida, por que a gente ficou de mal e eu queria ver até onde ele ia e aí ele começou a me martirizar até que eu disse a ele que eu tinha perdido a criança, depois disso ele veio atrás de mim, só que aí eu não quis, ele começou a dizer que eu era o amor dele, essa conversas de homem, que eu não caio mais. Eu fiquei com raiva dele, graças a Deus por que eu ainda gostava dele, só que com isso que aconteceu eu consegui desgostar, agora só penso em fazer uma faculdade e procurar minha melhora por que eu tenho capacidade de conseguir alguma coisa melhor na minha vida.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Me senti sozinha, me senti desamparada, embora eu já tivesse filho, você se sente abandonada, você quer apoio e não acha, e eu não tinha apoio, pelo contrário, eu só tinha pessoas que dizia que eu tinha sido descarada, minha família me virou as costas, dizia como é que eu fui fazer isso, minha família me deu apoio pra ter a criança e deixar no hospital, só que eu não ia fazer isso, ter um filho e largar no hospital, aí foi difícil ouvir isso, embora eles me

dissemos isso já tinham outros que dizia: tire a criança, vai ter filho de homem ruim, já teve dois, aí foi isso que aconteceu. De certa forma foi difícil decidir fazer o aborto, por que eu ficava com a consciência pesada por que eu sabia que tinha uma criança dentro de mim, ao mesmo tempo que eu queria tirar, eu ficava pensando e se eu deixar o que é que pode acontecer? Eu pensava em criar a criança, mas depois eu pensava na situação que eu ia passar e aí eu decidi e botei na cabeça que eu ia tirar, foi um dia de 3ª feira, decidi tirar por que ele me tratou mal, eu liguei pra ele e ele me disse desaforo, aí quando foi no sábado eu comprei o remédio, foi fácil comprar, por que existe uma farmácia bastante conhecida lá em engomadeira que vende esse remédio, o cytotec®, aí eu comentei com uma amiga minha ela me falou que a amiga dela tinha comprado e tinha abortado, ainda fiquei na dúvida ainda se era o verdadeiro ou falso, aí eu marquei com ela naquele sábado aí nós fomos juntas, aí eu comprei o remédio, ela me deu força pra mim tirar, o remédio cada um custou R\$12,00 foram 4, eu tomei 2 e coloquei dois na vagina. Foi difícil na hora que eu acordei pela manhã e vê o remédio assim perto de mim e a dúvida, aquele desespero assim entre tomar ou não tomar, foi difícil assim nessa hora., eu pensava em muita coisa, eu comecei a chorar, me desesperei por que eu sabia que era uma criança que tava dentro de mim, aí eu pedi perdão a Deus, rezei, e ainda fiquei com aquilo na cabeça e aí pensei, fiquei um bom tempo com o remédio na mão já aberto, sem tomar, com um copo de água próximo a mim, eu pensei em morrer, que eu ia morrer, pensei que em deixar meus filhos, eu realmente acreditava que eu ia morrer, mas também pelo outro lado eu acreditava que eu tinha que fazer isso, por que eu ia passar por coisas piores do que eu já tava passando naquele momento, que meu ex-marido ia me virar as costas, coisa que ele já havia dito, pensei na criança que eu poderia ter, imaginei ela no meu colo, eu cuidando dela, por que meus dois filhos são meninos e eu sempre fui louca por uma menina, pensei em ter e fazer a ligadura, pensei também que iria de uma certa forma atrapalhar a minha vida, que eu não vivo mais com o pai deles, eu moro só com um dos meus filhos, e ia atrapalhar a minha vida, que homem hoje em dia encontra mulher com filho e não quer nada com elas, só quer usar, já usa sem filhos. Aí que foi que eu fiz, eu tomei coragem, preparei, amassei os comprimido e já coloca dentro do aplicador já com um pouco de pomada vaginal, coloquei num recipiente no aplicador da pomada vaginal e fiquei ainda pensando um bom tempo, antes de fazer isso eu tomei dois, aí deitei de perna pra cima e introduzi o tubo e coloquei, quem que me ensinou foi o farmacêutico que me vendeu, não era balconista, era farmacêutico mesmo. Aí eu peguei e fiquei lá um bom tempo, isso era 5:30, quando deu 7:00h eu comecei a sentir dor, aí antes de sentir dor, assim que eu coloquei eu fiquei em desespero, eu chorava muito, por que eu tava com muita pena da criança, pena por eu tar tirando a vida

dela, por ela ser meu filho e eu tar fazendo aquilo com ela , já que ela era uma criança que não tinha nada a ver, aí depois que coloquei comecei a sentir muita dor, aí depois eu entrei em desespero, aí eu comecei a chorar, aí nesse momento eu cheguei a querer que o remédio não fizesse efeito nenhum, ao mesmo tempo que eu queria perder a criança, eu não queria, aí eu entrei em desespero, aí eu continuei deitada na cama sozinha, sentido dores,dores, eu tava só, minha mãe sabia que eu ía fazer e aí ela foi e pegou meu filho e levou pra casa dela, e eu fiquei lá em casa, eu não queria que ninguém ficasse comigo, minha tia queria fazer companhia e eu não quis, eu queria ficar só. Minha mãe me deu apoio pra mim tirar, ela disse que eu tinha que tirar e tentar refazer a minha vida, reconstruir minha vida, aí eu peguei quando deu uma e meia da tarde a contração piorou e eu não tava mais agüentando, continuei passando mal, me sentindo mal, e eu só chorava, o desespero por tar perdendo a criança e ao mesmo tempo por não querer perder, aí só sentindo dor, muita dor no pé da barriga e no quadril, e sangrei bastante, a dor era tão forte, tão intensa que eu sentia uma contração atrás da outra assim e a criança não saía, aí eu comecei a me tremer, fiquei comendo dor até umas 4:30, 5h, aí depois eu perdi a criança, mas antes disso foi uma dor muito horrível que eu pensei que ía morrer. Eu vi a criança, foi horrível, eu olhei quando ela saiu, bem pequenininha, mas tava totalmente formada com a mãozinha cruzada, os dedinho formado, pequena a criança, parecia um bonequinho, bem pequena, mas eu não tive coragem de continuar vendo, eu comecei a me desesperar e fiquei chorando, não tive mais coragem de ver. Eu chorei por que eu vi que era meu filho, minha consciência tava muito pesada, por que eu tava matando um filho meu, uma criança que não podia se defender de mim, quando é uma pessoa adulta ainda se defende, uma criança tava ali e não podia se defender, eu perdi ela num pinico e não tive coragem nem de encostar nesse pinico, saí de perto, deixei lá e fiquei chorando em desespero, aí me bateu um peso na consciência ainda pior, aí eu continuei no desespero, aí depois eu liguei pra casa de minha mãe avisando que eu já tinha perdido a criança. Aí minha mãe chegou, nessa altura eu não tava comendo tanta dor, mas eu tava com cólica, só que depois disso eu peguei no sono e a situação se agravou, por que eu tive hemorragia, deitada dormindo, tive febre, nessa altura minha mãe e minha tia já tinham ido me ver como é que eu tava e já tinham ido embora, deixaram alguma coisa pra mim comer por que eu tava em jejum, só que eu não quis comer nada, aí depois devido, eu não sei se foi o remédio, eu senti um buraco no estomago, e comi um pedacinho de torta e cochilei, quando eu acordei, eu tava queimando de febre, com muita dor e perdendo muito sangue, e todo mundo já tinha saído e só tinha uma tia que mora ali perto, aí eu liguei pra ela e falei que não tava me sentindo bem, aí ela foi me buscar pra me levar no hospital, só que na hora que eu tava

perdendo eu sentia muita raiva, de tudo o que eu passava, a dor eu só pensava no meu ex-marido, da raiva que tava sentindo dele, por era por causa dele ter me virado as costas que eu tava fazendo aquilo, por que se ele tivesse talvez me apoiada, talvez eu não tivesse tirado, mesmo que isso fosse atrapalhar meus planos de vida, meus sonhos, que é fazer uma faculdade, ter um bom emprego, aí eu atribuí tudo a ele, eu só sentia raiva dele, só sentia ódio, tava com um nervoso horrível, tava tratando todo mundo mal que ligava pra saber notícia minha. Aí minha tia foi lá me buscou, meu ex-marido tem carro, eu não liguei pra avisar, aliás ele nem sabia que eu ia abortar a criança, ele sabia que eu ia tirar, mas não sabia que era esse dia. Fui andando pro ponto, fomos de ônibus com minha tia pro Roberto Santos, chegou lá, eu fui muito mal tratada assim, eu não neguei não, eu disse que tinha abortado aí a mulher me deu um papelzinho de igreja, levei mais de 1 hora pra ser atendida, eu fui chorando, com consciência pesada pela criança, quando eu cheguei lá, não tinha vaga, aí o medico mandou quem quisesse esperar e se aventurar, aí eu aventurei, fiquei esperando, muitas foram embora, só que eles passavam as gestantes na frente, e eu tava com hemorragia, aí depois de muito tempo ele me atendeu, ele nem quis trocar o papel que outra mulher deitou, o papel tava todo melado, ele disse troque, aí eu troquei, aí ele me examinou, perguntou o que eu havia feito, aí eu falei que tinha tomado cytotec®, aí ele pegou e falou: "você além de assassinar você ainda tá correndo risco de morrer, vá procurar uma vaga, aqui não tem vaga pra você, por que se você não se internar hoje, você pode morrer por que você tá com hemorragia". Aí eu fui pra Tsylla, chegou lá, levei três horas pra ser atendida, passaram um monte de mulher na minha frente e não me atenderam. Fiz a ficha, depois que eu tinha entrado na sala da médica, ela batendo papo e eu lá sangrando, minha roupa toda lavada de sangue, comendo dor, elas conversando sobre o cabelo da outra tava bonito, da sandália, e eu fiquei lá largada, eu senti raiva, só que eu não podia falar nada pra não ser maltratada, fiquei lá, e eu comendo dor, e minha mãe do lado de fora esperando, isso era uma médica senhora, aí chegou outra médica nova, ela ficou mais de meia hora batendo papo e aí depois essa pegou e me atendeu e fez a ficha e me botou pra ser internada, reclamou por que eu tinha comido e não podia pra fazer a coleta, nesse meio tempo a médica mandou eu ir diretamente pra uma sala lá, só que a enfermeira bateu boca com a médica, disse que não, que não tinha vaga pra mim não, que o tempo de dar vaga pra mim era pra dar pra uma que tivesse ganhando a criança, acho que era a enfermeira chefe, mas aí a médica disse que não, disse que ia me internar e aí eu subi, me botaram pra um quarto com um monte de mulher que tinha feito coleta, não me deram nada pra comer, fiquei com fome, fiquei com sede, não me deram um medicamento, eu comendo dor, não me deram absolutamente nada, me deram uma roupa lascada, eu fui pedi

outra e a enfermeira me disse desaforo, falou assim: o pessoal vai pro carnaval, aí depois do carnaval fica todo mundo aqui e ainda fica exigindo roupa, foi o que ela me falou, pedi sabonete, por que tava toda suja de sangue e não me deram, a roupa de cama só troca uma vez. Isso era domingo eu passei o domingo todo com fome, com sede, na segunda também fiquei o dia todo com fome e com sede, passava um bocado de gente pra fazer a coletagem e eu nunca fazia, aí eu comecei a falar que isso não era certo, eu com muita dor, não tava mais agüentando, com muita fome, com crise de nervoso, aí já ia dar 5:30 da tarde e aí que mandaram eu descer, quando eu desci também não me atenderam logo, desceu eu e outra do meu quarto, engraçado que essa menina que desceu comigo, pra ela vinha alimentação, ela conhecia a enfermeira, e pra mim não vinha nada. Aí descemos as duas juntas e deixaram um tempão a gente na sala, ainda vinheram, amarraram a minha mão, e ficou a gente lá com as perna aberta, com os braço aberto e não veio os médico um bom tempo, caiu um aparelho no chão, eu observei, a mulher tava arrumando os aparelho pra serem usado na coletagem, caiu um aparelho no chão, ela pegou o aparelho, uma enfermeira e botou junto com os outros, e eu achei um absurdo aquilo e não podia falar nada, eu ia falar o quê? Pra ser mais maltratada! Depois de um bom tempo veio os médico, os dois batendo papo, a menina enfermeira super grosseira com a gente, amarraram mais ainda as mão da gente, abriu as perna da gente até o canto, a gente ficou lá um tempão com as perna aberta e os médico batendo papo, fizeram a coletagem e quando a gente acordou já tava em outra sala, esperando alguém descer pra pegar a gente, a gente foi subir já ia dar 8h da noite, aí eu continuava com fome. Foi ruim, foi muito ruim ter provocado o aborto, por que eu não queria, eu não queria nem ter engravidado, a verdade era essa, foi um descuido meu que acabou acarretando em fazer um aborto, prejudicando uma vida que não tinha nada a ver, o correto era eu não ter engravidado, mas de certa forma hoje em dia, falando agora, no dia que você me fez a entrevista eu disse que eu tava muito arrependida, que se voltasse o tempo eu não teria feito, mas agora assim com a cabeça fria, devido a tudo que aconteceu eu vi que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido, com certeza. Antes eu ainda ficava imaginando a criança assim no meu colo, dormia e acordava vendo a criança no meu colo, tava com essa psicose direto, aquele desespero, chorava bastante, sonhava, entrei em depressão. Aí algum tempo depois, mais ou menos uns 15 a 20 dias passados, aí eu comecei a ver realmente, de uma certa forma que foi a melhor coisa que eu havia feito, pra mim foi. Eu fiquei o tempo todo com medo de morrer, eu nunca tinha feito aborto, nunca tinha tido hemorragia, nem sabia o que significava. O fato da dor toda, da hemorragia, aquela coisa toda, você quer morrer, eu tinha certeza que ia morrer. Era uma situação horrível pra mim, eu só fazia chorar mesmo, mas eu tinha medo de morrer,

quando o médico disse que eu tava com hemorragia lá no Roberto Santos, aí eu pensei logo que ia morrer, minha mãe e minha tia também pensaram que eu ia morrer, aí fiquei desesperada, comecei a chorar, comecei a falar que não devia ter feito e elas também começaram a dizer que não era pra mim ter feito, e eu já tava arrependida, elas falavam que depois dessa, não era pra mim fazer mais, que era pra mim tomar cuidado, tomar juízo e mandava eu ter paciência e ter fé em Deus que nada ia acontecer comigo, elas falava isso pra mim. Eu sou católica, eu pedia perdão a Deus o tempo todo, embora eu mesma não me perdoava, eu tava com essa psicose, minha tia dizendo: ele vai te perdoar e mesmo assim eu não me perdoava, pelo que eu tinha feito. Foi um assassinato, eu interrompi um ciclo da vida ali, que se eu deixasse ela ia continuar crescendo, sobrevivendo em meu corpo. O fato mesmo não era nem o perdão de Deus e sim o fato de eu me perdoar, e eu mesma não tava me perdando. Eu ainda não me perdoei, mas eu tô aliviada por que realmente viria e seria uma criança que iria sofrer muito. Eu não me perdôo por que não era pra eu ter engravidado, se eu não tivesse engravidado, se eu não tivesse caído na besteira de ceder, eu não teria nem tirado, eu não teria matado uma criança, por que ela não teria nem vindo ao mundo, então eu não me perdôo por isso aí. Sem o meu perdão de uma certa forma a minha vida é vazia, mas eu tava com essa psicose na minha cabeça logo que eu saí do hospital, agora eu nem penso muito nisso não. Eu não penso, eu não quero pensar pra não sofrer, eu procuro esquecer. Eu não comento a respeito, inclusive meu ex-marido achava que eu ainda estava grávida, por que eu não tive contato nenhum com ele, na semana passada ele achando que eu tava grávida se referiu à criança como se fosse “isso”, disse que eu tava com isso dentro da minha barriga e que eu tinha que tirar isso, que tava com ódio, me ameaçou achando que eu ia ter, aí eu senti muito ódio dele por ele tar xingando a criança, naquele momento a minha vontade era de ir em cima dele, senti muito ódio dele, aí depois eu cheguei pra ele e disse que eu tinha perdido a criança e xinguei ele, ofendi ele, procurei usar tudo o que eu tinha ali pra ofender ele, pra tentar fazer ele se sentir mal, e ele não se sentiu mal em momento algum, ele deu risada. Agora eu pretendo pagar um cursinho, tentar um vestibular, tentar uma faculdade, caso eu não passe no vestibular eu vou tentar até eu conseguir, vou me preparar, e pretendo dar um outro rumo a minha vida, pretendo realmente fazer o que eu já tava com pensamento de fazer, continuar com aquele seguimento da minha vida, procurar ter uma continuidade, fazer o meu futuro, isso não aliviar em si, mas de uma certa forma eu vou pensar assim: pô eu fiz, eu tirei a criança por que eu tava passando por uma situação difícil e por que eu planejava fazer isso da minha vida, perdi a criança mas eu consegui realizar meu objetivo, pior seria se eu não realizar e ainda ter perdido a criança. Eu acredito que com o passar do tempo me perdoar

totalmente acho que não, mas eu vou aceitar melhor, vou conseguir conversar melhor sobre isso, tanto que eu tenho colegas que engravidaram e tudo e pensaram em tirar, quando eu estava grávida num momento de raiva meu, eu apoiei elas a tirarem, por que de uma certa forma a criança atrapalha bastante a vida, mas hoje eu procuro ficar neutra, eu não opino em absolutamente nada, por que isso mudou em mim, eu não engravidado de forma nenhuma mais, eu vou colocar um DIU, vou colocar para o mês, não pretendo engravidar de forma nenhuma, por que eu tenho certeza que se acontecer agora novamente eu não vou ter coragem mais de tirar. Independente de eu viver com outra pessoa, filho pra mim mais não existe, até por que eu nem penso em morar mais com ninguém, eu penso agora só em estudar, me preparar pra fazer um vestibular e lutar pra conseguir fazer uma faculdade, eu não penso mais em nada, eu tô procurando esquecer o passado, já que o passado pra mim tem sido muito sofredor, e procurar ser feliz. O aborto foi uma experiência ruim pra mim, muito sofrível, até pro que o certo seria ter tido um pouco de apoio do meu ex-marido, por que o filho era dele, ele sabia que era dele, e eu não tive apoio nenhum, ele não teve nem um pouco de consciência de que eu tinha um filho dele dentro da barriga, que foi um assassinato e tentar amenizar a dor que eu tava sentindo e ele me virou as costas. Até hoje eu tenho raiva dele. Eu ainda me sinto assassina, é horrível, é pior do que chegar em uma pessoa que me fez algum mal ir lá e matar, por que pelo menos ela me fez alguma coisa, agora a criança não me fez nada, e ela é meu filho, é meu sangue, é muito triste, eu me sinto muito triste, eu não gosto de conversar sobre isso. Eu tenho esse peso na consciência, acho que nada melhora, nem eu engravidando de novo. Eu procuro conversar com as pessoas que eu conheço pra procurar não engravidar indesejadamente, procurar fazer um planejamento, procurar usar um preservativo, pra não passar pelo que eu passei.

Entrevista 13 - JASPE

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Foi não ter condições de criar a criança, não ter onde botar a criança, por que eu sobrevivo de uma pessoa que me ajuda que é o companheiro, se eu tivesse essa criança ia ser um sofrimento muito grande por que eu já tenho um filho e eu não tenho onde morar, moro em casa alugada e eu não tinha como ter essa criança, eu não ia querer botar a criança num orfanato, eu não queria que a criança sofresse, por que não ia ter o que comer, onde morar, ela ia sofrer junto comigo, eu não ia suportar ver a criança sofrer, às vezes a pessoa pensa assim: ah abortou por que quer festa, quer curtir a vida, por isso que tirou a criança, mas não sabem o

sofrimento da pessoa, não sabe o que é que a pessoa passa, o que a pessoa vive. Eu não trabalho, meu marido tem uma outra família também, eu vivo pela misericórdia de Deus, por que num momento ele tá bem comigo, noutro momento ele me bate, me xinga me bota pra fora, me humilha, vários tipos de coisa, chega até dói quando eu falo. Não gosto nem de falar, por que dói demais, ainda mais quando a gente não tem um trabalho, quando a gente não pode se manter, eu dependo dele. Tudo isso me fez tirar. Quando eu descobri que tava grávida ele não disse nada, ele mudou completamente, saia de casa e não voltava, não comprava as coisa pra casa, ficou dois meses sem pagar aluguel, várias coisas que ele fez, e aí eu resolvi tirar, foi muito difícil, sofri bastante, eu sofria pelo simples fato de estar esperando um filho dele e ele não me dar uma força, não me dar uma ajuda, eu queria que ele me desse uma ajuda, uma força, eu chamava ele pra conversar e ele não me dizia nada, só agia de modo grosseiro, me xingava, não queria saber de nada.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Quando eu soube que tava grávida eu queria ter, mas devido ao que eu vivo, eu disse: eu não posso ter essa criança, se eu tiver eu vou me prejudicar por que eu dependo dele, e minha vida vai ficar mais difícil, por que eu vou ficar com outra criança pequena, e minha vida vai ser mais de sofrimento e eu não vou poder fazer nada por mim nem pela criança e nem pelo meu outro filho, então eu resolvi tirar a criança e trabalhar. O aborto foi muito ruim, por que assim é sofrimento, é dor, humilhação, é perda de uma coisa de ta saindo de dentro de você, a gente ta perdendo uma coisa que é da gente, que a gente não sabe o amanhã ou depois, é difícil, não sei explicar. Ao mesmo tempo senti alívio e ao mesmo tempo não, por que eu queria a criança, mas toda minha situação me fez tirar a criança, mas não sinto culpa nem arrependimento. Foi muito difícil, por que até pra tomar o cytotec® eu não queria contar pra minha mãe, por que ía ser um sofrimento pra ela, ía doer muito pra ela, eu não queria que ela sofresse, mas a única pessoa que eu podia contar era pra minha mãe, mas eu não contei, por que eu fiquei com medo de machucar ela, ela ía ficar com raiva dele e ela também é muito sofrida e ela não ía poder fazer nada por mim. A minha tia que já fez aborto, me amostrou aonde vendia e me dizia pra eu ir lá comprar que lá era certo, aí eu fui lá e comprei, meu companheiro me deu o dinheiro, eu pedi pra ele, ele não falou nada só fez me dar o dinheiro, custou R\$17,00 cada comprimido, é difícil, por que eu fiquei com muita vergonha, mas eu pensei: eu tenho que ir, eu tenho que comprar. Eu voltei pra casa, chorei muito, fiquei muito triste, por que eu não tinha ajuda, não tinha ninguém do meu lado pra me dar um apoio, pra me dar uma ajuda, eu tava sozinha, foi aí mesmo que eu disse: eu tenho que fazer, por que a

criança vai realmente sofrer. Eu fiz o aborto sozinha, foi uma menina conhecida que fez também o aborto e ela me disse como é que botava, eu quebrei o remédio e botei creme vaginal e coloquei na vagina e fiz o que ela mandou, botei as perna pra cima e fiquei esperando a dor, eu coloquei umas 2h da manhã, aí meu companheiro depois chegou e eu falei que tinha botado e deitou do meu lado. Mas olha como ele é canalha, por que ele me deu o dinheiro pra comprar o comprimido, mas ele não queria ficar do meu lado, por que ele disse: se acontecer alguma coisa com você depois eu que vou ser responsável, então não quero nem ficar do seu lado. Ele disse assim: então eu vou lhe dar o dinheiro e você faça sozinha por que eu tô com medo de acontecer alguma coisa e sua família me fazer alguma coisa, aí eu disse a ele que eu não podia ficar sozinha por que se eu sentisse uma dor e acontecer alguma coisa quem é que vai ficar do meu lado? Aí vai ser pior por que eu vou morrer aqui e aí vão te culpar mesmo, aí ele disse ta bem, eu vou ficar do seu lado mas não me respondo por nada. Ele ficou e não ficou, por que eu tomei o remédio e ele ficou, depois ele foi embora, aí eu comecei a sentir muita dor e madei o menino ligar pra ele aí ele voltou era umas 9h da manhã do outro dia, eu não dormi, eu tava com aquele negócio na cabeça, pensando: eu tô abortando! Eu ficava com a sensação de morrer, medo de acontecer alguma coisa comigo, deu ter uma tontura, cair, desmaiar e eu tar sozinha, a bolsa rompeu, saiu água, eu sangrei bastante, mas não saiu mais nada. Aí ele me trouxe pro hospital e foi embora, eu só pensava na humilhação em chegar aqui no hospital, foi difícil por que eles perguntam o que foi, eu fiquei com medo, por que a médica mandou tirar a roupa e abrir as pernas, eu fiquei com muito medo, por que eu nunca fiz isso, o aborto e fiquei com medo de doer, não sabia o que ia acontecer, então fiquei com muito medo, aí elas fazem ignorância, as enfermeira disse: "ah uma mulher que já tem um filho, que faz aborto, com medo de que?" Na hora de fazer o aborto ninguém tem medo. Elas critica muito, humilha muito, eu fiquei ouvindo, não podia dizer nada, nem fazer nada, por que realmente elas tava certa, mas elas não deve machucar as pessoa sem saber por que, qual o motivo. A médica me criticou, ela me disse: ah uma mulher dessa que já tem um filho, que faz um aborto, já deve ter feito vários aborto aí pra ficar tirando onda. Eu fiquei quieta, por que fiquei com medo de quanto mais a gente contrariar pior pra gente né! Ela me examinou, eu fiquei com medo, ela foi bruta na hora de meter a mão, eu dizia a ela que tava doendo e ela dizia: oh minha filha se você continuar assim eu vou parar e você vai ficar aí e eu vou dar lugar à outra. Pronto aí eu tive que suportar minha dor quieta! Aí ela mandou me internar pra fazer a coletagem, eu fiquei com medo assim na hora de doer, de machucar, de morrer, de não voltar, aí eu tomei a anestesia e não vi mais nada. Quando eu acordei eu tava esperando pra vir pro quarto, aqui eu tô pensando muito depois de tudo, eu quero que minha

vida muda, eu não quero mais viver do jeito que eu tava vivendo, ainda mais com ele. No momento eu tô pensando assim: se no momento difícil da minha vida que eu mais precisei dele, ele não tava do meu lado, o que é que eu vou fazer mais com ele. No momento eu penso em dar meu filho pra alguém olhar e sair pra procurar um emprego, quando eu chegar em casa eu vou ter uma conversa séria com ele, só não sei se ele vai querer, se ele não quiser problema dele, eu vou procurar um emprego mesmo assim. Eu vou lutar pra mudar minha vida.

Entrevista 14 - ÂMBAR

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Eu não tenho condições de ter um filho agora, eu sou muito nova, meus pais também não queriam aceitar. Eles falaram que não iam me ajudar, que não iam querer meu filho em casa, acho que sou imatura também pra ter um filho, acho que não ia conseguir criar, eu quero me formar, estudar ter minha casa.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Foi mal, no começo eu tava em duvida ainda mas depois eu tomei a decisão que teria mesmo que fazer, que não teria outro jeito, eu falei pro meu namorado e ele queria ter, ele falou que não ia me ajudar a fazer o aborto por que ele queria ter, mas ele não ia ficar próximo de mim, eu sei, queria ter alguma coisa como que me segurasse com ele, mas não ia ficar comigo. Foi um pouco difícil, fiquei na dúvida, fiquei triste, chorei, uma colega me falou onde vendia, e eu fui lá comprar, paguei R\$20,00 cada comprimido e comprei três, coloquei dois na vagina e tomei um. Uma colega que já tinha feito aborto me ensinou, eu dividi um comprimido em duas parte e ia botando metade de cada vez com o aplicador, fiquei deitada com as pernas pra cima, só que eu não agüentei ficar com as pernas pra cima mas fiquei deitada, eu coloquei no domingo passado, demorou pra fazer efeito, por que eu já fiz outra vez e não demorou tanto, da outra vez demorou umas 3 horas e dessa vez demorou umas 8h, e já desceu o bebê inteiro, eu já tinha uns 4 meses, foi horrível ver, eu chorei muito, fiquei nervosa, arrependida, falei várias vezes durante ele descendo que eu tava muito arrependida de ter feito, meu namorado ajudou, mas ele não quis ver, eu peguei, toquei várias vezes, mas aí depois ele caiu no vaso e não vi mais nada depois, aí eu fiquei sangrando na segunda, e na terça comecei a sentir febre dor e sangrando pouco, fiquei com febre todos esses dias e aí eu vim pra cá ontem 6^a feira, eu tinha medo de ter outro bebê dentro da barriga, de morrer. Eu vim sozinha pro hospital, meus pais sabiam que eu vinha, eles diziam que não concordavam

em eu ter feito o aborto, mas também não queriam a criança. Eu vim ontem e hoje já fiz a curetagem, depois da curetagem senti alívio por não tar mais sentindo nada do que eu tava sentindo. Tá sendo muito ruim, muito triste, muito sofrimento, não tô me sentindo legal, toda hora vem a lembrança na cabeça, o arrependimento, penso que não devo fazer mais, vou tomar mais cuidado, por que tudo isso é muito ruim, eu fiquei com infecção. Acho que agora minha vida vai ser normal, mas tenho medo dos meus pais me olharem de forma diferente, não sei, aí vou me sentir mal. Agora meu namoro eu não quero mais, ele não queria que eu tirasse, ele me ajudou na hora, mas não ajudou como deveria ter me ajudado, ele foi embora e na hora que eu mais precisava ele sumiu. Meus pais cuidaram de mim, vai ser difícil voltar pra casa, enfrentar meus pais, por que da 1ª vez eles não sabiam que eu tinha feito, mas agora eles já sabem e eu não sei de que forma eles vão me olhar, eu tenho medo que eles me julguem, não sei explicar, eu acho que o que fiz é errado e eles podem me julgar. Eles não vão me botar pra fora de casa, mas tenho medo como vão me olhar, como vão me tratar, é difícil isso, só penso nisso. E também se meu namorado me procurar vai ser difícil, fico triste, não sei explicar, acho que ele vai me procurar mas não sei como vai ser, não sei mais nada.

Entrevista 15 - ESMERALDA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Foi a necessidade, que eu tenho uma filha pequena, então eu não queria ter um filho pra que fizesse ele sofrer nem jogar como se fosse um cachorro um animal, como muita gente faz. A necessidade financeira, por que no caso eu teria que cortar alguma coisa pra minha filha, que no caso eu não quero deixar faltar pra ela, pra praticamente dar pro outro que estaria mais novo. Também por que no caso voltei da licença maternidade há pouco tempo e eles não gostar e por causa da gravidez recente eles mandar embora.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Foi muito ruim, a sensação, de ficar triste de tar fazendo aquilo, o medo de perder sangue por que no caso eu tive hemorragia, medo que aconteça alguma coisa, medo de morrer, eu penso na minha filha, no caso tem meu esposo e minha mãe pra olhar, mas no caso ela ia sentir minha falta, por que ela só tem 9 meses. Triste por que eu quero ter um filho e por não estar mais realizando esse sonho, por que no caso tive que adiar e por fazer tudo isso, o aborto. Foi uma experiência nada boa, fica marcas, eu fico um pouco triste, um pouco não, fico aliviada, às vezes penso como seria se tivesse a criança, como não seria, por que eu

queria um menino e se fosse, não sei talvez sentisse um pouco de culpa, mas não dá pra saber. Quando descobri que tava grávida eu conversei com meu esposo que eu queria abortar e ele não queria, ele me metia medo, dizia que eu podia morrer, que eu poderia ter uma hemorragia, que eu poderia ter um problema e não poder ter mais filho, mesmo com tudo isso eu me decidi sozinha, eu só conversei com ele. Eu falei com uma colega que eu queria fazer aborto e ela me falou onde vendia o comprimido e aí eu pedi pra meu esposo ir, no começo ele não queria ir, só depois acabou que eu conversei com ele, mostrei pra ele que não teria condições de ter mais um filho agora, aí depois ele foi se conformando e aceitou. Ele comprou 2 comprimidos, não sei quanto custou, aí eu tomei um e coloquei um, a minha amiga me disse que eu poderia colocar puro, mas fiquei com medo e usei com uma pomada transvaginal, eu amassei e misturei com a pomada e coloquei na vagina, eu coloquei à noite quando fui deitar pra dormir e fiquei esperando, não ficava pensando nada por que eu já tava bem decidida, aí quando foi pela manhã eu comecei a sangrar, eu só ficava com medo de me acontecer alguma coisa, passei 15 dias sangrando, no começo eu tive no Caribé, mas o médico lá me pediu uma ultrasonografia e passou um medicamento pra parar de sangrar, ele queria constatar se eu estava grávida ou não, mas eu já tinha feito o beta no sangue e tinha dado positivo, aí eu tomei o medicamento e parou de sangrar, mas quando foi nessa 5^a feira que já tinha 12 dias eu comecei a sangrar muito, começou a jorrar sangue de novo e aí vim pra cá pro Tsylla, saiu restos de sangue, pedaços de bolsa, não saiu bebê por que ainda não tava formado, tinha 1 mês ou menos de 1 mês. Minha mãe me trouxe pro Tsylla, eu fiquei com medo por que eu tava muito fraca por causa do sangramento e desmaiei lá embaixo no atendimento, minha mãe não sabia que eu fiz o aborto, aí quando ela veio na visita depois que eu fiz a coleta eu conversei com ela e contei. Eu vim na 5^a feira umas 2h da tarde e fiz a coleta na 6^a feira umas 6h da tarde, eu sangrei muito e depois parou mais de sangrar, quando eu cheguei e tava com hemorragia a enfermeira disse que eu tinha que esperar por que tinha gestantes pra ter nenê, pra atender na minha frente, depois que eu desmaiei é que fui ser atendida. Primeiro eu fiquei assustada, por que tinha uma menina que me contou um bocado de coisa, ela me contou que tirava o útero, que tomava raqui, que colocava o útero pra fora, que ela viu tudo! Era a 6^a coleta dela! Eu fiquei assustada pelo que ela dizia por que eu nunca tinha feito coleta, eu achava que eu não ia agüentar, de perder mais sangue, de ter alguma hemorragia e até morrer, mas eu não vi nada por que eu dormi, quando eu veio aqui pra cima eu já tava melhor, não tava sentindo mais nada, não tava mais sangrando nada. Depois eu fiquei mais tranqüila, mais aliviada por que fiz o que eu queria, e agora eu só quero ir pra casa. Quando chegar lá acho que minha mãe não vai dizer nada não, ela não disse nada até agora, não sei a reação das

pessoas, com meu esposo ele já aceitou, ele disse que era uma decisão minha, no caso se eu tivesse decidida a aquilo ia ser aquilo. Ele ficou preocupado por que só eu e ele sabia, e no caso se acontecesse alguma coisa comigo, as pessoa ia colocar a culpa nele, ele ficou com medo e me pedia pra não tirar e no caso as pessoa poderia achar que ele poderia ter me forçado a fazer. Agora ele também ficou aliviado por que deu tudo certo. Minha vida já ta normal agora, eu não posso deixar que isso me abata, tô tranqüila, não tô sentindo culpa.

Entrevista 16 - TURQUESA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Por que eu tô nova pra ter filho pequeno, não tenho condições nenhuma, não é financeira é por que não quero e não gosto do pai do meu filho,o problema é que eu não gostava dele e é ruim ter um filho com alguém que a gente não gosta.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Foi medo de morrer. Eu descobri que tava grávida por que fiz ultrassom e contei pra minha mãe e ela não queria deixar eu tirar não, eu contei pro meu namorado e ele também não queria que eu tirasse a criança, eu terminei com ele, aí eu peguei e botei escondido o remédio, minha mãe disse que era errado abortar, ela não falou por quê era errado, mas eu acho também que é errado, que é errado é né? Agora por que eu não sei! por quê eu cheguei aqui há muito tempo e eles demoraram pra me atender quando souberam que botei cytotec®, então quer dizer que a coisa é errada, tirar é errado. Eu fui pra clínica de aborto, foi um amigo que me falou da clínica, mas eu fui com medo de enfiar ferro em mim, aí eu fiquei com medo e não fiz, eu não sabia o que podia acontecer, aí eu voltei pra casa tirei o dinheiro no cartão e comprei 4 comprimidos de cytotec® paguei R\$20,00 cada comprimido, eu conheço a pessoa que vende, não foi difícil, eu tava bem decidida, minha prima me ensinou como fazer, por que ela já tinha feito aborto, aí eu botei os comprimido com a pomada no aplicador vaginal e coloquei, eu coloquei os 4 comprimidos de uma vez, aí eu fiquei sentindo dor, dor, e vim pra cá, eu sentia cólica, eu não vi bebê nenhum, só vi sangue, não senti mais nada, não fiquei arrependida. Aqui demorou muito pra me atender, eles perguntam o que foi e aí demoram pra atender quando falei que usei cytotec® e também por que tem muita gente pra ser atendida na minha frente, eles não falam nada, trata bem mas demora pra atender. Eu não gosto nem de lembrar, de falar, eu fiquei em jejum até agora, 2 dias sem comer, depois da curetagem agora tô mais aliviada, eu tava com medo de morrer de acontecer alguma coisa, de não poder ter

mais filhos. A minha família é contra isso, o aborto, e aí a minha mãe falou que era errado, que eu era leviana, que não tinha juízo, eu ouvi calada por que eu tô errada mesmo. Depois que minha mãe conversou comigo, que eu poderia ter, que ela ia aceitar numa boa, aí eu entendi ela, aí me senti culpada, mas eu que não quis mesmo, eu estudo ainda, ia atrapalhar minha vida. É ruim lembrar, arrependimento eu não sinto não, eu não sinto nada, tô tranquila, agora eu vou continuar minha vida, meus estudos. É ruim falar, não gosto de falar dessas coisas, não gosto de lembrar! (não quis mais falar).

Entrevista 17 - ÔNIX

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Pelo pai (ex-namorado) ter me agredido, por eu não ter condições financeiras, já tenho uma filha, não tenho condições de criar, não tenho trabalho de carteira assinada, não tenho segurança, e você ter um filho pra não ter segurança nenhuma, pra ver sofrendo, com fome. O principal foi a agressão do meu ex-namorado e a rejeição da família dele, por que a família dele não aceitava, acho que não seria bom nem pra mim nem pra criança, ser um filho rejeitado e sem condições nenhuma de criar.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Eu me senti aliviada por ter conseguido, eu acho que evitei muita coisa. Antes eu tava desesperada, eu não sabia como começar, por onde fazer, eu pedi ajuda do meu namorado atual Vitor e ele me ajudou por que ele sabe das minhas condições, ele sabe que eu não tenho, que eu não posso, eu penso em estudar, eu penso em crescer, e ele me ajudou, me deu apoio, me falou aonde vendia o comprimido, ele me disse: o que você precisar você me diz que eu faço, aí ele me disse onde vendia, me deu o dinheiro e eu comprei, cada comprimido foi R\$15,00 comprei 2, coloquei 1 e bebi outro. Eu tava bem decidida, eu já sabia como fazer, por que eu já tinha feito um e várias colegas tinha feito também, eu tinha 2 meses de gravidez, eu botei o comprimido, amassei e coloquei com creme vaginal, 5 min depois que eu coloquei comecei a sentir dor, eu achei muito rápido, eu senti dor, começou o sangramento, aí eu fui no banheiro e saiu uma coisa lá que eu não vi o que era, não dava pra ver se era bebê, eu sangrei muito, eu sabia que eu tava decidida mesmo a fazer, quando eu vi, eu pensei que a metade dos meus problemas taria resolvido, senti aliviada, aí eu vim pro hospital, foi meu namorado atual que me trouxe, demorou muito pra atender, eu falei que era aborto, primeiro eu menti, eu falei que eu caí, aí eles falaram: “você não caiu nada, aqui ninguém é besta, todo mundo sabe que

aqui todo mundo toma remédio” eu menti por que fiquei com medo por causa do tratamento aqui como é, por que eu vi uma menina aqui ontem, colocou o remédio aqui mesmo, eu acho que eles acham que aqui pode colocar o remédio mas em casa não pode, aí eles fizeram isso, e ela ficou aí sentindo dor, eles falando: “deixa ela aí, o efeito é esse mesmo” e da outra vez que eu vim também a mulher falou que se caísse no chão algum resto, alguma coisa eu ia ter que pegar, entendeu. Então por tudo isso eu fiquei com medo de dizer a verdade, aí eu pensei: “eu vou ter que falar a verdade e seja o que Deus quiser né”, eu tinha medo de ir presa, mas ninguém procura saber por que fez, por que às vezes todo mundo acha que é assassino, que tá tirando uma vida, mas às vezes eu acho que é melhor fazer isso pequeno, que você não conhece, que você não tá vendo, você sabe ali que é uma vida mas se poder evitar que isso vá acontecer pra não ficar aí mais uma criança no mundo. Eu me senti um pouco assassina, sei lá, não é isso que eu quero pra mim, não esquece mesmo, eu pedi perdão a Deus, por ter feito o aborto, eu não tenho religião mas acredito em Deus, por que a criança não tinha culpa, mas só que eu pensei que eu tomei remédio, eu procurei evitar e tudo, por que eu não posso, eu tenho asma, eu tava doente. Eu me senti mais aliviada de pedir perdão a Deus, acho que ele me perdoou sim, por que ele tá aí pra perdoar os pecadores, um aborto não é diferente de um xingamento a um pai uma mãe, qualquer coisa que não agrada a Deus, acho que pra ele o pecado é uma coisa só. Eu acho que o que eu fiz foi um pecado, não sei se tem perdão, deve ter né! Deus sabe dos meus problemas e das minhas dificuldades, que eu não tenho apoio de minha mãe, de meu pai, eu tenho que me virar sozinha, e jamais eu quero chegar e pegar alguma coisa de alguém, eu quero levar minha vida sempre honestamente, criar minha filha, trabalhar do que for e nunca fazer nada de errado, pra que ela venha a ficar sabendo, pra que eu possa ser presa e ela ficar aí. Meu trabalho também não é uma coisa certa, não tenho carteira assinada, se eu não tivesse o apoio desse meu namorado, não sei o que seria. Quando internei fiquei com medo de acontecer alguma coisa, de tomar medicação errada, qualquer coisa assim. Tive medo de morrer e depois da curetagem me senti aliviada de não ter acontecido nada. Agora tô bem melhor. Eu me senti culpada, por eu ter abortado, por ter engravidado, por eu ter deixado de viver minha vida pra viver a de outra pessoa, eu esqueci de mim pra viver pro pai da criança (meu ex-namorado) e ele não deu valor. Quando eu falei pra ele que tava grávida ele disse que o filho não era dele, quando ele falou isso eu queria ficar só, eu falei pra ele que ia abortar, e ele disse que era pra eu fazer tudo sozinha que ele não ia me ajudar, uma hora ele dizia que ia ajudar, outra hora ele dizia que não ia ajudar. Ele me agrediu um dia quando chegou em casa e perguntou se eu tinha falado com meu ex-namorado e eu disse que não, que tinha muito tempo que não conversava com meu ex-namorado e aí ele me

deu dois tapas na cara e foi embora. Essa vez foi a mais violenta, mas sempre tinha um tapinha um beliscão, brincava, gritava, xingava, mas dessa vez eu resolvi dar um basta, foi a gota d'água, daí eu resolvi fazer o aborto, também ele nunca me levou na casa dele, a família dele não queria o namoro e eu me vi na estrada sem ninguém, eu me senti sozinha eu ainda me sinto só, o único que me apoiou foi meu namorado atual e me dá apoio até agora. Falar sobre tudo isso é horrível, vem tudo na cabeça (chora!). Agora pretendo trabalhar, procurar um método mais seguro, pra que eu nunca mais venha a fazer isso.

Entrevista 18 - AMETISTA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Por que eu tenho um filho, tô sem emprego e o meu filho quem cria é minha mãe desde que ele nasceu. Eu dei pra ela criar, o pai da criança que dá tudo, dinheiro, roupa, convênio, ele arca com tudo. Aí eu peguei e falei: ah eu não vou ter um filho pra brigar com meu namorado pra depois vir embora para casa da minha mãe, por que eu brigo muito com ele, mas ele me dá tudo. Mas eu já tenho 1 filho e sou louca para botar uma lojinha e eu disse pra ele, e ele disse que o filho não empatava não, mas eu acho que ia atrapalhar, aí eu fui e tomei o remédio escondido. Ele queria o filho, mas eu que não queria mesmo. Eu não sabia que tava com 2 meses não, eu achava que tava com 1 mês aí eu disse a ele: é só sangue, ainda não tem nada, não vai ter sofrimento nenhum e eu não vou ver nada.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Eu me decidi só, eu falei com uma colega minha, eu disse a ela: “ah eu vou tomar o remédio” e ela disse: “eu não participo mais dessas coisas não, por que uma vez eu dei o chá a uma menina e ela passou mal e eu fiquei com medo”. Eu já sabia onde vendia, por que eu já tinha feito um, mas eu não comprei no mesmo lugar não, eu paguei R\$10,00 cada comprimido, eu comprei três mas só usei dois, coloquei dois na vagina, eu mesma já sabia que colocava no aplicador do creme vaginal, mas eu não coloquei creme não, eu botei os comprimido no aplicador e botei, depois de 1h e meia mais ou menos eu senti dor, depois de 3h a bolsa pouco e saiu sangue e depois de 5h mais ou menos saiu, tava normal, eu não vi, eu falei pro meu irmão: “ah eu não quero ver” ele que viu e falou a mim, minha mãe chegou do trabalho e ficou falando: “eu não quero essas coisa aqui, eu disse a você pra evitar, já é a segunda vez” aí eu disse olhe não me estresse não, aí eu vim pro hospital. Eu ficava arrependida, eu tava me prejudicando com isso, com medo de morrer por que tava perdendo

muito sangue, aí eu ficava querendo conversar com as enfermeira, aí elas falava: “peça perdão a Deus” eu digo: “eu tô pedindo”, eu acho que o perdão de Deus é importante, ajuda muito! Eu me senti culpada e muito, por que é uma coisa assim inocente, uma criança que não pensa, não é um brinquedo, se a gente parar bem pra pensar e ver, eu acho que minha vida não melhora por causa do primeiro que eu fiz, que é o segundo agora, por que pra mim isso é um grande pecado, eu acho que eu não mereço viver assim, mas eu acho que é um pecado imenso, acho que é um crime, é horrível pensar nisso, por que às vezes eu penso: “porra eu matei uma criança pequena, será que eu teria coragem de matar uma pessoa grande?” aí eu fico assim abismada, muito sentida, triste, e quando eu comento com as pessoas, elas falam comigo como se fosse uma monstruosidade, elas tão me descriminando por que eu fiz 2, aí eu não falo mais nada. Aqui as pessoas me olhavam com ironia, com nojo, assim com olhar de arrogância, como se a pessoa se tornasse um monstro por ter feito, sem saber o motivo por que a pessoa fez, por que não queria, não pode julgar assim dessa forma, quando eu ia tomar a anestesia eu fiquei com medo da anestesia não pegar, de morrer aí uma mulher falou: “não se preocupe não, relaxe” aí a outra falou: “agora você pensa nisso, antes você não pensou, agora que vem pensar, agora pede perdão a Deus”, me deu vontade de falar, de responder, mas se eu dissesse eu ia sofrer mais ainda. Depois da coleta a outra moça falou: “agora você vai pra sala e vai ficar bem”, eu não quero parar pra pensar, por que é pior, só fiquei aliviada por causa da dor e não pelo que eu tinha feito, eu me senti muito mal, não quero parar pra pensar. É ruim pensar nisso, agora quando eu voltar pra casa eu converso com minha mãe e com meu companheiro, mas eu decidi sozinha, mas não quero pensar mais nisso e nem falar mais. (fica em silêncio).

Entrevista 19 - DIAMANTE

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Falta de emprego, por que meu pai não aceita, é um pai muito rígido, eu não tinha pra onde ir, se eu tivesse um emprego eu não faria isso, senti falta de apoio dos meus pais.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Senti falta de apoio dos meus pais, minha mãe sabe mas ela tá com medo de acontecer alguma coisa comigo e de que meu pai saiba, meu pai pensa que eu tô na casa de uma amiga estudando, eu vim ontem pra cá, só quem sabe é minha mãe e meu namorado. Quando eu descobri que tava grávida minha mãe disse que eu não podia ter filho agora, que meu pai ia

me colocar pra fora, por que ele sempre repete isso, ele acha que eu sou virgem, aí ficaria mais difícil para ele se descobrir, aí minha mãe também não trabalha, depende dele, é um pai muito rígido, sempre joga na cara tudo o que dá, e aí ia ficar difícil por que meu namorado também tá desempregado, aí não tem como a gente assumir esse filho agora. Foi muito triste ter provocado o aborto, não gosto muito de ficar lembrando, por que na verdade eu não queria fazer isso, mas é a necessidade, meu pai não ia aceitar de jeito nenhum, ele é muito grosso, ignorante, ele humilha minha mãe e eu em palavras, e poderia ser pior. Quando minha mãe falou pra tirar, eu fiquei com medo, por que eu não queria fazer isso, fiquei com medo do que ia acontecer, tive medo de morrer, de não dar certo e meu filho ficar doente. A minha mãe me deu chá, ela comprou, era chá de hortelã com vinagre e chá de espinho cheiroso, ela que me deu, ela fez de madrugada e me deu, eu tomei uns 4 copos de chá de espinho cheiroso e 1 de hortelã com vinagre. Eu tomei já tem uns 7 dias, eu tomei uns 4 dias os chás, eu chorava muito, e ela chorava também, ela também não queria fazer isso, mas ela tem medo de meu pai, como eu também tenho. No dia seguinte que tomei o chá já começou a fazer efeito, com cólica. Eu fui pra um hospital e falei que tava com cólica e fui medicada e voltei pra casa, aí quando foi mais tarde saiu uma bolinha, mas eu não quis olhar não, aí depois eu vim pro hospital por que a dor e o sangramento tava forte, aí aqui eu fiz ultrassom e um exame, mas ninguém fala nada, é ruim isso, por que ninguém fala nada, eu fiquei sem saber o que vai acontecer. Eu me sinto culpada, eu sou evangélica, acho que isso influencia muito, por que você se sente fora da vontade de Deus, por que essa não é a vontade de Deus, e eu tô me sentindo fora de comunhão com Deus, esses dias eu não fui pra igreja, eu participo de um grupo e esses dias eu não consegui participar, por que eu acho que não sou digna de tar ali, eu me sinto mal com isso, mas eu espero e sei que meu senhor é grande em perdoar, mas eu ainda tô me sentindo culpada, é ruim, é triste, aqui quando todo mundo vai dormir, eu fico aqui pensando e chorando, eu penso que queria ter um emprego, aí tudo ia ser diferente, nem que eu ganhasse um salário só... (chora muito), aí ia ser diferente, é difícil, eu saio tanto, coloco tanto currículo mas não consigo, é horrível seu pai tar jogando na sua cara que você tem 22 anos, que você não tem emprego e tá ali às custas dele, é difícil, ele não gosta do meu namorado também, aí eu tenho que ver meu namorado na rua, se ele me vê na rua com ele, ele me xinga, me coloca no táxi, ele já me fez passar muita vergonha, me xingando, aí chegando brigando com minha mãe e ela dormindo, e ela não tem nada a ver e ele briga. Eu não sou uma má filha, eu fico em casa pra igreja, da igreja pra casa. Ele já me humilhou muito, ele joga na minha cara sempre que até hoje tem que me sustentar, eu moro de aluguel e é ele que paga as coisas, paga tudo e aí fica difícil. Eu espero que essa culpa que eu sinto não me

empate assim sabe, nas coisas, eu sei que não vou ser mais a mesma, eu vou tomar muito cuidado, eu não quero ter filho agora, não posso e não vou mais fazer isso. (chora muito). Eu me sinto só, por que por mais que a pessoa esteja ali do seu lado, não é a mesma coisa. Meu namorado ficou um pouquinho com raiva de mim mas depois ele ficou bem, primeiro ele ficou me acusando: “você matou meu filho, colocou uma arma na cabeça dele” (chora) eu disse a ele que como é que a gente ia ter filho agora, ele mora na casa da mãe dele, ele tá desempregado, eu também tô e a gente ia pra onde?, por que na mesma da hora meu pai ia me botar pra fora, por que meu pai já não gosta dele, já não fala direito comigo, só fala o essencial. Meu namorado disse que realmente se ele tivesse um emprego não ia deixar eu fazer isso. Eu acho que ele depois de tudo isso ele ainda vai ficar me acusando um pouquinho, e eu acho que se ficar assim eu não vou querer, eu tenho 3 anos com ele. Eu acho que a responsabilidade é só minha, por que ele não queria que eu tirasse a criança, ele é louco pra ter filho, mas não tem emprego. É ruim falar, dói a alma, e a minha religião ajuda nisso, se eu me arrepender acho que melhora. Eu me arrependi muito, mas aí vem, eu penso: “se você tivesse a chance de voltar atrás o que você faria”, aí eu digo: “sem emprego, sem ter como sustentar meu filho, como é que eu ia ter?” aí a minha mãe ia ter que virar as costas pra mim, por que meu pai sem eu ter filho e achando que eu sou virgem ele já fez essa proposta a minha mãe, que era pra minha mãe escolher ou eu ou ele, sendo filha dele! Eu acho que ele virou assim comigo depois que eu aceitei Jesus, ele critica, xinga o pastor, já me impediu várias vezes de ir pra igreja, ele não é mau sabe, mas ele é muito materialista, pra ele você vale pelo que você tem e não pelo que você é. Eu já pensei que assim que eu ficar melhor, sair denovo, voltar a colocar currículo e tomar injeção pra evitar. Engraçado que eu sempre fazia um caderninho de perguntas quando eu tinha 15 anos e eu colocava: o que você acha do aborto? E eu respondia: “eu nunca faria isso, custe o que custar eu ia ter meu filho” e hoje tá um pouquinho diferente, a gente se vê assim, e vai pra onde? Vai morar onde? Não tem nem dez reais no bolso e vai fazer como? Aí eu fiquei pensando nisso. Foi bom falar, desabafa um pouquinho né!

Entrevista 20 - ÁGATA

Qual o motivo que levou você a fazer este aborto?

Por que meu namorado já tem 3 filhos e acho que eu não tava preparada pra ter mais um filho agora, por que eu já tenho uma filha de 2 anos. Ele e minha mãe achavam que era muito cedo pra ter um filho agora, que nós teríamos um filho depois, nós dois concordamos

em fazer o aborto agora mas eu não queria fazer, por que eu já passei por um aborto e eu não gostei e depois me senti culpada com a consciência pesada e eu achei que ia sentir aquela mesma coisa e por isso eu não queria fazer, mas por causa dele e de minha mãe eu me senti na parede, por que eles me sustentam e aí tive que dizer sim.

Como foi para você ter provocado o aborto?

Foi muito difícil por que eu já passei por isso uma vez, umas 2 vezes e eu não me senti bem em fazer, e só em saber que você tem que fazer forçado é muito, muito difícil. Eu fiquei um pouco aliviada por que eu tava fazendo aquilo por que eu não queria, eu fiz por que eu não tinha o que fazer por que não tinha outra opção e aí a culpa não é tão grande. Foi meu namorado que comprou os comprimidos, ele comprou e me deu, eu tomei 1 comprimido e coloquei outro na vagina na 1ª tentativa mas não fez efeito e depois de uma semana eu fiz o mesmo, minha mãe que preparou tudo e me deu, ela já tinha feito aborto antes e preparou com creme vaginal e só fez me dar e eu introduzi com aplicador e deitei e ela mandou ficar com as pernas pra cima. Depois de 10 horas de relógio eu comecei a sentir dor e sangrar muito, uma dor insuportável e eu senti que eu tava perdendo o meu filho que eu não queria tirar, foi muito difícil, chorei bastante, quando eu coloquei o remédio senti a mesma coisa quase que eu não ia colocar e coloquei por que minha mãe tava junto, chorei bastante antes de colocar o remédio, durante e depois de ter perdido, eu só pensava que eu não tava tendo tanta culpa por que eu não tava fazendo por que eu queria, fiquei pedindo muito perdão a Deus pelo que eu tava fazendo, eu sou católica e sei que ele me perdoou por que o que eu fiz eu não tava querendo fazer. Eu pedia pra ele me perdoar por que eu não tava fazendo por que eu queria (chora muito) eu não queria tirar não. Naquela hora só minha mãe tava comigo, meu namorado tava dando plantão por que ele é auxiliar de enfermagem. Eu vi saindo e fiquei em casa por que meu namorado disse que não tinha problema por que saiu tudo, foi muito difícil ver, tava todo formado, eu não vi nada depois, meu namorado que pegou e eu não sei o que ele fez. Ele e minha mãe falaram que foi melhor assim, que tinha que ser assim, que foi melhor pra mim e pra ele. Por causa disso eu passei muito tempo aqui nesse hospital. (chora) Meu namorado achou que era muito cedo, que a gente não tinha que ter filho agora, a gente tá junto há um ano e dois meses, ele disse que agora não, mas que depois a gente ia ter um filho, aí quando eu vim pro hospital no outro dia por que eu tava passando mal, tava tendo febre, aí quando eu me internei, passei por duas curetagens e o médico disse que eu ia passar por uma cirurgia, aí quando eu fiz a cirurgia foi que eu descobri que meu namorado tava fazendo no mesmo dia que eu a vasectomia, minha tia me contou. Meu namorado conhecia um pessoal

aqui da enfermagem aí quando ele acabou de fazer a cirurgia ele subiu e veio me ver. Eu me senti traída, por que acho que ele devia ter conversado comigo, acho que eu me conformaria mais, mas ele não, ele me traiu, foi traição. Desde quando eu perdi a criança a relação tá abalada, tá muito abalada por que eu não consigo ser mais a mesma pessoa. Eu fiz a 1ª curetagem e continuei sentindo dores, dores, e depois de 5 dias eu fiz a 2ª curetagem eu nem cheguei a sair do hospital, eu tomei muito antibiótico que chegava que não tava mais fazendo efeito, o médico disse que depois da 1ª curetagem a placenta saiu mas depois o útero fechou assim que ela saiu e ficou restos dentro e tinha que fazer a 2ª curetagem, chorei muito por que não queria passar por aquilo de novo, fiquei mais 15 dias depois da 2ª curetagem e aí me mandaram pra casa. Quando cheguei em casa fiquei dois dias sentindo dores abdominais e febre e voltei pro hospital de novo e aí fiz ultrassom e o médico disse que tinha que fazer uma cirurgia por que tava se formando uma massa no meu lado direito do meu ovário e aí quando abriu ele disse que era um tumor e tirou o ovário e a trompa, só que depois do que aconteceu eles vieram me dizer que eu tava grávida na trompa eu tive uma gravidez ectópica e por isso que eu tava sentindo dor depois da curetagem só que mesmo com o remédio do aborto, depois que saiu o remédio tava criando um abscesso e por isso tirei a trompa e o ovário. Depois de tudo isso eu achei que só tinha dois culpados: meu namorado e minha mãe por eu estar passando por aquilo tudo, eu só achei que os únicos culpados eram eles dois. Eu tive uma parcela de culpa, por que se eu fosse mais forte eu tinha dito que não ia tirar e não tirava mesmo. Depois da cirurgia quando voltei pra casa continuei sentindo mal com dores, voltei pra aqui de novo, já retornei pra cá pro hospital uma 7 vezes. Isso já tem uns 8 meses que eu fiz a cirurgia e eu com hemorragia o médico me diz que não sabe de onde vem essa hemorragia e eu acho que tudo isso é por causa do aborto e mais difícil é ter que conviver com eles dois: meu namorado e minha mãe. Eu tenho um sentimento meio estranho, por que sabendo que foram eles dois que fizeram eu passar por aquilo tudo e ter que continuar morando com eles dois. Acho que depois dessa aqui, acho que não vai dar mais pra gente não, pra mim e meu namorado. Foi muito ruim me sentir forçada a fazer o aborto forçada por que eles me sustentam, eu tô com os sentimentos muito atrapalhados, por que eu imagino como vai ser daqui pra frente, por que é muito difícil conviver com 2 pessoas sabendo que fez você sofrer bastante. Por que você perder um filho assim é difícil pra caramba, acho que o aborto é errado tanto pra nós como pra Deus também, é muito errado, por que é uma vida que a gente tá tirando. Eu acho que Deus vai me perdoar por que eu tô pedindo perdão de coração por que ele sabe que eu não queria fazer. Agora a minha relação não tá normal, mas não consigo dizer pra meu namorado, acho que agora preciso de um tempo pra mim, pra eu pensar, pra eu saber

o que vou dizer, pra também não machucar. Não sei o que é que vai ser depois. Apesar de tudo isso, não me senti sozinha por que apesar de tudo ele tava do meu lado e minha tia também. Meu namorado vinha sempre me ver, depois do plantão de noite, acho que pelo meu estado de saúde se sentiam culpados. Minha mãe só veio me ver depois de 9 dias, acho que ela se sentiu com a consciência pesada. Agora é descobrir o por que da hemorragia.

ANEXO A – Distribuição das palavras ecocadas por frequência e ordem média - Evoc 2000

ENSEMBLE DES MOTS			RANGS					
			:FREQ.:	1 *	2 *	3 *	4 *	5 *
alívio			: 12 :	1*	2*	3*	1*	5*
angústia	moyenne :	3.58	: 17 :	2*	2*	2*	2*	9*
arrependimento	moyenne :	3.82	: 36 :	9*	7*	5*	8*	7*
coragem	moyenne :	2.92	: 8 :	2*	1*	1*	4*	
crime	moyenne :	2.88	: 49 :	27*	7*	7*	4*	4*
culpa	moyenne :	2.00	: 39 :	6*	10*	9*	10*	4*
desamor	moyenne :	2.90	: 5 :	1*	1*	1*	2*	
desamparo	moyenne :	2.80	: 8 :	0*	1*	2*	2*	3*
difícil	moyenne :	3.88	: 3 :	0*	1*	1*	0*	1*
dor	moyenne :	3.33	: 75 :	9*	27*	21*	13*	5*
errado	moyenne :	2.71	: 109 :	12*	11*	22*	30*	34*
fraca	moyenne :	3.58	: 3 :	0*	0*	1*	1*	1*
frustração	moyenne :	4.00	: 4 :	1*	2*	0*	1*	
irresponsabilidade	moyenne :	2.25	: 15 :	0*	4*	4*	3*	4*
maldade	moyenne :	3.47	: 5 :	0*	2*	0*	3*	
medo	moyenne :	3.20	: 24 :	3*	6*	5*	6*	4*
morte	moyenne :	3.08	: 31 :	15*	1*	7*	2*	6*
pecado	moyenne :	2.45	: 23 :	7*	4*	6*	2*	4*
preconceito	moyenne :	2.65	: 5 :	0*	2*	1*	1*	1*
raiva	moyenne :	3.20	: 3 :	0*	1*	0*	1*	1*
remédio	moyenne :	3.67	: 6 :	1*	1*	0*	2*	2*
risco	moyenne :	3.50	: 93 :	13*	19*	15*	24*	22*
situação-de-cada-uma	moyenne :	3.25	: 45 :	14*	10*	6*	6*	9*
sofrimento	moyenne :	2.69	: 43 :	9*	9*	7*	6*	12*
tristeza	moyenne :	3.07	: 62 :	11*	15*	18*	11*	7*
vergonha	moyenne :	2.81	: 5 :	1*	1*	2*	0*	1*
vida	moyenne :	2.80	: 4 :	2*	0*	1*	1*	
	moyenne :	2.25	: 732 :	146*	147*	147*	146*	146*
DISTRIBUTION TOTALE								

RANGS	6 ... 15	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
RANGS	16 ... 25	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
RANGS	26 ... 30	0*	0*	0*	0*	0*					

Nombre total de mots differents : 27
 Nombre total de mots cites : 732

moyenne generale : 3.00

DISTRIBUTION DES FREQUENCES

freq.	*	nb. mots	*	Cumul evocations et	cumul inverse
3	*	3	9	1.2 % 732	100.0 %
4	*	2	17	2.3 % 723	98.8 %
5	*	4	37	5.1 % 715	97.7 %
6	*	1	43	5.9 % 695	94.9 %
8	*	2	59	8.1 % 689	94.1 %
12	*	1	71	9.7 % 673	91.9 %
15	*	1	86	11.7 % 661	90.3 %
17	*	1	103	14.1 % 646	88.3 %
23	*	1	126	17.2 % 629	85.9 %
24	*	1	150	20.5 % 606	82.8 %
31	*	1	181	24.7 % 582	79.5 %
36	*	1	217	29.6 % 551	75.3 %
39	*	1	256	35.0 % 515	70.4 %
43	*	1	299	40.8 % 476	65.0 %
45	*	1	344	47.0 % 433	59.2 %
49	*	1	393	53.7 % 388	53.0 %
62	*	1	455	62.2 % 339	46.3 %
75	*	1	530	72.4 % 277	37.8 %
93	*	1	623	85.1 % 202	27.6 %
109	*	1	732	100.0 % 109	14.9 %

ANEXO B – Distribuição dos termos evocados segundo quadrantes do quadro de quatro casas - Evoc 2000

Les 3 colonnes correspondent respectivement :
 au Mot
 à sa Fréquence
 à son Rang Moyen

Le Fréquence minimale des mots est 3

Cas ou la Fréquence ≥ 8
 et
 le Rang Moyen < 3

arrependimento	36	2,917
coragem	8	2,875
crime	49	2,000
culpa	39	2,897
dor	75	2,707
morte	31	2,452
pecado	23	2,652
situação-de-cada-uma	45	2,689
tristeza	62	2,806

Cas ou la Fréquence ≥ 8
 et
 le Rang Moyen ≥ 3

alívio	12	3,583
angústia	17	3,824
desamparo	8	3,875
errado	109	3,578
irresponsabilidade	15	3,467
medo	24	3,083
risco	93	3,247
sofrimento	43	3,070

Cas ou la Fréquence < 8
 et
 le Rang Moyen < 3

desamor	5	2,800
frustração	4	2,250
vergonha	5	2,800
vida	4	2,250

Cas ou la Fréquence < 8
 et
 le Rang Moyen ≥ 3

difícil	3	3,333
fraca	3	4,000
maldade	5	3,200
preconceito	5	3,200
raiva	3	3,667
remédio	6	3,500

ANEXO C – Dicionário de termos evocados – Evoc 2000

- 1; dor; risco; alívio; *crime; errado
- 2; *arrependimento; tristeza; errado; errado; sofrimento
- 3; *sofrimento; remédio; risco; risco; fraca
- 4; tristeza; alívio; *dor; sofrimento; risco
- 5; situação-de-cada-uma; situação-de-cada-uma; *dor; irresponsabilidade; errado
- 6; *risco; situação-de-cada-uma; dor; tristeza; errado
- 7; tristeza; errado; errado; *situação-de-cada-uma; risco
- 8; *morte; tristeza; medo; pecado; errado
- 9; *dor; sofrimento; vergonha; culpa; angústia
- 10; *risco; pecado; risco; risco; risco
- 11; *errado; errado; culpa; culpa; morte
- 12; *risco; tristeza; morte; errado; errado
- 13; *dor; irresponsabilidade; alívio; dor; alívio
- 14; *tristeza; sofrimento; morte; dor; angústia
- 15; *dor; dor; tristeza; risco; angústia
- 16; *risco; risco; dor; risco; errado
- 17; *errado; culpa; errado; risco; risco
- 18; *arrependimento; risco; crime; remédio; remédio
- 19; *crime; dor; errado; coragem; arrependimento
- 20; *culpa; coragem; dor; morte; difícil
- 21; *sofrimento; tristeza; errado; errado; errado
- 22; *crime; situação-de-cada-uma; dor; errado; situação-de-cada-uma
- 23; *crime; errado; morte; risco; risco
- 24; *pecado; sofrimento; vida; risco; angústia
- 25; *crime; pecado; morte; arrependimento; sofrimento
- 26; *risco; dor; medo; risco; situação-de-cada-uma
- 27; *crime; dor; risco; risco; situação-de-cada-uma
- 28; *errado; sofrimento; tristeza; raiva; tristeza
- 29; *pecado; dor; situação-de-cada-uma; risco; errado
- 30; *risco; errado; errado; risco; risco
- 31; *tristeza; tristeza; *dor; dor; angústia
- 32; morte ; desamparo; risco; vida; risco
- 33; *dor; tristeza; tristeza; tristeza; sofrimento
- 34; *morte; risco; sofrimento; maldade; tristeza
- 35; *situação-de-cada-uma; dor; sofrimento; errado; dor
- 36; *errado; arrependimento; dor; risco; situação-de-cada-uma
- 37; *arrependimento; crime; crime; culpa; errado
- 38; *dor; errado; fraca; sofrimento; dor
- 39; *crime; errado; tristeza; errado; risco
- 40; *situação-de-cada-uma; risco; errado; situação-de-cada-uma; errado
- 41; *pecado; risco; errado; crime; irresponsabilidade
- 42; *morte ; dor; vergonha; sofrimento; alívio
- 43; *situação-de-cada-uma; situação-de-cada-uma; difícil; risco; errado
- 44; crime; errado; sofrimento; *risco; risco
- 45; *dor; dor; tristeza; risco; angústia
- 46; *remédio; dor; risco; risco; sofrimento

47;*situação-de-cada-uma;tristeza;errado;coragem ;morte
 48;situação-de-cada-uma;errado;coragem;*situação-de-cada-uma;morte
 49;*sofrimento;dor;tristeza;errado;risko
 50;*vida;frustração;tristeza;crime;angústia
 51;arrependimento;*culpa;pecado;crime;errado
 52;*susto;raiva;irresponsabilidade;risko;errado
 53;*crime;desamor;crime;desamor;tristeza
 54;*crime;dor;tristeza;medo;angústia
 55;*pecado;sofrimento;risko;errado;culpa
 56;*arrependimento;dor;angústia;medo;vergonha
 57;*pecado;crime;irresponsabilidade;coragem;arrependimento
 58;crime;risko;errado;errado;*situação-de-cada-uma
 59;crime;*risko;morte;errado;errado
 60;morte ;culpa;errado;*errado;errado
 61;culpa;*crime;risko;remédio;errado
 62;*risko;preconceito;errado;errado;crime
 63;*errado;errado;tristeza;medo;errado
 64;*risko;situação-de-cada-uma;dor;errado;situação-de-cada-uma
 65;*pecado;dor;crime;tristeza;pecado
 66;crime;maldade;errado;errado;*situação-de-cada-uma
 67;*risko;risko;sofrimento;irresponsabilidade;sofrimento
 68;angústia;medo;*tristeza;errado;remédio
 69;*morte;crime;risko;risko;risko
 70;*situação-de-cada-uma;dor;risko;errado;errado
 71;*vida;risko;risko;dor;morte
 72;*crime;errado;dor;risko;errado
 73;*situação-de-cada-uma;risko;crime;maldade;morte
 74;*situação-de-cada-uma;culpa;morte;sofrimento;risko
 75;morte ;crime;*pecado;dor;irresponsabilidade
 76;*tristeza;dor;culpa;morte;errado
 77;crime;situação-de-cada-uma;*pecado;culpa;tristeza
 78;*morte;crime;dor;risko;errado
 79;*crime;dor;errado;risko;tristeza
 80;*errado;culpa;dor;tristeza;medo
 81;*crime;errado;dor;medo;risko
 82;errado;risko;tristeza;dor;*dor
 83;*frustração;vergonha;alívio;sofrimento;dor
 84;*morte;crime;situação-de-cada-uma;errado;errado
 85;risko;*medo;risko;errado;situação-de-cada-uma
 86;angústia;alívio;arrependimento;tristeza;*crime
 87;*arrependimento;dor;errado;chato;risko
 88;medo;sofrimento;*risko;angústia;medo
 89;*situação-de-cada-uma;tristeza;medo;dor;risko
 90;*crime;medo;tristeza;errado;errado
 91;situação-de-cada-uma;medo;medo;*situação-de-cada-uma;errado
 92;*risko;pecado;errado;culpa;errado
 93;*sofrimento;morte;tristeza;sofrimento;risko
 94;*morte;dor;pecado;risko;desamparo

- 95;*pecado;dor;tristeza;situação-de-cada-uma;sofrimento
- 96;tristeza;*culpa;irresponsabilidade;irresponsabilidade;arrependimento
- 97;*crime;risco;dor;tristeza;errado
- 98;coragem;*situação-de-cada-um;arrependimento;culpa;arrependimento
- 99;*tristeza;culpa;desamparo;errado;irresponsabilidade
- 100;*arrependimento;tristeza;culpa;arrependimento;sofrimento
- 101;*crime;dor;risco;situação-de-cada-uma;errado
- 102;*crime;tristeza;dor;errado;errado
- 103;arrependimento;irresponsabilidade;irresponsabilidade;errado;*crime
- 104;situação-de-cada-uma;*dor;morte;errado;risco
- 105;*sofrimento;dor;angústia;errado;errado
- 106;risco;risco;dor;*risco;morte
- 107;sofrimento;*arrependimento;dor;errado;risco
- 108;*medo;dor;arrependimento;tristeza;errado
- 109;*crime;dor;errado;dor;pecado
- 110;*errado;tristeza;dor;risco;sofrimento
- 111;*coragem;arrependimento;culpa;dor;raiva
- 112;errado;tristeza;dor;arrependimento;risco
- 113;morte ;*arrependimento;situação-de-cada-uma;dor;tristeza
- 114;*alívio;dor;sofrimento;errado;arrependimento
- 115;dor;risco;*errado;errado;risco
- 116;*culpa;medo;crime;arrependimento;angústia
- 117;medo;tristeza;*errado;dor;errado
- 118;crime;dor;*risco;errado;alívio
- 119;crime;irresponsabilidade;*desamor;errado;errado
- 120;crime;*sofrimento;risco;dor;errado
- 121;*tristeza;sofrimento;crime;errado;errado
- 122;desamor;*arrependimento;tristeza;dor;arrependimento
- 123;*morte;frustração;preconceito;culpa;pecado
- 124;*crime;culpa;tristeza;desamparo;sofrimento
- 125;culpa;*pecado;pecado;frustração;sofrimento
- 126;tristeza;culpa;*culpa;arrependimento;sofrimento
- 127;situação-de-cada-um;arrependimento;*pecado;arrependimento;sofrimento
- 128;*crime;sofrimento;tristeza;culpa;irresponsabilidade
- 129;errado;*situação-de-cada-uma;errado;tristeza;pecado
- 130;errado;tristeza ;culpa;coragem;*crime
- 131;arrependimento;culpa;situação-de-cada-uma;*pecado;risco
- 132;culpa;difícil;*dor;desamparo;desamparo
- 133;situação-de-cada-um;*situação-de-cada-um;situação-de-cada-um;arrependimento;culpa
- 134;*culpa;arrependimento;culpa;arrependimento;tristeza
- 135;risco;*risco;culpa;maldade;situação-de-cada-uma
- 136;*crime;risco;errado;tristeza;culpa
- 137;*tristeza;angústia;sofrimento;angústia;desamparo
- 138;morte ;tristeza;medo;desamor;*medo
- 139;*sofrimento;irresponsabilidade;arrependimento;alívio;medo
- 140;dor;angústia;tristeza;medo;*culpa
- 141;*sofrimento;*medo;dor;tristeza;dor
- 142;*morte;maldade;sofrimento;tristeza;alívio

143;errado;*situação-de-cada-uma;situação-de-cada-uma;culpa;alívio
144;*vergonha;preconceito;desamparo;preconceito;preconceito
145;sofrimento;dor;culpa;fraca;*falta-de-coragem
146;tristeza;risco;arrependimento;*culpa;arrependimento
147;*morte;risco;errado;medo;risco

ANEXO D - Parecer do comitê de ética em pesquisa



Governo do Estado da Bahia
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

PARECER Nº 20/2006
Registro CEP: CAAE – 0016.0.053.000-06

I. Identificação:

Projeto de Pesquisa: “Representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado”

Pesquisador Responsável: Bárbara Angélica Gómez Pérez

Instituição onde se realizará: Maternidade Pública da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia.

Área de Conhecimento: **4.00 e 4.04** Nível: Grupo: **III.**

II. Objetivos:

Estudar as “representações sociais” de mulheres sobre o aborto provocado, tendo como campo de estudo uma maternidade pública em que são atendidas mulheres que provocaram aborto.

III. Sumário do projeto:

Propõe estudar as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado e suas repercussões a saúde feminina: sexual, reprodutiva e mental e suas repercussões para a vida familiar.

IV. Comentários e Parecer do (a) relator (a):

Após a revisão do projeto que foi anteriormente solicitada, foi feita a reapresentação, observando as formalidades no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Persistem algumas questões de apossamento e uso da teoria das representações e metodológicas, mas, que não comprometem seriamente a realização do estudo proposto por se tratar de divergências quanto a pontos de vista. Recomendamos, portanto, que a proponente seja autorizada a realizar o estudo proposto.



Governo do Estado da Bahia
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

V. Situação do projeto:

Recomendado para realização de estudo no serviço público de saúde pretendido. **APROVADO**

Salvador, 30 de agosto de 2006.

Atenciosamente,

ANA MARIA FERNANDES PITTA

Coordenadora do CEP-SESAB

ANEXO E – Aprovação do comitê de ética em pesquisa



Governo do Estado da Bahia
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

Ofício nº36/2006
Ref.: Devolução de Projeto

Salvador, 30 de agosto de 2006.

ESTIMADA
Bárbara Angélica Gómez Pérez
PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Projeto de Pesquisa: "Representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado".

Pesquisadora Responsável: Bárbara Angélica Gómez Pérez

Situação do Projeto: **APROVADO**

Estamos encaminhando para seu conhecimento e providências, o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da SESAB, reunido em 30 de agosto de 2006.

O projeto pode ter continuidade uma vez que atende aos requisitos éticos para a pesquisa envolvendo seres humanos.

Nesse sentido, o Comitê decidiu por sua aprovação, lembrando ao pesquisador (a) a necessidade de informar esse Comitê do relatório parcial e ou final no período de 6 (seis) meses a 1 (um) ano conforme recomendação da Resolução nº 196/96, IX – 2 c.

Estamos anexando ainda cópia do Parecer elaborado pelo relator, para o seu conhecimento.

Atenciosamente,

ANA MARIA FERNANDES PITTA
Coordenadora do CEP-SESAB

EESP – Escola Estadual de Saúde Pública da Bahia
Rua Pedro Conselheiro Luís, Nº 171 – Rio Vermelho.
Tel: (71) 3116-5333 Fax: (71) 3116- 5324
E-mail: cepsesab@saude.ba.gov.br